



**SIMONE
DE BEAUVOIR**
A MULHER
DESILUDIDA

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

A MULHER DESILUDIDA

SIMONE DE BEAUVOIR

Título do original: "LA FEMME ROMPUE"

1968

Tradução de HELENA SILVEIRA

Difusão Européia do Livro

I - A IDADE DA DISCRIÇÃO

Meu relógio parou? Não. Mas os ponteiros parecem não andar. Não olhar para eles... Pensar em outra coisa, em qualquer coisa: nesse dia que passou, tranqüilo e rotineiro apesar da agitação da espera.

Enternecimento do acordar... André estava enrodilhado no leito, olhos vendados, mãos postas contra a parede num gesto infantil, como se no desamparo do sono tivesse necessitado experimentar a solidez do mundo. Sentei-me à borda do leito, coloquei a mão sobre seu ombro. Tirou a venda dos olhos, um sorriso desenhou-se em seu rosto espantado.

— São oito horas!

Coloquei na biblioteca a bandeja da primeira refeição. Peguei um livro recebido na véspera e já folheado pela metade. Cacetes todas essas lengalengas sobre a não-comunicação! Bem ou mal conseguimos nos comunicar, se o queremos. Não com todo o mundo, é claro, mas com duas ou três pessoas. Às vezes, acontece-me não falar a André sobre estados de ânimo, pequenos cuidados, tristezas. Sem dúvida, ele também tem seus segredinhos, mas *grosso*

modo não ignoramos nada um do outro.

Derramei nas xícaras chá-da-China bem quente, bem escuro. Bebemos enquanto percorríamos a correspondência: o sol de julho entrava em caudais no aposento. Quantas vezes ficamos sentados junto à mesinha, em frente um do outro e diante de xícaras de chá bem escuro e bem quente? Será assim, em seguida, em um ano, em dez anos?... Este instante possuía a doçura de uma lembrança e a alegria de uma promessa. Teríamos trinta ou sessenta anos? Os cabelos de André branquearam cedo: antigamente, aquilo parecia faceirice de sua parte: a neve realçando a frescura de sua tez. É ainda faceirice. A pele endureceu e fendeu-se, gretada como couro velho, mas o sorriso da boca e dos olhos guardou sua luz. Apesar dos desmentidos do álbum de fotografias, sua jovem figura se curva ante seu rosto de hoje: meu olhar não lhe reconhece idade. Uma longa vida com risos, lágrimas, cóleras, abraços, confissões, silêncios, impulsos, e parece, às vezes, que o tempo não passou. O futuro se esconde, ainda até o infinito. Levantou-se: — Bom trabalho! — me disse.

— Para você também: bom trabalho.

Não respondeu. Nesse gênero de pesquisas, inevitavelmente, existem períodos em que se marca passo; ele se resigna menos facilmente que outrora.

Abri a janela. Paris cheirava a asfalto e a tempestade, esmagada pelo calor pesado do estio. Segui André com os olhos. É, talvez, nesses instantes em que o vejo distanciar-se que ele existe para mim com mais perturbadora evidência: a silhueta alta diminui, desenhando a cada passo o caminho de sua volta; ela desaparece, a rua semelha vazia mas, em verdade, é um campo imantado que o reconduzirá a mim como a seu lugar natural. Essa certeza me comove ainda mais que sua presença.

Fiquei bastante tempo no balcão. De meu sexto andar descubro um grande trecho de Paris, o vôo dos pombos sobre os tetos de ardósia, e esses falsos vasos de flores que são as chaminés. Conto as guias: cinco, nove, dez. Conto dez — barram o céu com seus braços de ferro vermelhos e amarelos.

À direita, meu olhar dá de encontro a uma alta muralha crivada de pequeninos buracos: um edifício novo. Vejo também torres, arranha-céus construídos de pouco. Desde quando o terreno baldio do Bulevar Edgar-Quinet tornou-se estacionamento? O aspecto jovem recente da paisagem salta-me aos olhos, todavia não me lembra tê-la visto diversa. Gostaria de olhar lado a lado para os dois clichês: antes e depois e me espantar com a diferença. Mas não. O mundo se constrói sob meus olhos num eterno presente. Habituo-me tão depressa às suas faces que ele não me parece mudar.

Em minha mesa, os fichários, o papel branco, me convidam ao trabalho, mas as palavras que me dançam na cabeça impedem-me a concentração: "Filipe estará aqui esta noite". Quase um mês de ausência. Entrei em seu quarto onde se espalham ainda livros, papéis, uma velha malha cinza, um pijama violeta — esse quarto que eu não me decido a reformar porque não tenho tempo, dinheiro, porque não quero acreditar que Filipe não é mais meu. Voltei para a biblioteca perfumada por um ramo de rosas frescas, ingênuas como alfaces. Espantei-me por este apartamento jamais ter-me parecido deserto. Nada lhe faltava. Acaricieei com o olhar as cores ácidas e ternas das almofadas espalhando-se nos divas. As bonecas polonesas, os salteadores eslovenos, os galos portugueses ocupavam, ajuizadamente, seus lugares. "Filipe estará aqui..." Fiquei desamparada. Pode-se chorar de tristeza mas não é fácil conjurar a impaciência da alegria.

Decidi ir respirar o odor do estio. Um negrão vestido com impermeável azul-elétrico e com chapéu de feltro cinza varria a calçada; antes era um argelino cor de terra. No Bulevar Edgar-Quinet misturei-me a confusão das mulheres. Como não saio nunca de manhã, a feira pareceu-me exótica (tantos mercados matinais sob tantos céus!). A velhinha manquitolava de uma banca a outra, suas madeixas bem puxadas para trás, apertando a alça de sua sacola vazia. Antigamente, eu não me incomodava com os velhos, tomava-os por mortos cujas pernas andassem ainda. Agora, eu os vejo: homens e mulheres apenas um pouco mais velhos que eu. Prestei atenção nesta no dia em que, no açougue, ela pediu restos de carne para o gato. — "Para seus gatos!" — disse o açougueiro quando a velha saiu. — Ela não tem gatos. Vai mas é aferventar-se um caldo!" O açougueiro achava graça nisso. Daqui a pouco ela recolherá detritos sob as bancas, antes que o negrão os varra para o lixo. Sobreviver com dezoito mil francos por mês! mais de um milhão deles estão nesse caso, e mais três milhões são um pouco menos desvalidos.

Comprei flores, frutos, caminhei a esmo. Ser aposentado e ser um rebotalho parece quase a mesma coisa. A palavra me congelava. Espantava-me a extensão de meus lazeres. Estava errada. O tempo, às vezes, parece custar a passar mas eu me arranjo. E que prazer viver sem obedecer ordens, sem constrangimento! Há ocasiões em que me assombro. Lembro-me do primeiro posto, de minha primeira classe, as folhas mortas que rangiam sob os passos no outono provinciano. Então, o dia da aposentadoria — distante de mim um lapso de tempo duas vezes mais longo ou quase, que minha vida anterior — me parecia irreal como a própria morte. E eis que há um ano ele chegou. Passei outras barreiras, porém fluidas. Esta tem a rigidez de uma cortina de aço.

Voltei e me sentei à minha mesa: sem trabalho, mesmo esta alegre manhã me pareceria insípida. Lá pelas 13 horas parei e fui pôr a mesa na cozinha: igualzinha à cozinha de minha avó em Milly — gostaria de rever Milly — com sua mesa de quinta, seus cobres, seus bancos, o teto com as vigas descobertas. Só que há um fogão a gás em lugar do grande fogão a lenha com forno, e uma geladeira elétrica. (Em que ano apareceram as primeiras *frigidaires* na França? Comprei a minha há dez anos, mas já era um artigo comum. Quando? Antes da guerra? Logo depois? Eis aí uma das coisas que não me lembro.) André chegou tarde. Tinha-me prevenido que, ao sair do laboratório, tomaria parte numa reunião sobre a *force de frappe*. Perguntei: — Foi bem?

— Acertamos um novo manifesto. Mas não tenho ilusões. Não terá mais repercussão que os outros. Os franceses estão pouco ligando. Para a *force de frappe*, para a bomba atômica, para tudo, em geral. Às vezes me dá vontade de chamar no pé. Ir para Cuba, ou Mali. Positivamente, eu sonho. Lá, poderíamos ser úteis.

— Você não poderia mais trabalhar.

— Não seria uma grande desgraça.

Coloquei sobre a mesa a salada, o presunto, o queijo, as frutas.

— Está assim tão desacorçoado? Não é a primeira vez que não contornam os acontecimentos...

— Não.

— Então?

— Você não quer compreender.

Com freqüência, ele me repete que, presentemente, todas as idéias novas vêm de seus colaboradores, que está muito velho para inventar: não o creio.

— Minha última descoberta foi há quinze anos.

Quinze anos. . . Nenhum período sáfaro atravessado durou tanto tempo. Mas no ponto em que chegou, sem dúvida, tem necessidade de uma pausa para encontrar nova inspiração. Penso nos versos de Valéry:

Cada átomo de silêncio

*É oportuno ao fruto maduro*¹

¹Chaque atome de silence

Est la chance d'un fruit mûr.

Desta lenta gestação, vão nascer inesperados frutos. Não terminou a aventura da qual participei apaixonadamente: a dúvida, os reveses, o aborrecimento,

marcar passo, em seguida a luz entrevista, uma esperança, uma hipótese confirmada. Depois de semanas e de meses de ansiosa paciência, a embriaguez do êxito. Não compreendia bem os trabalhos de André mas minha confiança cabeçuda fortalecia a sua. Ela permanece intata. Mas por que não posso mais transmiti-la? Eu me recuso a crer que não verei jamais brilhar em seus olhos a alegria febril da descoberta.

Disse:

— Nada prova que você não terá uma segunda inspiração.

— Não. Em minha idade temos hábitos que freiam a invenção. Cada ano que passa fico mais ignorante. - -

— Tornaremos a tocar no assunto daqui a dez anos. Aos setenta anos, talvez, você fará a sua maior descoberta.

— Isso é bem o seu otimismo! Garanto-lhe que não.

— É bem o seu pessimismo!

Rimos. Entretanto, não há do que rir. O derrotismo de André não tem fundamento, desta feita ele carece de rigor. Sim, Freud escreveu em uma de suas cartas que numa certa idade não se inventa mais nada e isso é desolador. Mas ele era, então, muito mais velho que André. Não importa. Injustificada embora, essa melancolia não me entristece menos. Se André se entrega é que, de um modo geral, ele está em crise. Surpreendo-me, mas o fato é que ele não se resigna a varar os sessenta anos. A mim, mil coisas me divertem ainda, a ele não. Antigamente, tudo o interessava, agora é um problema levá-lo a ver um filme, a uma exposição, à casa de amigos.

— Que pena você não gostar mais de passear — disse. — Os dias andam tão bonitos! Pensava há pouquinho que gostaria muito de voltar a Milly e às florestas de Fontainebleau.

— Você é espantosa — disseme sorrindo. — Conhece a Europa inteira e deseja rever os arrabaldes de Paris!

— Por que não? A colegial de Champeaux não é menos bela porque eu subi à Acrópole.

— Pois seja. Assim que o laboratório estiver fechado, em quatro ou cinco dias, eu lhe prometo uma longa vagabundagem de carro. ^

Teremos tempo de fazer mais de uma pois que ficaremos em Paris até o início de agosto. Mas terá ele vontade? Perguntei:

— Amanhã é domingo. Você estará livre?

— Não, infelizmente! Você bem sabe da existência desse encontro com a imprensa sobre o *apartheid*. Eles me trouxeram uma porção de documentos que

ainda não examinei.

Prisioneiros políticos espanhóis, detidos portugueses, iranianos perseguidos, rebeldes congolese, guerrilheiros venezuelanos, peruanos, colombianos, ele está sempre pronto a ajudá-los na medida de suas forças. Reuniões, manifestos, *meetings*, tratados, delegações, nada ele recusa.

— Você se dá demais!

— Por que demais? Que outra coisa fazer?

Que fazer, mesmo, quando o mundo se descoloriu? Só resta matar o tempo. Eu também atravessei um mau período há dez anos. Estava aborrecida com meu corpo, Filipe tornara-se adulto. Após o sucesso de meu livro sobre Rousseau sentia-me vazia. Envelhecer me agoniava. Depois, iniciei um estudo sobre Montesquieu, consegui que Filipe passasse nos exames e começasse sua tese. Confiaram-me cursos na Sorbonne que me interessaram mais que meus problemas. Resignei-me a meu corpo. Pareceu-me que ressuscitava. E hoje, se André não tivesse uma consciência tão aguda de sua idade, eu esqueceria a minha.

Ele tornou a sair e eu fiquei bastante tempo no terraço. Vi voltear contra o fundo azul do céu uma grua cor de mónio. Segui com os olhos um inseto negro que fazia no ar um sulco espumoso e gelado. A perpétua juventude do mundo me deixa sem ar. Coisas que eu amei desapareceram. Muitas outras me foram dadas. Ontem à tarde, eu subia o Bulevar Raspail e o céu estava carmesim. Pareceu-me caminhar num planeta estrangeiro onde a relva fosse violeta, a terra azul. As árvores abrigavam o avermelhar de um anúncio a néon. Andersen aos sessenta anos maravilhava-se por atravessar a Suécia em menos de vinte e quatro horas quando em sua juventude a viagem durava uma semana. Conheci deslumbramentos semelhantes: Moscou a três horas e meia de Paris!

Um táxi levou-me ao Parque Montsouris onde tinha marcado encontro com Martine. Entrando no jardim senti profundamente o odor da grama cortada: perfume das pastagens onde caminhava com André, mochila às costas, tão emocionada por ser o cheiro dos pratos de minha infância. Reflexos, ecos se encadeando ao infinito. Descobri a doçura de ter atrás de mim um longo passado. , Não tenho o tempo de mo narrar, mas às vezes, de improviso, eu o vejo em transparência ao fundo do momento presente: ele lhe dá sua cor, sua luz, como as rochas e as areias se refletem na cintilação do mar. Antigamente, eu me embalava com projetos, com promessas. Agora, a sombra dos dias mortos aveluda-me emoções e prazeres.

— Bom dia.

No terraço do café-restaurant Martine bebia uma limonada. Espessos cabelos negros, olhos azuis, vestido curto com riscas laranja e amarelas, com toques violetas: uma bela e jovem mulher. Quarenta anos. Com trinta anos eu havia rido quando o pai de André tratara de bela mulher jovem uma quarentona. E as mesmas palavras me vinham aos lábios vendo Martine. No presente, quase todas as pessoas me parecem jovens. Ela sorriu: — Você me trouxe seu livro?

— Claro.

Olhou a dedicatória:

— Obrigada — disse com voz comovida. Prosseguiu: — Tenho tanta pressa de lê-lo. Mas este fim de ano escolar está sobrecarregado. Terei que esperar o 14 de Julho.

— Gostaria bem de saber sua opinião.

Tenho muita confiança em seu julgamento: quer dizer que estamos sempre de acordo. Eu me sentiria completamente no mesmo plano que Martine se não conservasse a meu respeito um pouco da velha deferência de aluno a professor, se bem que ela própria seja professora, casada e mãe de família.

— É difícil ensinar literatura hoje. Não sei como me arranjará sem seus livros. — Perguntou-me timidamente: — Está contente com este?

Sorri-lhe:

— Sim. Francamente.

Uma interrogação persistia em seus olhos sem que ela a ousasse formular. Tomei a dianteira. Seus silêncios me encorajavam a falar melhor que perguntas estouvadas.

— Você sabe o que eu quis fazer: a partir duma reflexão sobre as obras de crítica escritas depois da guerra, propor método novo que permitiria penetrar no trabalho de um autor com exatidão que nunca se consegui. Espero ter tido êxito.

Era mais que uma esperança: uma convicção. Ela me aquecia o peito. Belo dia! E eu amava essas árvores, esses gramados, essas aléias onde tantas vezes passara com os camaradas, os amigos. Alguns morreram ou nossas vidas nos distanciaram. Felizmente, ao contrário de André que não vê mais ninguém, eu me liguei a alunos e a jovens colegas: eu os prefiro às mulheres de minha idade. Suas curiosidades avivam a minha, me arrastam em seu futuro, para lá de meu túmulo.

Martine acariciou o volume com a palma da mão.

— Vou, apesar de tudo, dar uma olhadela esta noite mesmo. Alguém o leu?

— Somente André. Mas a literatura não o apaixona. Nada o apaixona. E é

tão derrotista para mim como para ele. Sem me dizer, está convencido no fundo, que tudo o que fizer para o futuro nada acrescentará à minha reputação. Isso não me perturba porque sei que ele se engana. Acabo de escrever meu melhor livro e o segundo volume irá mais longe.

— Seu filho?

— Eu lhe remeti um pacote de provas. Vai me falar a respeito. Retornará esta noite.

Falamos de Filipe, de sua tese, de literatura. Como eu, ela gosta das palavras e das pessoas que sabem se servir delas. Apenas, ela se deixa devorar pelo ofício e pelo lar. Levou-me a minha casa em sua pequena Austin.

— Retornará logo a Paris?

— Não creio. De Nancy irei diretamente repousar em Yonne.

— Você trabalha um pouco durante as férias?

— Bem que gostaria. Mas estou sempre sem tempo. Não tenho a sua energia.

\
Não é uma questão de energia, disse a mim mesma quando a deixei: eu não poderei viver sem escrever. Por quê? E por que me obstinei a fazer de Filipe um intelectual quando André o teria deixado empenhar-se em outros caminhos? Criança, adolescente, os livros me salvaram do desespero: isso me persuadiu que a cultura é o mais alto valor e eu não consigo encarar essa convicção com olho crítico.

Na cozinha, Marie-Jeanne se apressa em preparar o jantar: um cardápio com os pratos favoritos de Filipe. Verifiquei que tudo estava em ordem, li os jornais e fiz uma palavra cruzada difícil que me reteve três quartos de hora. Às vezes, me divirto em ficar muito tempo inclinada sobre um quadrado onde, virtualmente, as palavras estão presentes se bem que invisíveis. Para fazê-las aparecer uso meu cérebro como um revelador. Parece-me arrancá-las da espessura do papel onde estariam escondidas.

A última casa preenchida, escolhi em meus cabides o mais belo vestido de seda fina cinza e rosa. Com cinquenta anos minhas *toilettes* me pareciam ou muito tristes ou muito alegres, agora sei o que me é permitido ou vedado, visto-me sem problemas. Sem alegria, tampouco. Essa relação íntima, quase terna que tivera outrora com minhas roupas, desapareceu. Apesar de tudo, ainda considere com satisfação, minha silhueta. Foi Filipe quem me disse um dia: "Olha lá, você está engordando!" (Ele não parece haver notado que eu recuperei minha linha.) Pus-me no regime, comprei uma balança. Nunca imaginei outrora que me incomodaria com meu peso. Veja só! Menos eu me reconheço em meu corpo,

mais me sinto obrigada a me ocupar com ele. Está a meus cuidados e eu o trato com um devotamento aborrecido, como a um velho amigo meio desgracioso, meio diminuído, que tivesse necessidade de meus préstimos.

André trouxe uma garrafa de Mumm que pus para gelar, nós conversamos um pouco e ele telefonou para sua mãe. Ele o faz freqüentemente. Ela tem ainda boas pernas, boa vista, milita bravamente nas fileiras do PC. Apesar de tudo tem oitenta e quatro anos, vive sozinha em sua casa de Villeneuve-lès-Avignon e o filho se inquieta por sua causa. Ria ao telefone. Ouvia suas reclamações, seus protestos, mas parou depressa. Manette é volúvel quando pega jeito.

— O que ela contou?

— Está cada vez mais convencida que, de um dia para outro, cinqüenta milhões de chineses vão transpor a fronteira russa. Ou então vão balançar uma bomba em qualquer lugar pelo simples prazer de fazer estourar uma guerra mundial. Acusa-me de ficar do lado deles: impossível convencê-la do contrário.

— Ela vai bem? Não se aborrece?

— Ficarà muito contente em nos ver, mas aborrecimento, não sabe o que seja isto!

Professora, três filhos, a aposentadoria foi para ela uma felicidade que ainda não esgotou. Conversamos sobre ela e sobre os chineses a respeito dos quais, como todo mundo, estamos tão mal informados. André abriu uma revista. E eis-me a olhar meu relógio cujos ponteiros não parecem andar.

Súbito, ele apareceu; cada vez fico surpresa ao encontrar sobre seu rosto, harmoniosamente fundidos, os traços tão dessemelhantes de minha mãe e de André. Abraçou-me com muita força dizendo palavras alegres e eu me abandonei à ternura do paletó de flanela contra meu rosto... Soltei-me para abraçar Irene; ela me sorria, com um sorriso tão gelado que eu me espantei de sentir sobre os lábios uma face doce e quente. Irene. Sempre a esqueço: sempre está presente. Loira, os olhos azuis-cinza, a boca mole, o queixo agudo, e em sua testa muito grande qualquer coisa a um tempo vaga e premeditada. Logo a anulei. Estava eu sozinha com Filipe como nos tempos em que o acordava cada manhã, com uma carícia sobre a fronte.

— Nem mesmo uma gota de uísque? — perguntou André.

— Obrigada. Prefiro um suco de frutas.

Como é bem comportada! Vestida, penteada, com uma bem composta elegância, o cabelo liso, uma franja escondendo sua testa grande, maquilagem ingênua, taierzinho rígido. Acontece-me com freqüência, ao folhear uma revista

feminina, exclamar: "Olha, é Irene"! Acontece-me também vê-la e mal reconhecê-la. "Ela é bonita" — afirma André. Certos dias estou de acordo: delicadeza das orelhas e das narinas, ternura nacarada da tez grifada pelo azul sombrio dos cílios. Mas se ela mexe um pouco a cabeça, o rosto desliza, só se vê aquela boca e o queixo. Irene. Por quê? Por que Filipe sempre se ligou a esse gênero de mulheres elegantes, distantes, esnobes? Sem dúvida para provar-se que as podia seduzir. Não se apegava a elas. Cuidava que jamais se apegaria e, uma tarde ele me disse: "Vou lhe dar uma grande novidade, com o ar um pouco sobreexcitado de uma criança que em dia feriado brincou muito, riu muito, gritou muito. Houve aquela pancada de gongo em meu peito, o sangue em minhas faces, todos os meus nervos alertas para reprimir o tremor de meus lábios. Uma tarde de inverno, as cortinas cerradas, a luz das lâmpadas sobre o arco-irisado das almofadas e esse abismo de ausência cavado de súbito. "Ela lhe agradecerá; é uma mulher que trabalha." Trabalha de vez em quando como *script-girl*. Conheço esse gênero de mulheres avoadas. Tem-se uma profissão vaga, pretende cultivar-se, fazer um pouco de esporte, vestir-se bem, cuidar impecavelmente da casa, educar perfeitamente os filhos, levar vida mundana, breve: ter sucesso em todos os planos. E em verdade, não se prendem a nada. Elas me revoltam.

Eles partiram para a Sardenha no dia em que a Faculdade fechou suas portas, ao início de junho. Enquanto jantávamos nesta mesa onde, com tanta freqüência, fiz Filipe comer (vamos, acaba sua sopa; come mais um pedaço de carne, engole qualquer coisa antes de ir para a aula), nós falamos da viagem — belo presente de núpcias, oferta dos pais de Irene. São pessoas de recursos. Ela ficava muito tempo quieta, como mulher inteligente que sabe esperar o momento de fazer uma observação feliz ou surpreendente; de vez em quando, largava uma frasezinha, surpreendente — em minha opinião, pelo menos — pela bobagem ou banalidade.

Voltamos para a biblioteca. Filipe lançou um olhar sobre minha mesa.

— Você trabalhou bem?

— A coisa vai. Não teve tempo de ler minhas provas?

— Imagina que não. Estou desconsolado.

— Lera o livro. Tenho um exemplar para você.

Sua negligência me entristeceu um pouco mas nada demonstrei. Disse:

— E você vai retornar seriamente à sua tese?

Ele não respondeu e trocou um olhar engraçado com Irene.

— O que é que há? Voltam a viajar?

— Não. — De novo o silêncio e ele disse, meio humorista: Ah! Você vai se zangar, vai me censurar, mas tomei uma decisão durante este mês. É muito pesado conciliar um lugar de assistente e uma tese. Ora, sem tese, a Universidade não me oferece futuro interessante. Vou deixá-la.

— Que é que está contando?

— Vou deixar a Universidade. Sou ainda bastante jovem para seguir uma orientação diversa.

— Mas não é possível! No ponto em que chegou, não vai largar mão! — disse indignada.

— Compreenda-me. Antes, o professorado era um negócio de ouro. Agora, não sou o único a achar impossível me ocupar com os estudantes e trabalhar para mim: eles são muito numerosos.

— Isso é verdade — disse André. Trinta alunos é trinta vezes um aluno. Cinquenta, uma multidão. Mas pode-se arranjar um expediente que lhe permita dispor de mais tempo e terminar sua tese.

— Não — disse Irene em tom decisivo. — O ensino, a pesquisa são em realidade, muito mal pagos. Tenho um primo que é químico. No C.N.R.S. ele ganhava oitenta mil francos por mês. Entrou numa fábrica de corantes e percebe trezentos mil.

— Não é somente uma questão de dinheiro — disse Filipe.

— Claro. O que conta também é estar por dentro.

Com frasezinhas medidas, Irene deu a entender o que pensava de nós. Oh! ela o fez com muito tato, esse tato que a gente sente vir de longe. (Eu não quero, sobretudo, magoá-los, não seria justo que tivessem raiva de mim, mas existem coisas que é preciso dizer, apesar de tudo o que... se eu não me contivesse, diria mais ainda.) É certo que André é um sábio e, eu própria, como mulher, fui bem sucedida. Mas nós vivemos fora do mundo, em laboratórios e bibliotecas. A geração de jovens intelectuais quer estar em contato com a sociedade. Filipe, com seu dinamismo, não foi feito para nosso gênero de vida; existem outras carreiras que estão mais na sua medida.

— Enfim, uma tese é coisa superada — ela concluiu.

Não pode ser estúpida a esse ponto! Todavia é Irene que existe e que conta. Anulou a vitória que eu havia obtido para Filipe, contra ele próprio. Um combate tão longo, tão duro para mim, às vezes. "— Não consigo fazer esta dissertação. Tenho dor de cabeça, mande um recado dizendo que eu estou doente." — Não. O terno rosto de adolescente crispava-se, envelhecia, os olhos verdes me assassinavam. "Você não é boazinha!" André intervinha: "Por uma vez só. . ." —

Não. Minha angústia na Holanda, durante as férias da Páscoa, Filipe tendo ficado em p_{ar}i. "— Não quero o seu diploma trancado!" Ele gritou com ódio: "Não me levem. Pouco me incomoda! Não escreverei uma linha!" E depois seus sucessos, nosso entendimento. Nosso entendimento que Irene está no ponto de quebrar. Ela me arrebatou pela segunda vez. Não queria explodir em sua frente. Controlei-me.

— Então, o que pretende fazer? Irene ia responder, Filipe atalhou-a:

— O pai de Irene tem diversas coisas em vista.

— De que ordem? Em negócios?

— Ainda está no ar.

— Falou com ele antes da viagem. Por que não nos disse nada?

— Queria refletir, antes.

Tive um sobressalto de cólera. Era incrível que ele não me houvesse consultado logo que a idéia de deixar a Universidade germinou em sua cabeça.

— Naturalmente, vocês me censuram — disse Filipe com ar irritado.

O verde de seus olhos tomava aquela cor tempestuosa que eu tão bem conhecia.

— Não — disse André. — Deve-se fazer o que se tem vontade.

— E você? Você me censura?

— Ganhar dinheiro não me parece um ideal exaltante. Estou espantada.

— Disse que não se tratava, apenas, de dinheiro.

— Do que é que se trata? Seja preciso.

— Não posso. Necessito rever meu sogro. Mas só aceitarei sua proposta se achar nela algum interesse.

Discuti ainda um pouco, o mais calmamente possível, tentando convencê-lo do valor de sua tese, lembrando-lhe antigos projetos, ensaios, estudos. Respondia polidamente mas minhas palavras escorriam sobre ele. Não, ele não me pertencia mais de modo algum. Mesmo seu aspecto físico tinha mudado: um outro corte de cabelo, as roupas mais em dia no estilo do XVI *arrondissement*.² Fui eu que dei contorno a sua vida. Agora, assisto-a de fora, como testemunha distante. É o destino das mães, mas quem se resigna com o destino comum das mães?

² A cidade de Paris é dividida em *arrondissements* (bairros) e o XVI é o bairro elegante (N. do T.)

André foi com eles até o elevador e eu me deixei cair no divã. Este vazio, de novo... O bem-estar deste dia, aquela plenitude no âmago da ausência vinham da certeza de ter Filipe aqui por algumas horas. Esperei-o como se ele viesse para não mais partir: ele partirá sempre. E nossa ruptura é muito mais definitiva do

que eu havia suposto. Não participarei mais de seu trabalho, não teremos mais os mesmos interesses. O dinheiro conta a tal ponto para ele? Ou somente cede a Irene? Ama-a tanto? Seria necessário conhecer suas noites. Sem dúvida, ela sabe cumular ao mesmo tempo seu corpo e seu orgulho: sob sua aparência mundana, julgo-a capaz de desencadeamentos. Tenho tendência a subestimar a importância que cria num casal a felicidade física. A sexualidade para mim não existe mais. Chamava serenidade a esta indiferença; súbito eu a compreendi de outra maneira: é uma doença, é a perda dos sentidos; ela me deixa cega às necessidades, às dores, às alegrias daqueles que a possuem. Parece-me que nada mais sei sobre Filipe. Uma só coisa é certa: a falta que ele vai me fazer!

Talvez fosse graças a ele que eu me resignasse com minha idade. Ele me carregava para sua juventude. Levava-me às Vinte e Quatro Horas de Le Mans ³, às exposições de op-art, e mesmo uma noite a um *happening*. ⁴ Sua presença agitada, inventiva, enchia a casa. Acostumar-me-ei a este silêncio, à ajuizada seqüência de dias que nenhum imprevisto quebrará?

³ *Tradicionais corridas automobilísticas (N. do T.).*

⁴ *Acontecimento com características de moderna improvisação (N. do T.).*

Indaguei de André:

— Por que você não me ajudou a convencer Filipe? Você cedeu logo. Nós dois juntos o teríamos persuadido, talvez.. .

— É preciso deixar as criaturas livres. Ele nunca teve tanta vontade de ser professor.

— Mas sua tese o interessava.

— Até determinado ponto bastante incerto. Eu compreendo.

— Você compreende todo mundo.

— Antes André era tão intransigente para com os outros como para consigo mesmo. Agora, suas posições políticas não se alteraram, mas em sua vida particular somente reserva sua severidade. Ele discute, explica, desculpa, aceita as pessoas ao ponto de me exasperar. Prossegui: — Acha que é uma finalidade satisfatória ganhar dinheiro?

— Já não sei mais ao certo quais foram nossas finalidades e se satisfatórias.

Pensava no que dizia ou se divertia em me provocar? Isto acontece quando me julga muito obstinada em minhas convicções e princípios. Geralmente, de boa vontade, deixo-o arrelhar comigo, entro no jogo. Mas desta feita não tinha ânimo para brincadeiras. Minha voz elevou-se: — Por que nós vivemos ao nosso

modo se você considera igualmente bem viver de outro?

— Por que não teríamos podido.

— Não teríamos podido por ser o nosso o gênero de vida que nos parecia válido.

— Não. Para mim, conhecer, descobrir, era mania, uma paixão, ou mesmo uma espécie de neurose, sem nenhuma justificativa moral. Nunca achei que todos tinham de me imitar.

Eu, no fundo, penso que todos devem nos imitar, mas não quis discutir. Disse:

— Não se trata de todo o mundo mas de Filipe. Vai virar um negociista e não foi para isso que eu o eduquei.

André refletia:

— É constrangedor para um jovem ter pais que foram muito bem sucedidos. Não ousa crer que os igualará se seguir a mesma trilha. Prefere ter outras perspectivas.

— Filipe estava se virando muito bem.

— Você o auxiliava, ele trabalhava à sua sombra. Francamente, sem você não teria ido longe, e é bastante perspicaz para ter compreendido isto.

Sempre existira entre nós esta surda oposição relativa a Filipe. Talvez André se tivesse aborrecido por ele haver escolhido as letras e não a ciência. Era a clássica rivalidade pai-filho em jogo: sempre julgara Filipe um medíocre o que era um modo de o votar à mediocridade.

— Eu sei — disse — você jamais confiou nele. E se ele próprio duvida de si é que se vê com os seus olhos.

— Pode ser — ponderou André em tom conciliador.

— De qualquer modo a grande responsável é Irene. Ela o empurra. Deseja que seu marido ganhe a nota. Está por demais contente para afastá-lo de mim.

— Ah! não banque a sogra. Irene é igual a qualquer uma.

— Que qualquer uma? Ela disse despropósitos.

— Isto acontece. Às vezes ela é malévola. Isso é mais sintoma de um desequilíbrio emocional que de falta de inteligência. Por outro lado, se o dinheiro a atraísse tanto não se casaria com Filipe que não é rico.

— Compreendeu que ele poderia tornar-se.

— Em todo o caso ela o preferiu a qualquer jovem esnobe.

— Se ela lhe agrada, melhor pra você.

— Quando se preza uma pessoa deve-se dar um crédito aos que ela ama.

— É verdade — disse. — Mas Irene me desnorteia.

— É preciso ver de que meio ela saiu.

— Apenas, ela não saiu. Infelizmente.

Esses burguesões cheios de si, influentes, importantes me parecem ainda mais detestáveis que o meio frívolo e mundano contra o qual minha juventude se insurgiu.

Durante um momento ficamos silenciosos. Atrás dos vidros o anúncio a néon saltou do vermelho para o verde, os olhos da grande muralha brilhavam. Uma bela noite. Teria descido com Filipe para tomar o último copo ao ar livre. . . Inútil sugerir a André uma volta, ele, visivelmente, começava a ter sono. Eu disse: — Pergunto-me por que Filipe a desposou.

— Oh! você sabe: quem está de fora não entende dessas coisas.

Havia respondido com ar indiferente. Seu rosto estava abatido, apoiava o dedo contra a face na altura da gengiva: tique adquirido fazia algum tempo.

— Tem dor de dente?

— Não.

— Então por que esfrega a gengiva?

— Verifico se não dói.

O ano passado ele tomava o pulso cada dez minutos. Verdade que tinha sofrido de um pouco de hipertensão mas um tratamento a estabilizou em 17 o que é perfeito para nossa idade. Prosseguia premindo o dedo contra a bochecha, seus olhos estavam vazios, bancava o velho e acabaria por convencer-me de que o era de fato. Por um instante pensei, horrorizada: "Filipe foi embora e eu vou terminar meus dias ao lado de um ancião!" Tive vontade de gritar: "Pare, eu não quero!" Como se me tivesse entendido, ele sorriu, voltou a ser ele próprio e fomos dormir.

Dorme ainda. Vou acordá-lo. Beberemos chá-da-China bem escuro, bem forte. Mas esta manhã não se parece com a de ontem. Preciso aprender de novo: perdi Filipe. Já deveria ter sabido. Ele me abandonou no instante em que me anunciou seu casamento, me abandonou quando nasceu: uma ama podia substituir-me. O que é que eu pensei? Porque ele era exigente julguei que me tornara indispensável. Porque se deixa facilmente influenciar acreditei que o criara à minha imagem. Este ano, quando o via com Irene ou na família do sogro, tão diferente do que era comigo, parecia que ele se prestava a uma brincadeira: era eu que detinha a sua verdade. E escolhe o afastamento, a quebra de nossas cumplicidades, recusa a vida que, com tanto sacrifício, eu lhe havia construído. Ele se tornará um estranho.

Vamos! Eu, quem André acusa freqüentemente de otimismo cego, talvez

esteja a me atormentar por nada. Apesar de tudo não acredito que fora da Universidade não haja salvação, nem que fazer uma tese seja imperativo absoluto. Filipe disse que só aceitaria trabalho interessante.. . Desconfio de Filipe. Já lhe ocorreu, com freqüência, me esconder coisas, ou me mentir, conheço seus defeitos, já tomei partido e até eles me comovem como se fossem uma desgraça física. Mas desta feita ofende-me que não me tenha posto ao corrente de seus projetos. Estou indignada e aflita. Até agora, quando me decepcionava, ele próprio sabia sempre me consolar. No momento, não tenho certeza que o consiga.

Por que André está atrasado? Tinha trabalhado quatro horas a fio, minha cabeça pesava e me estendi sobre o divã. Em três dias Filipe não me deu sinal de vida; isto não está em seus hábitos. Seu silêncio me espanta porquanto ele multiplica os telefonemas e os recadinhos quando teme ter-me magoado. Não compreendia, meu coração pesava e minha tristeza fazia mancha de óleo: escurecia o mundo que, em contrapartida a alimentava. André. Ele se torna cada vez mais rabugento. Vátrín era o amigo único que ainda admitia ver e se zangou porque o convidei para almoçar: "— Ele me aborrece\ Todo o mundo o aborrece. E eu? Ele me tinha dito há muito, muito tempo: "Desde que a tenho não poderei jamais ser infeliz." E ele não está com ar muito feliz. Não me amaria mais como antes? O que é amar, para ele, hoje? Sou um velho hábito que não lhe dará mais nenhuma alegria. Pode ser que fosse injusta mas eu lhe queria mal: ele consentia nessa indiferença e nela se instalava.

A chave deu volta na fechadura e ele me beijou. Tinha o ar preocupado.

— Estou atrasado.

— Um pouco.

— É que Filipe foi me buscar na Escola Normal. Bebemos um copo juntos.

— Por que não o trouxe?

— Queria me falar e reservadamente para que fosse eu que lhe explicasse o que tem a nos dizer.

— E o que é?

(Partia para o exterior, muito longe, durante muitos anos?)

— Não lhe dará prazer. Ele não ousou nos revelar a outra noite mas é coisa decidida. Seu sogro lhe arranjou um posto. Foi admitido no Ministério da Cultura. Explicou que, na sua idade, é uma situação magnífica. Mas você vê o que isso implica.

— É impossível. Filipe!

Era impossível. Ele tinha as nossas idéias. Arriscou muito durante a guerra da Argélia — essa guerra que nos arrasara e que semelhava, agora, jamais ter existido; ele apanhara em manifestações antigauillistas; votou conosco nas últimas eleições. . .

— Disse que evoluiu. Compreendeu que o negativismo da esquerda francesa não o conduzira a nada, que ela estava liquidada, que ele queria estar na corrida, ter contato com o mundo, agir, construir.

— Parece-nos ouvir Irene.

— Mas era Filipe que falava — disse André com voz dura. Bruscamente compreendi. A cólera me possuiu:

— Então quê? É um arrivista? Vira casaca por carreirismo? Espero que você o tenha feito engolir o que disse.

— Declarei que o desaprovava.

— Não tentou fazê-lo mudar de opinião?

— Claro que sim. Eu discuti.

— Discutir! Era necessário intimidá-lo, dizer que não o veríamos mais. Você foi muito mole, eu o conheço.

Súbito, aquilo caía sobre mim, uma avalanche de dúvidas, de inquietações que eu havia represado. Por que ele só possuía mulheres bem vestidas demais, grã-finas, esnobes? Por que Irene e esse casamento em grande estilo na igreja? Por que parecia tão diligente, tão encantador com a família do sogro? Evoluía naquele meio como um peixe na água. Não quis questionar e quando André arriscava uma crítica eu defendia Filipe. Toda essa confiança obstinada transformava-se em rancor. Filipe de um só golpe mudara de cara. Um arrivista, um intrigante.

— Pois eu vou ter uma conversa.

Dirigi-me para o telefone. André me fez parar:

— Acalme-se antes. Uma cena não adiantaria nada.

— Mas me aliviaria.

— Faz favor!

— Deixe-me.

Disquei o número de Filipe.

— Seu pai acaba de me contar que você entra para o gabinete do Ministério da Cultura. Felicitações!

— Ah! se me faz favor — disse ele — não tome esse tom.

— E que tom deverei tomar? Deverei regozijar-me quando você não ousa falar comigo cara a cara, tanto se envergonha de si próprio?

— Não tenho vergonha nenhuma. Tem-se o direito de mudar de opinião.

— Mudar! Há seis meses você condenava radicalmente a política cultural do regime.

— Pois bem, justamente! Vou procurar mudá-la.

— Vamos! Você não pesa em nada e bem o sabe. Entrará no jogo ajuizadinho, preparará uma bela carreira. É a ambição que o norteia, nada mais...

Não sei mais o que lhe disse, ele gritava: "Cale-se! Cale-se!" Eu prosseguia, ele me cortava a palavra, sua voz tornava-se raivosa, terminou por dizer com furor:

— Não somos uns sujos porque recusamos compartilhar suas obstinações senis!

— Isto basta. Eu não o verei nunca mais enquanto viva!

Desliguei, sentei-me suando, trêmula, as pernas bambas. Mais de uma vez tínhamos brigado de morte, mas este golpe era sério: jamais o tornaria a ver. Sua reviravolta me enojava e suas palavras me feriram porque ele quisera ferir.

— Ele nos insultou. Falou em nossas obstinações senis. Nunca mais o verei e não quero que você jamais o veja.

— Você também foi dura. Não deveria ter-se colocado num ponto de vista passional.

— E por que não? Ele não levou em conta nossos sentimentos. Troca-nos por sua carreira. Paga-a ao preço de uma ruptura.

— Ele não pensa em ruptura, e depois ela não ocorrerá. Sou contra.

— No que me concerne já houve. Tudo acabou entre nós.

Calei-me. Continuava a tremer de cólera.

— Já há algum tempo que Filipe fazia um jogo estranho — disse André — você não queria admitir, mas eu entendi bem. Todavia, nunca supus que chegasse a tanto.

— É um ambiciosozinho sujo.

— Sim — disse André em tom perplexo. — Mas por quê?

— Como por quê?

— Aquela noite, nós dissemos: certamente temos nossa parte de responsabilidade. Ele hesitou: — A ambição, foi você quem lhe insuflou, ele próprio era indiferente. E, sem dúvida, fui eu quem desenvolveu seu antagonismo.

— Tudo é culpa de Irene — exclamei de modo explosivo. — Se não se tivesse casado com ela, se não tivesse entrado para aquele meio, jamais teria pactuado.

— Mas ele a desposou, em parte porque esse meio se lhe impunha. Eis que há muito tempo seus valores não são mais os nossos. Vejo aí algumas razões.. .

— Não vai defendê-lo.

— Tento explicar-mo.

— Nenhuma explicação me convencerá. Não o rever ei mais e não quero que o torne a ver.

— Não se engane. Eu o condeno. Condeno profundamente. Mas eu o reverei. E você também.

— Não. E se você me larga, depois do que ele me disse ao telefone, eu não o perdorei. Não me fale mais disto.

Mas não podíamos falar de outra coisa. Jantamos quase em silêncio, rapidamente e, depois, cada um pegou em um livro. Eu tinha raiva de Irene, de André, do mundo inteiro. "Nós temos, com certeza, nossa parte de responsabilidade." Ah! era ocioso procurar razões, desculpas. "Suas obstinações senis", ele me gritara estas palavras. Estava tão certa de seu amor por nós, por mim. Em verdade, eu não pesava muito, não representava nada para ele: uma velharia a restaurar em loja de acessórios. Só me cabia pô-lo de lado, também. A noite inteira, a raiva me abafou. De manhã, depois que André saiu, entrei no quarto de Filipe, rasguei, joguei fora papéis velhos, velhos jornais, enchi uma valise com seus livros, em uma outra empilhei o pulôver, o pijama, tudo o que restava nas gavetas. Diante das tábuas nuas, lágrimas vieram-me aos olhos.

Você sabe como Ofereça-lhe uma

Tantas lembranças emocionantes, perturbadoras, deliciosas, acordavam em mim. Pois eu lhes torceria o pescoço. Ele me tinha deixado, traído, insultado, ridicularizado. Jamais o perdorearia. Dois dias se escoaram sem que falássemos de Filipe. Na terceira manhã, como examinássemos a correspondência, eu disse a André: — Uma carta de Filipe.

— Suponho que se desculpa.

— Perde o seu tempo. Não a lerei.

— Oh! apesar de tudo dê uma olhada, isso lhe custa: fazer os primeiros passos, chance.

— Nem pensar.

Dobrei a carta em um envelope sobre o qual escrevi o endereço de Filipe.

— Deite-a numa caixa, faça o favor.

Cedera sempre, com muita facilidade diante de seus belos sorrisos e bonitas frases. Desta vez eu não cederia.

Dois dias depois, no início da tarde, Irene tocou a campainha.

— Desejaria falar-lhe cinco minutos.

Um vestidinho muito simples, os braços nus, os cabelos soltos: ela tinha o ar de uma menina, fresca e tímida. Nunca a vira desempenhando esse papel. Fiz com que entrasse. Claro, ek vinha advogar a causa de Filipe. A devolução da carta o magoara. Ele se desculpava do que dissera ao telefone, não pensava uma palavra de tudo aquilo, eu conhecia o seu gênio. Quando se encolerizava dizia coisas a esmo, sem pensar. Fazia questão de explicar-se comigo.

— Por que não veio ele mesmo?

— Tinha medo que a senhora lhe batesse com a porta no nariz.

— É de fato o que eu faria. Não desejo revê-lo. Ponto. Ponto final.

Ela insistia. Ele não podia suportar a minha zanga, não imaginara que eu tomasse as coisas tão a sério.

— Então, quer dizer que ensandeceu. Que vá para o diabo!

— Mas a senhora não quer compreender: papai conseguiu para ele algo muito importante: na sua idade, tal posição é qualquer coisa excepcional. Não pode exigir que ele lhe sacrifique o seu futuro.

— Ele tinha um futuro, natural, conforme às suas idéias.

— Desculpe-me: — às idéias *suas*. Ele evoluiu.

— Evoluirá, conhecemos a música: porá suas opiniões de acordo com seus interesses. No momento, chafurda na má-fé: só pensa em ter êxito. Ele sabe que é um renegado e é isso que é feio — eu disse com exaltação.

Irene me encarou:

— Suponho que sua vida decorreu sempre impecável e que isto a autoriza a julgar todos os outros de cima.

Tornei-me rígida:

— Tentei ser honesta e desejava que Filipe o fosse. Lastimo que o haja desviado.

Ela começou a rir:

— Parece até que ele virou arrombador ou que falsificou dinheiro.

— Dadas as suas convicções não acho a sua escolha honrosa. Irene levantou-se.

— De qualquer modo, é engraçada essa severidade — disse com uma voz lenta. — O pai que é politicamente mais engajado não rompeu com Filipe e a senhora. ..

Atalhei-a:

— Ele não rompeu.. . Você quis dizer que se tornaram a encontrar?

— Não sei — retrucou apressada. — O que sei é que não falou em romper

quando Filipe o pôs ao corrente de sua decisão.

— Isto foi antes do telefonema. Mas depois?

— Eu não sei.

— Você não sabe quem Filipe vê ou não vê? Respondeu com ar emburrado:

— Não.

— Seja. Não tem importância — disse. Acompanhei-a até a porta. Repassei em minha cabeça nossas últimas réplicas. Parou de falar por perfídia ou inabilidade? Em todo o caso, minha convicção estava formada. Quase formada. Mas não tanto que me libertasse da cólera. Bastante para que a angústia me sufoque. Assim que André chegou, ataquei: — Por que você não me contou que tornou a ver Felipe?

— Quem lhe falou nisso?

— Irene. Ela veio me perguntar por que não queria vê-lo pois que você o revira.

— Eu a preveni de que tornaria a vê-lo.

— Eu o preveni de que ficaria mortalmente ressentida. Foi você quem o persuadiu a me escrever.

— Mas não!

— Certo que sim. Você me gozou: "Você sabe como isso lhe custa: fazer os primeiros passos/" E você os fizera! Escondido!

— Em relação a sua pessoa ele fez os primeiros passos.

— Empurrado por você. Vocês conspiraram nas minhas costas, me trataram como uma criança, me trataram como uma doente. Você não tinha o direito.

Súbito, havia fumaça vermelha em minha cabeça, uma bruma vermelha diante de meus olhos, algo vermelho gritando em minha garganta. Minhas raivas contra Filipe são habituais, eu o reconheço. Mas com André, quando — raramente, muito raramente — eu me encolerizo por sua causa, é uma tormenta que me empolga e me arrasta milhões de quilômetros longe dele e de mim mesma, numa solidão ao mesmo tempo escaldante e gelada.

— Nunca você me mentiu! É a primeira vez.

— Ponhamos que eu errei.

— Errou em ver Filipe, errou sendo cúmplice de Irene e dele contra mim, errou em me enganar, em me mentir. São erros demais.

— Escute. . . Você quer me escutar, com calma...

— Não. Eu não quero lhe falar, eu não quero mais vê-lo, quero estar só, vou tomar ar.

— Vá tomar ar e trate de acalmar-se — disseme secamente.

Saí para as ruas, caminhei como já fiz muitas vezes para apagar os terrores, as cóleras, para conjurar os fantasmas. Só que eu não tenho mais vinte anos, nem mesmo cinqüenta e a fadiga me dominou depressa. Entrei em um café e bebi um copo de vinho, os olhos feridos pela cruel claridade do néon. Filipe, tinha acabado. Casado, bandeado. Eu só tinha André e, justamente, eu não o tinha. Acreditava-nos transparentes um para o outro, unidos, soldados como irmãos siameses. E ele se dissoldara e me mentira: e me encontrava sozinha naquele banco. A cada segundo, evocando seu rosto, sua voz, eu ataçava uma raiva devastadora. Como naquelas doenças em que se forja o próprio sofrimento, cada inspiração lhe despedaçando os pulmões, e contudo, você é obrigado a respirar.

Saí. Tornei a caminhar ainda. E então o quê? me perguntava embotada. Nós não íamos nos separar. Solitários, prosseguiríamos vivendo lado a lado. Ocultaria meus agravos, esses agravos que eu não queria esquecer. A idéia de que um dia seria abandonada por minha cólera me exasperava.

Quando entrei, encontrei um recado sobre a mesa: "— Fui ao cinema". Empurrei a porta de nosso quarto. Em cima da cama havia o pijama de André, no chão os mocassins que lhe servem de chinelo, um cachimbo e um pacote de fumo e seus remédios contra a hipertensão sobre o criado-mudo. Por um instante ele existiu de maneira pungente, como se se tivesse afastado de mim por doença ou exílio e que eu o encontrasse nesses objetos abandonados. Lágrimas subiram-me aos olhos, engoli um sonífero, e me deitei.

Ao acordar de manhã, ele dormia, torcido no leito, a mão apoiada contra a parede. Desviei os olhos. Nenhum impulso para ele. Meu coração estava gelado, melancólico tal uma capela abandonada onde não brilha mais nenhuma lamparina. Os chinelos, o cachimbo, não mais me emocionavam; não evocavam um querido ausente, eram o prolongamento desse estranho que habitava sob o mesmo teto que eu. Atroz contradição da cólera nascida do amor e que mata o amor.

Não lhe falei. Enquanto tomava chá na biblioteca, eu estava em meu quarto. Chamou-me antes de sair e indagou:

— Não quer que nos expliquemos?

— Não.

Não havia nada a explicar. Essa cólera, esta dureza de meu coração... As palavras se quebrariam contra.

Durante o dia todo pensei em André e, por momentos, qualquer coisa vacilava em minha cabeça. Como quando se recebe um choque no crânio, que a visão fica turva e que o mundo aparece em duas imagens, com alturas diferentes,

sem se poder situar a de cima e a debaixo. As duas imagens que eu tinha de André, a do passado e a do presente não se ajustavam. Algo estava errado. Este instante mentia: não era ele, não era eu, essa história se desenrolava em outro lugar. Ou então, o passado era miragem, eu me enganara sobre André. Nem uma coisa nem outra, eu me dizia quando via claro. A verdade é que ele tinha mudado. Envelhecido. Não dava mais muita importância às coisas. Se fosse antes, a conduta de Filipe o deixaria revoltado: ele se contentava em reprová-lo. Antes, ele não teria manobrado às minhas costas, não me teria mentido. Sua sensibilidade, sua moral, se embotaram. Vai prosseguir nessa descida? Cada vez mais indiferente.. . Eu não quero. Eles chamam indulgência, sabedoria, a essa inércia do coração: é a morte que se instala. Não ainda, não já.

Nesse dia apareceu a primeira crítica sobre meu livro. O autor me acusava de repetição. É um velho imbecil, que me detesta; não deveria ser sensível no caso. Mas como eu estava de humor irritável, irritei-me. Gostaria de ter falado com André, mas seria necessário que tivéssemos feito as pazes. E eu não quero.

— Fechei o laboratório — me disse à noite, com sorriso bondoso. — Podemos partir para Villeneuve e a Itália no dia que desejar.

— Tínhamos decidido passar este mês em Paris — respondi secamente.

— Você poderia ter mudado de opinião.

— Não mudei.

O rosto de André se fechou.

— Vai continuar muito tempo de cara fechada?

— Temo que sim.

— Pois bem! Você está errada. Isto está fora de proporções com o que se passou.

— Cada um tem suas medidas.

— As suas são despropositadas. Você é sempre a mesma. Por otimismo, por ser muito voluntariosa, esconde de si própria a verdade e quando ela salta diante de seus olhos você desaba ou explode. O que a exaspera e vem recair sobre mim é ter você superestimado Filipe.

— Você sempre o subestimou.

— Não. Simplesmente, não me iludi muito com suas capacidades e seu caráter. E depois das contas feitas vejo que ainda me iludi um pouco.

— Não se constata uma criança como ,uma experiência de laboratório. Ela se torna o que seus pais a fazem. Você jogou pensando sempre perder e isso não o auxiliou.

— E você, ao contrário, sempre se achou boa ganhadora. É livre, mas à

condição de saber ter espírito esportivo quando perde. Ora, você não sabe perder, procura subterfúgios, tem acessos de cóleras, acusa meio mundo. Tudo é bom se o fim é não reconhecer seus erros.

— Dar crédito a alguém não é um erro!

— Ah! Quero ver quando reconhece um erro!

Eu sei. Em minha juventude tanto me condenaram, ter razão custou-me tanto que, hoje, me repugna a autocrítica. Mas não estava de humor para reconhecê-lo. Peguei a garrafa de uísque.

— É incrível! é você quem me acusa!

Enchi um copo que engoli de um trago. O rosto de André, sua voz; o mesmo e um outro, amado, odiado, essa contradição descia em meu corpo. Meus nervos, meus músculos se contraíam num espasmo de tétano.

— Desde o início você recusou discutir calmamente. Em lugar disso atirou-se em elucubrações... E agora vai embriagar-se?

— Eu me embebedarei se quiser. Você não tem nada com isso. Não chateie.

Levei a garrafa para meu quarto. Me meti na cama com um romance de espionagem, mas impossível de ler. Filipe. Sua imagem empalidecera um pouco, tanto minha cólera contra André me obsedava. Súbito, através dos vapores do álcool, ele me sorria com intolerável doçura. Superestimado? Não. Eu o havia amado em suas fraquezas: menos caprichoso, menos negligente, ele teria menos necessidade de mim. Não teria sido tão deliciosamente terno se não tivesse nada a se fazer perdoar. Nossas reconciliações, suas lágrimas, nossos beijos. Mas então, só se tratava de pecadinhos. Hoje, é outra coisa. Engoli uma grande golada de uísque, as paredes começaram a dançar e eu soçobrei.

A luz filtrou-se através de minhas pálpebras. Conservei-as fechadas. Tinha a cabeça pesada e uma tristeza de morte. Não me lembrava de meus sonhos. Naufragara em espessuras negras; era líquido e sufocante, uma espécie de piche, e esta manhã eu apenas emergira. Abri os olhos. André estava sentado numa poltrona ao pé do leito e me olhava sorrindo: — Minha pequena, nós não vamos continuar deste modo.

Era ele, no passado, no presente, o mesmo, eu o reconhecia. Mas ainda subsistia essa barra de ferro em meu peito. Meus lábios tremiam. Me obstinar mais, ir a pique, me afogar em espessuras de solidão e de noite. Ou tentar segurar essa mão que se estendia. Ele falava com aquela voz igual, apaziguadora, que amo. Admitia seus erros. Mas era no meu interesse que falara a Filipe. Achara-nos tão tristes os dois que tinha decidido intervir logo, antes que nossa briga fosse consolidada.

— Você, que é tão alegre sempre, não faz idéia como me desolava vê-la a se arrasar! Eu compreendo que, no primeiro momento tenha me querido mal. Mas não esqueça o que somos um para o outro. Não vai ficar zangada indefinidamente.

Sorri fracamente, ele aproximou-se, passou um braço em torno de meus ombros, eu me agarrei a ele e chorei com doçura. Volúpia quente das lágrimas deslizando pela face! Que repouso! É tão fatigante detestar-se alguém que se ama!

— Eu sei por que lhe menti — disse um pouco mais tarde. — Porque envelheço. Sabia que dizer a verdade criaria um drama; isso não me teria detido, antes. Agora, a idéia de uma disputa me fadiga. Enveredei por um atalho.

— Isso quer dizer que você me mentirá cada vez mais?

— Não, eu lhe prometo. Depois não tornarei a ver Filipe com freqüência, nós não temos mais muita coisa a nos dizer.

— As brigas estão a cansá-lo. Entretanto, ontem, você bem que me insultou.

— Eu não a suporto de cara feia; então é melhor engalfinhar-se.

Eu lhe sorri:

— Decerto você tem razão. Era preciso sair desta. Tomou-me pelos ombros:

— Saímos de fato? você não está mais zangada comigo?

— Absolutamente não estou mais. Acabado. Fim, fim. Sim, estávamos reconciliados. Mas disséramos tudo um ao outro? Não eu, em todo o caso. Ainda havia algum resíduo dentro de mim: a maneira que tinha André de se abandonar à velhice. Não queria falar-lhe, agora, era necessário antes que o céu serenasse completamente. E ele? Teria algum pensamento oculto? Reprovava seriamente o que chamava de meu otimismo voluntarioso? A tempestade havia sido breve demais para nada mudar entre nós: mas não havia sido um sinal de que, depois de algum tempo — quando? — imperceptivelmente, algo se modificara?

Alguma coisa mudou, eu me dizia, enquanto rolávamos a 140 por hora na auto-estrada. Estava sentada ao lado de André, nossos olhos viam o mesmo aterro, o mesmo céu, mas havia invisível, impalpável, uma camada isolante entre nós. Teria ele consciência disto? Sim, sem dúvida. Se tinha proposto esse passeio era na esperança de que, ressuscitando aqueles de outrora, ele terminasse por nos aproximar. Mas o passeio não se parecia com os outros posto que não lhe conferia nenhum prazer. Deveria ser-lhe grata por sua gentileza, mas não, eu estava penalizada por sua indiferença. Sentira-a tão bem que chegara ao ponto de quase recusar, mas ele tomaria esta recusa como prova de má vontade. O que nos acontecia? Tinha havido brigas em nossas vidas, mas por razões sérias.

Exemplo: a educação de Filipe. Tratava-se de verdadeiros conflitos que nós liquidávamos na violência, mas rápida e definitivamente. Desta vez, fora um turbilhão de fumaça, de fumaça sem fogo, e por sua inconsistência mesmo, em dois dias, ele não se dissipara totalmente. É necessário dizer, também que, outrora, tínhamos na cama reconciliações fogosas; no desejo, na perturbação, no prazer, os agravos ociosos eram calcinados. Reencontrávamo-nos, um em frente do outro, novos e joviais. Agora, estávamos privados desse recurso.

Vi o cartaz, franzi os olhos.

— O quê? É Milly? Já? Faz vinte minutos que saímos.

— Rodei bem — disse André.

Milly. Quando mamãe nos levava a ver vovó, que expedição! Era o campo, imensa extensão cultivada de trigo dourado, às bordas da qual colhíamos papoulas. Essa cidadezinha distante estava mais próxima de Faris, agora, do que nos tempos de Balzac, Neuilly ou Auteuil.

André custou a encostar o carro, era dia de feira: um grunhir de carros e pedestres. Reconheci o velho Mercado, o Hotel do Leão de Ouro, as casas e suas telhas com matizes fanados. Mas as bancas erguidas na praça transformavam-na. Utensílios em plástico, brinquedos, quinquilharias, latas de conservas, perfumarias, jóias, não evocavam as antigas feiras de vilarejos: espalhados ao ar livre, era o Monoprix, Inno.⁵ Portas e paredes em vidro, uma grande livraria rebrilhava, cheia de livros e revistas com capas lustrosas. A casa de vovó, antes situada um pouco fora da cidadezinha, fora substituída por um edifício de cinco andares em redor do qual havia um aglomerado de gente.

⁵ *Monoprix, Inno, cadeias de casas comerciais a preço único ou populares, padronizadas (N. do T.).*

— Não quer um copo?

— Oh, não! — disse — Não é mais o meu Milly. Decididamente, nada mais era igual: nem Milly, nem Filipe, nem André. E eu?

— Vinte minutos para vir a Milly, é um milagre — disse quando subíamos no carro. — Somente, não é mais Milly.

— Aí está. Ver o mundo transformar-se é ao mesmo tempo milagroso e desolador.

— Você vai caçoar ainda de meu otimismo; para mim, é, sobretudo, milagroso.

— Mas para mim também. O desolador quando se envelhece não está nas

coisas, mas em nós mesmos.

— Eu não acho. Aí se perde mas também se ganha.

— Perde-se, mais do que se ganha. Verdadeiramente, não vejo o que se ganha. Você pode me dizer?

— É agradável ter atrás de si um longo passado.

— Acha que tem um? Para mim, não tenho o meu. . . Tente, pois, narrá-lo.

— Eu sei que ele está lá. Ele dá espessura ao presente.

— Seja. E quê, ainda?

— Intelectualmente, domina-se melhor as proposições. Estou de acordo que se esquece muito, mas mesmo o que é esquecido fica a nossa disposição de um certo modo.

— Pode ser em seu ramo. Eu estou cada vez mais ignorante de tudo quanto o que não é minha especialização. Para me pôr ao corrente da física quântica, precisaria voltar para a Universidade como simples aluno.

— Nada o impede.

— Pode ser que o faça.

— É engraçado — disse. — Nós estamos de acordo em todos os pontos, menos neste: não vejo o que se perde envelhecendo.

— A mocidade. Não é um bem em si.

— A mocidade é o que os italianos chamam de um nome tão bonito: *Ia stamina*. A seiva, o fogo, que permite amar e criar. Quando se perde isso, perde-se tudo.

Ele havia falado em tal tom que eu não ousava acusá-lo de complacência. Alguma coisa que eu ignorava o corroía. Que eu não desejava conhecer, que me assustava. Era talvez isto que nos separava.

— Jamais acreditarei que você não possa mais criar — disse.

— Bachelard escreveu: "Os grandes sábios são úteis à ciência na primeira metade de suas vidas, nocivos na segunda." Sou tido como um sábio. Só o que posso fazer no presente é tentar não ser demasiado nocivo.

Nada respondi. Verdadeiro ou falso, ele acreditava no que dizia. Seria fútil protestar. Compreendia que meu otimismo o agastava freqüentemente: era um modo de sofismar seu problema. Mas que fazer? Não podia contestá-lo nem pôr-me em seu lugar. O melhor era calar-me. Rodamos em silêncio até Champeaux.

— Esta nave é, em verdade, bela — comentou André quando entramos na igreja. Ela lembra muito a de Sens, mas as proporções são ainda mais felizes.

— Sim, ela é bela. Eu não me recordo da de Sens.

— É a mesma alternância de grandes colunas isoladas e de finas colunas

geminadas.

— Que memória você tem!

Olhamos conscienciosamente a nave, o coro, o transepto. A colegial não era menos bonita porque eu subira à Acrópole, mas meu humor não era o mesmo do tempo em que num velho calhambeque sacolejávamos sistematicamente pela Ile-de-France. Nenhum de nós dois estava por dentro. Não me interessava verdadeiramente pelos capitéis esculpido, nem pelas cadeiras do coro.

Saindo da igreja, André me perguntou:

— Você acha que "A Truta de Ouro" existe ainda?

— Vamos ver.

Antigamente, era um dos nossos lugares favoritos, aquele pequeno albergue, à borda da água, onde se comiam pratos simples e deliciosos. Nós lá festejamos as bodas de prata e, depois disso, não tínhamos voltado. Silencioso, pavimentado com pequenas pedras, o lugarejo não havia mudado. Percorremos a rua principal nos dois sentidos: "A Truta de Ouro" tinha desaparecido. O restaurante onde paramos, na floresta, nos desagradou: decerto por compará-lo às lembranças.

— E agora, que fazemos? — indaguei.

— Nós tínhamos falado do castelo de Vaux, das torres de Blandy.

— Mas tem você vontade de ir?

Ele estava pouco ligando e eu também, mas nenhum de nós ousava dizê-lo. Em que pensaria ao certo, enquanto rodávamos sobre estradazinhas cheirando a folhagem? No deserto de seu futuro? Eu não podia segui-lo. Sentia-o solitário ao meu lado. E eu estava também. Muitas vezes, Filipe havia tentado me telefonar. Eu desligava assim que lhe reconhecia a voz. Interrogava-me. Tinha sido muito exigente com ele? André demasiado desdenhosamente indulgente? Era dessa discordância que ele fora vítima? Gostaria de discutir com André mas temia reavivar uma briga.

O castelo de Vaux, as torres de Blandy: nós executamos nosso programa. Dizíamos: "Eu me lembrava bem, eu mal me lembrava, são soberbas estas torres..." Num sentido, é ocioso visitar coisas. É necessário que um projeto ou uma questão vos ligue a elas. Eu só percebia pedras empilhadas umas sobre as outras.

Este dia não nos havia aproximado, eu nos sentia decepcionados e muito longe um do outro enquanto voltávamos a Paris. Parecia-me que não podíamos mais nos falar. Seria verdadeiro, então, o que eles dizem sobre a não-comunicação? Como eu tinha entrevisto na cólera, nós estávamos votados à solidão, ao silêncio? Teria sempre sido e fora por otimismo obstinado que eu

pretendera o contrário? "É preciso fazer um esforço" — disseme, ao deitar. "Amanhã cedo conversaremos. Tentaremos chegar ao fundo das coisas." Se nossa querela não fora liquidada é que se tratava de um sistema. Era necessário chegar à raiz. Em particular, não ter medo de falar de Filipe. Um assunto proibido e todo nosso diálogo fica bloqueado.

Eu servia o chá e procurava palavras para atrair uma explicação quando André me disse:

— Sabe do que tenho vontade? É de ir já para Villeneuve. Repousarei mais que em Paris.

Eis aí a conclusão que ele tirara desse dia frustrado: em vez de procurar uma reaproximação, fugia! Acontece-lhe passar sem mim alguns dias em casa de sua mãe, por afeição a ela. Mas desta feita era um modo de escapar a um convívio mais a sós. Fiquei profundamente ofendida.

— Excelente idéia! — redargüi com secura. — Sua mãe ficará encantada. Vá.

Deixou cair dos lábios, contrafeito:

— Você não quer ir?

— Você sabe muito bem que não tenho nenhuma vontade de deixar Paris tão depressa. Irei na data prevista.

— Como queira.

De qualquer modo eu teria ficado. Queria trabalhar e também ver como meu livro seria acolhido, falar dele com amigos. Mas fiquei desconcertada que ele não insistisse mais. Indaguei com frieza: — Quando pensa ir?

— Não sei. Logo. Não tenho nada a fazer aqui.

— Logo quer dizer o quê? Amanhã? Depois de amanhã?

— Por que não amanhã cedo?

Ficaríamos, então, separados quinze dias: nunca ele me deixava mais que três ou quatro, salvo para ir a congressos. Teria me mostrado desagradável? Ele deveria ter discutido comigo em lugar de fugir. No entanto, não era de seu estilo tirar o corpo. Só via uma explicação e sempre a mesma: ele envelhecia. Pensei com irritação: "Que vá chocar sua velhice longe!" Eu não iria, com certeza, levantar um dedo para retê-lo.

Concordamos que tomasse o carro. Ele passou o dia na garagem, fazendo compras, dando telefonemas. Despediu-se de seus colaboradores. Quase não o vi. Quando subiu para o carro o dia seguinte, trocamos beijos e sorrisos. Encontrei-me na biblioteca, aturdida. Tinha a impressão que, me deixando plantada ali, André me punia. Não. Ele apenas quisera livrar-se de mim.

Passado o primeiro espanto eu me senti leve. A vida a dois exige decisões. "A que hora a refeição? O que desejaria comer?" Os projetos se formulam. Na solidão, os atos se sucedem sem premeditação, é repousante. Eu me levantava tarde, ficava enrodilhada na mornidão das cobertas, tentando apanhar em seu vôo fiapos de meus sonhos. Lia a correspondência bebendo chá e cantarolando: "Eu passo, eu passo... eu passo... muito bem sem você". Entre minhas horas de trabalho, vadiava.

Esse estado de graça durou três dias. Na tarde do quarto, soaram na porta pancadinhas precipitadas. Uma única pessoa bate assim. Meu coração palpitou com violência. Perguntei através da porta: — Quem está aí?

— Abra — gritou Filipe. — Porei o dedo na campainha até que você abra.

Abri com rapidez e houve seus braços em torno a mim, sua cabeça inclinada sobre meu ombro.

— Minha pequena, minha querida, eu lhe peço, não me deteste! Não posso viver brigado com você. Eu a quero tanto!

Tantas vezes, essa voz suplicante fez dissolver-se a minha raiva! Deixei-o entrar na biblioteca. Ele me queria, eu não podia mais duvidar. Seria que outra coisa contava? As velhas palavras vinham-me aos lábios: "Meu menininho!", mas eu as contive. Não se tratava de um meninozinho.

— Não tente me enternecer. É muito tarde. Você estragou tudo.

— Escute, pode ser que eu tenha errado, que eu tenha agido mal, não sei mais, eu não consigo dormir. Mas eu não quero perdê-la, tenha piedade de mim, você me torna tão infeliz!

Lágrimas infantis brilhavam em seus olhos. Mas não era mais uma criança. Um homem, o marido de Irene, um pequeno senhor.

— Seria muito cômodo — eu disse. — Você dá o seu golpe com doçura, sabendo perfeitamente que cava um fosso entre nós. E você desejaria que eu aparasse o golpe muito alegre e que tudo volte a ser como antes. Não e não.

— Em verdade, você é muito dura, demasiado sectária. Existem pais e filhos que se querem sem ter as mesmas opiniões políticas.

— Não se trata de divergências de opinião. Você muda de campo por ambição, por arrivismo. É isto que é feio.

— Mas não. Minhas idéias mudaram! Pode ser que eu seja influenciável, mas o certo é que eu comecei a ver as coisas sob outro ângulo. Juro!

— Então, deveria ter-me prevenido antes. Não fazer as suas macaquices às minhas costas e depois me pôr diante do fato consumado. Não lhe perdoarei nunca isso!

— Não ousei. Você tem um modo de me olhar que me apavora.

— Sempre disse isso e isso nunca foi uma desculpa.

— Contudo, você me perdoava. Perdoe-me ainda esta vez. Eu lhe suplico. Não suporto ficar de mal com você.

— Não posso fazer nada. Você agiu de tal modo que não consigo mais prezá-lo.

A tempestade trovejou em seus olhos: preferia isto. Sua cólera sustentaria a minha.

— Você tem palavras que me matam. A mim, nunca me perguntei se a prezava ou não. Fizesse você bandalheiras e eu não a amaria menos. Para você, o amor, é preciso merecê-lo. Sim, eu me contive muito para não desmerecer aos seus olhos. Todos os meus desejos — ser aviador, ou corredor de automóvel, ou repórter, a ação, a aventura — você os tomava por caprichos.

Para lhe ser agradável eu me sacrifiquei. E a primeira vez que eu não cedo você rompe comigo.

Interrompi:

— Você chove no molhado. Não quero mais vê-lo porque desprezo sua conduta.

— Ela é desprezível porque contraria seus projetos. Não iria mesmo obedecê-la a vida toda. Você é por demais tirânica. No fundo, você não tem coração mas só vontade de poder. — Havia raiva e lágrimas em sua voz: — Pois bem, adeus! Despreze-me o quanto queira. Passarei muito bem sem você.

Ele caminhou para a porta e bateu-a atrás de si. Fiquei de pé no vestibulo, pensando: Vai voltar. Ele volta sempre. Não teria mais coragem de resistir-lhe, teria chorado com ele. Ao fim de cinco minutos tornei à biblioteca, sentei-me, e chorei, sozinha.

"Meu menininho.. ." O que é um adulto? Uma criança engurgitada de idade. Eu o despojava de sua idade, reencontrava seus doze anos. Impossível querer-lhe mal. E entretanto, não. Tratava-se de um homem. Não havia razão para julgá-lo menos severamente que qualquer outro. Tenho o coração endurecido? Existem pessoas capazes de amar sem estima? Onde começa, onde termina a estima? E o amor? Se ele tivesse falhado em sua carreira universitária, se tivesse tido uma vida medíocre, jamais minha ternura lhe faltaria: porque ele teria necessidade dela. Se eu me tivesse tornado inútil, mas no orgulho prosseguiria, alegremente, querendo-o. Mas no mesmo tempo que me escapa, eu o condeno. Que farei com ele?

A tristeza recaiu sobre mim e não mais me deixou. De agora em diante, se

me atraso na cama, é que me custa acordar sem o auxílio de incentivo para a vida. Hesitava em mergulhar sozinha na monotonia do dia. Uma vez de pé, ficava tentada a tornar à cama e lá permanecer até a noite. Atirava-me ao trabalho, ficava horas seguidas à mesa de escrever, nutrindo-me de suco de frutas. Quando parava, ao fim da tarde, tinha a testa escaldante e os ossos doloridos. Acontecia-me adormecer tão pesadamente sobre o divã que, ao acordar, experimentava um angustiante estupor: tal como se minha consciência, emergindo anonimamente da noite, hesitasse antes de se reencarnar. Ou era o cenário familiar que eu contemplava com olhos incrédulos: avesso ilusório e cintilante do Nada onde mergulhara. Meu olhar detinha-se surpreendido sobre os objetos que eu trouxera dos quatro cantos da Europa. O espaço não conservou o rastro de minhas viagens, minha memória negligencia evocá-las. E as bonecas, os vasos, as bugigangas estão por aí. Um nada me fascinava e obsedava. O encontro de uma seda vermelha e de uma almofada roxa. Quando vi pela última vez brincos de princesa, sua batina de bispo e cardeal, seu longo e frágil sexo? o *volubilis* luminoso? a simplória rosa selvagem? as madressilvas descabeladas? os narcisos abrindo em suas brancuras os grandes olhos espantados? quando? Eles podiam não mais existir no mundo e eu não o saberia. Nem os nenúfares nos açudes, nem o trigo mourisco nos campos. A terra está ao meu redor como uma vasta hipótese que jamais verifico.

Eu me arrancava a essas brumas, descia nas ruas, olhava o céu, as casas mal caiadas. Nada me tocava. Luas e crepúsculos, cheiro de primavera molhada, de alcatrão quente, claridade e estações . . . conheci momentos com puro brilho de diamantes, mas sempre sem o haver solicitado. Eles surgiam de surpresa, trégua inesperada, promessas insuspeitas, através dos trabalhos que me afligiam; eu os fruía fugidamente, saindo do liceu ou da boca do metrô, no meu terraço entre duas seções de trabalho, sobre o bulevar, quando me apressava para ir ao encontro de André. Agora, caminhava em Paris, disponível, atenta e gelada de indiferença. O excesso de meus lazeres, concedendo-me o mundo, impedia-me de vê-lo. De igual maneira pelas tardes quentes, o sol incidindo nas persianas cerradas faz brilhar para mim todo o esplendor do estio e ele me cega se eu o afronto em sua crueza tórrida.

Voltava, telefonava para André, ou era ele quem me chamava. Sua mãe estava mais combativa do que nunca, e ele revia velhos camaradas, passeava e fazia jardinagem. Sua cordialidade folgazã me deprimia. E pensava que iríamos nos encontrar no mesmo ponto, com o muro de silêncio entre os dois. Isto não reaproxima: o telefonema confirma as distâncias. Não se é dois, como numa

conversa, pois que não se vê um ao outro. E não se está sozinho como diante do papel de cartas que permite falar a si mesmo falando a outro, de procurar e encontrar a verdade.

Tive vontade de escrever-lhe: mas o quê? A meu aborrecimento se misturava inquietação. Os amigos a quem enviara meu ensaio deveriam ter-me escrito para falar a respeito. Nenhum o fizera, nem mesmo Martine. Na semana que se seguiu à partida de André, houve de um só golpe, um grande número de artigos sobre meu livro. Os de segunda-feira me decepcionaram, os de quarta me irritaram e os de quinta me aterrorizaram. Os mais severos falavam de repetição fastidiosa, os mais benévolos de interessante colocação de problema. A todos a originalidade de meu trabalho escapara. Não soubera destacá-la? Apelei para Martine. As críticas eram estúpidas, me disse. Não deveria levá-las em conta. Desejava terminar o livro para dar-me sua própria opinião. Ia terminar a leitura aquela noite e refletir sobre ele. Ao dia seguinte viria a Paris. Desligando o receptor, eu tinha a boca amarga. Martine não quisera falar pelo telefone: seu julgamento seria, então, desfavorável. Eu não compreendia. De ordinário não me engano sobre o que faço.

Três semanas se tinham passado depois de nosso encontro no parque Montsouris — três semanas que figuravam entre as mais desagradáveis de minha vida. Normalmente, ficaria feliz com a idéia de ver Martine. Mas me sentia mais angustiada que ao esperar o resultado da defesa de tese. Após os rápidos cumprimentos ataquei: — Então? O que pensa?

Ela me respondeu com frases ponderadas, que se percebia cuidadosamente escolhidas. Esse ensaio era uma excelente síntese, ele elucidava certos pontos obscuros, esclarecia o que minha obra trouxera de novo.

— Mas ele próprio trouxe algo novo?

— Não é seu escopo.

— Mas era o meu.

Ela se perturbou, eu insisti e a provoquei. Segundo seu pensamento, os métodos que eu propusera os havia aplicado em meus ensaios anteriores; em muitas passagens eu os tinha, mesmo, nitidamente tornado explícitos. Não, eu não inovara. Tratava-se, antes de mais nada, como havia dito Pélissier, de uma sólida equação.

— Quis fazer coisa completamente diversa.

Estava ao mesmo tempo aturdida e incrédula, como acontece freqüentemente quando má notícia se abate sobre nós. A unanimidade do veredito era acabrunhadora. Todavia, pensava: "Não posso ter-me enganado a este ponto!"

No jardim onde jantamos, às portas de Paris, fiz um grande esforço para dissimular minha contrariedade. Acabei por dizer:

— Eu me pergunto se, a partir de sessenta anos não estamos condenados a nos repetir.

— Que idéia!

— Pintores, músicos, mesmo filósofos que se ultrapassaram na velhice, existem muitos. Mas escritores, você pode me citar?

— Victor Hugo.

— Seja. Mas que outro? Montesquieu praticamente parou aos cinquenta e nove anos com *O Espírito das Leis* que, entretanto, ele havia concebido há muito tempo.

— Deve haver casos.

— Mas nenhum lhe açode à idéia.

— Vamos! — você não vai desencorajar-se — disse Martine repreensiva. — Todas as obras possuem altos e baixos. Desta feita não realizou completamente o que quis: terá sua desforra.

— Em geral todos os reveses me estimulam. Desta vez é diferente.

— Não vejo em quê.

— Pela idade. André afirma que os cientistas não descobrem mais nada bem antes dos cinquenta anos. Em literatura, sem dúvida, chega um momento em que só se marca passo.

— Em literatura estou certa que não — disse Martine.

— E quanto às ciências?

— Não sou competente.

Revi o rosto de André. Teria ele tido o mesmo gênero de decepção que eu? Uma vez? Em definitivo? ou seguidamente?

— Vocês têm cientistas entre os amigos. Que pensam eles de André?

— Que é um grande sábio.

— Mas como julgam o que faz agora?

— Ele tem uma excelente equipe. Seus trabalhos são muito importantes.

— Ele diz que todas as novidades vêm de seus colaboradores.

— Isto é possível. Parece que é na força da idade que os cientistas descobrem. Nas ciências, quase todos os prêmios Nobel são homens jovens.

Suspirei.

— Então, André tem razão: ele não descobrirá mais nada.

— Não se temo direito de prejudicar o futuro — e Martine mudou bruscamente de tom. — Apesar de tudo, só existem casos particulares. As

generalidades não provam nada.

— Gostaria de acreditar. E mudei a conversa. Ao me deixar, Martine declarou com ar hesitante:

— Vou retomar seu livro. Eu o li depressa demais.

— Você o leu muito bem e é um fracasso. Mas como disse muito bem, isso não é tão grave.

— De maneira nenhuma. Estou certa que escreverá ainda muitos livros bons. Estava quase certa do contrário mas não quis contradizê-la.

— É de tal modo jovem! — argumentou ela. Dizem-me isso com freqüência e eu me sinto envaidecida.

Súbito, agastei-me com a palavra. É um elogio ambíguo, anunciador de penosos dias seguintes. Conservar a vitalidade, a alegria, a presença de espírito, é ser jovem. Então, o lote da velhice é a rotina, a melancolia, a senilidade. Eu não sou jovem, eu sou bem conservada, é muito diferente. Bem conservada e talvez no fim. Tomei soníferos e me deitei.

Ao acordar, encontrei-me num estado curioso: mais febril do que ansiosa. Deixei o telefone aos assinantes ausentes, e encetei a leitura de meu Rousseau e meu Montesquieu. Li dez horas seguidas, me interrompendo, apenas, para comer ovos cozidos e uma fatia de presunto. Curiosa experiência: reanimar esses textos nascidos de minha pena e esquecidos. Por instantes, eles me interessavam, me espantavam como se uma outra os houvesse escrito: e entretanto eu reconhecia esse vocabulário, esses cortes de frases, esses ataques, esses eclipses, esses tiques: aquelas páginas estavam todas impregnadas de mim, era uma intimidade enjoativa como o cheiro de um quarto onde e estive confinado muito tempo. Fui obrigada a tomar ar, a jantar no pequeno restaurante do lado. Uma vez em casa, engoli xícaras de café bem forte e abri meu último ensaio. Ele estava presente em meu espírito e eu sabia antecipadamente qual seria o resultado desse confronto. Tudo o que eu tinha a dizer já fora dito em minhas duas monografias. Eu me limitava a repetir de uma outra forma as idéias que lhes conferiram interesse. Enganara-me ao imaginar que progredira. E até mesmo, separados do conteúdo singular, ao qual eu os havia aplicado, meus métodos perdiam sua sutileza, sua flexibilidade. Não trazia nada novo: absolutamente nada. E sabia que o segundo volume só fazia prolongar aquele marcar passo. Eis que passara três anos escrevendo um livro inútil. Não somente falho como outros, onde, através de inabilidades e pesquisas, eu abria perspectivas. Inútil. De atirar ao fogo.

Não prejudicar o futuro. Fácil de dizer. Eu o via. Ele se estendia diante de

mim, a perder de vista, plano e nu. Nenhum projeto, nenhum desejo. Não escreveria mais. Então o que faria? Que vazio em mim, à minha volta. Inútil. Os gregos chamavam seus velhos de vespões. "Inútil vespão!", diz Hécuba nas *Troianas*. Era o meu caso. Estava aniquilada. Indagava-me como se consegue viver quando não se espera nada de si. Por amor-próprio, não quis adiantar minha partida e ao telefone não disse nada a André. Mas como me pareceram longos os três dias que se seguiram! Discos coloridos, em volumes nas tábuas da estante, nem a música, nem as frases, nada podiam por mim. Antes, esperava deles estímulo ou repouso. Via, agora, um divertimento cuja gratuidade me desgostava. Ir a uma exposição? Voltar ao Louvre? Desejava tanto ter tempo para isto quando ele me faltava! Mas se dez dias antes eu só tinha visto em igrejas e castelos pedras empilhadas, seria pior agora. Do quadro ao meu olhar, nada viria. Sobre as telas só perceberia cores cuspidas por uma bisnaga e esparramadas com um pincel. Já havia constatado que passear me aborrecia. Meus amigos estavam de férias e depois eu não desejava ouvir suas sinceridades ou suas mentiras. Filipe... com que dor eu o deplorava! Afastei sua imagem. Ela me fazia subir lágrimas aos olhos.

Permaneci, então, em casa, ruminando. Fazia muito calor. Mesmo afastando as cortinas estava abafado. O tempo estagnava. É terrível. Tenho vontade de dizer é injusto — que ele possa passar ao mesmo tempo tão veloz e tão lentamente. Transpunha a porta do liceu de Bourg, quase tão jovem como as próprias alunas, ou olhava apiedada os professores de cabelos grisalhos. E upa! Tornei-me velha professora e as portas do liceu se fecharam. Durante anos, minhas classes me deram a ilusão de não mudar de idade: a cada entrada eu os reencontrava igualmente jovens, e esposava essa imobilidade. No oceano do tempo, eu era o rochedo batido pelas vagas que se renovavam e que não se move e não se gasta. E, súbito, o fluxo me arrasta e me arrastará até que eu tombe na morte. Tragicamente, minha vida se precipita. E, entretanto, ela se escoia neste momento com que lentidão — hora por hora, minuto por minuto! É preciso sempre esperar que o açúcar derreta, que a lembrança se apague, que a ferida se cicatrize, que o sol se ponha, que o tédio se dissipe. Estranho corte entre esses dois ritmos. Meus dias me escapavam aos galopes e em cada um deles eu enlanguescia.

Só me resta uma esperança: André. Mas poderá ele cumular este vazio em mim? Onde estávamos? E em primeiro lugar, que fomos um para o outro, ao longo dessa vida chamada comum? Gostaria de saber sem chantagem. Para isso será necessário recapitular nossa história. Sempre me prometi fazê-lo. Tento.

Enfiada numa funda poltrona, olhos no teto, narro-me os primeiros encontros, nosso casamento, o nascimento de Filipe. Não aprendia nada que já não soubesse. Que pobreza! "O deserto do passado", disse Chateaubriand. Ele tem razão, ai de mim! Tinha imaginado que minha vida, atrás de mim, era uma paisagem na qual eu pudesse passear a vontade, descobrindo pouco a pouco seus meandros e voltas. Não. Eu sou capaz de recitar nomes e datas, como um aluno repete uma lição bem decorada sobre um assunto que lhe é estranho. E de longe em longe ressuscitam imagens mutiladas, empalidecidas, tão abstratas como aquelas de minha velha História da França. Recortam-se, arbitrariamente, sobre um fundo branco. O rosto de André não muda nunca através dessas evocações. Parei. O que era necessário era refletir. Ele me amou como eu o amei? No início, creio eu, sim, ou por outra, o problema não se propunha a nenhum dos dois, tão bem nos entendíamos. Mas quando seu trabalho cessou de satisfazê-lo, teria percebido que nosso amor não lhe bastava?

Decepcionara-se? Creio que ele me considera como um inapelável cujo desaparecimento o desconcertaria, mas que não saberia modificar seu destino em nada, a grande partida se travando em outro campo. Assim, mesmo a minha compreensão não lhe traria grande coisa. Uma outra mulher conseguiria dar-lhe mais? Quem levantara a barreira entre nós? Ele, eu ou nós dois? Haveria chance de destruí-la? Estava cansada de perguntas. As palavras de decompunham em minha cabeça: amor, entendimento, desacordo, eram ruídos despojados de sentido. Teriam jamais tido um? Quando tomei o *Mistral*, no início da tarde, eu não sabia, absolutamente o que me esperava.

Ele me aguardava na plataforma da estação. Depois de tantas imagens e "palavras, essa voz desencarnada e a evidência brusca de sua presença! Queimado de sol, afinado, os cabelos cortados de pouco, vestido com uma calça de linho e uma camisa esporte de mangas curtas, era um pouco diverso do André que eu deixara, mas era ele próprio. Minha alegria não poderia ser falsa, e não se aniquilaria em alguns instantes. Ou sim? Ele teve gestos afetuosos para me instalar no carro, e sorrisos cheios de gentileza enquanto rodávamos em direção a Villeneuve. Mas nós estamos tão habituados a nos falar amavelmente que nem os gestos nem os sorrisos significavam grande coisa. Estaria verdadeiramente contente por me receber?

Manette pôs sua mão seca sobre meu ombro, um beijo rápido em minha testa: "Bom dia, minha criancinha!" Quando ela morrer ninguém me chamará mais "minha criancinha". É difícil imaginar que eu tenha quinze anos mais que ela em sua primeira aparição. Aos quarenta e cinco anos me parecia tão idosa

quanto hoje.

Sentei-me no jardim com André. As rosas castigadas pelo calor exalavam um odor pungente como um queixume. Disse-lhe:

— Você remoçou.

— É a vida campestre! Como vai você?

— Fisicamente, bem. Mas você viu as minhas críticas?

— Algumas.

— Por que não me preveniu que meu livro não valia nada?

— Você exagera. Ele é menos diferente dos outros do que pensava. Mas está cheio de coisas interessantes.

— Mas não o interessou muito.

— Oh! eu... nada mais me prende. Não há pior leitor do que eu.

— A própria Martine julga-o severamente e, bem pensando, eu também.

— Você tentou algo muito difícil, procurou daqui a dali. Mas suponho que, agora, veja claro; você se realizará no segundo volume.

— Não, infelizmente! É a própria concepção do livro que está errada. O segundo volume será tão mau como o primeiro. Ponho-o de lado.

— É uma decisão apressada. Deixe-me ler seus manuscritos.

— Não os trouxe. Eu sei que são ruins, creia-me.

Ele me encarou com perplexidade. Não me desencorajo facilmente e ele o sabe.

— O que vai fazer para substituir?

— Nada. Acreditava ter panos para mangas por dois anos. Bruscamente, é o vazio.

Pôs a mão sobre a minha:

— Compreendo que esteja aborrecida. Mas não se chateie demais. Agora, forçosamente é o vazio. E de repente, um dia, uma idéia virá.. .

— Veja como se é otimista quando se trata de outro.

Ele insistiu. Estava no seu papel. Citou autores dos quais seria interessante falar. Mas recomeçar meu Rousseau, meu Montesquieu, para quê? Gostaria de ter achado um ângulo novo: e eu não o encontrara. Lembrei-me de coisas que André me havia dito. Essas resistências de que me tinha falado, eu as encontrava em mim. Meu acesso aos problemas, meus hábitos de espírito, minhas perspectivas, meus pressupostos, eram eu própria e não imaginava mudar. Minha obra estava parada, acabada. Minha vaidade não estava atingida. Se eu morresse no dia seguinte, teria a idéia de que me realizara na vida. Mas estava assustada com esse deserto através do qual iria me arrastar até que a morte chegasse.

Durante o jantar custou-me fazer boa figura. Felizmente, Manette e André entraram em apaixonada disputa a propósito das relações sino-soviéticas.

Subi para me deitar cedo. Meu quarto cheirava a lavanda, a tomilho e a pinheiro silvestre: parecia-me que o havia deixado na véspera. Um ano já! cada ano passa mais rápido que o prece-dente. Não terei de esperar tanto até adormecer para sempre. Todavia, sabia como as horas podem se arrastar lentamente. E eu amo ainda bastante a vida para que a idéia da morte me console. No silêncio do campo, apesar de tudo, dormi um sono apaziguador.

— Você quer passear? — indagou André na manhã seguinte.

— Claro.

— Vou mostrar-lhe um belo recanto que redescobri. À margem do Gard. Pegue uma roupa de banho.

— Eu não trouxe.

— Manette lhe emprestará. Você vai ver. Ficaré tentada.

Seguimos de carro através de charnecas e depois, de estreitos caminhos poeirentos. André falava com volubilidade. Havia muito anos que não passava aqui uma tão longa temporada. Tinha tido lazer para explorar de novo a região, para rever seus camaradas de infância: decididamente, parecia muito mais jovem e alegre que em Paris. Era visível que eu em absoluto não lhe fizera falta. Durante quanto tempo prescindiria ele, alegremente, de mim?

Parou o carro.

— Vê essa mancha verde embaixo? É o Gard. Ele forma uma espécie de bacia, é ideal para o banho e o lugar é encantador.

— Diga, é um bocado de caminho. Será necessário subir, depois.

— Não é muito fatigante, eu o fiz com freqüência.

Ele desceu a rampa, muito depressa, com passo seguro. Eu o seguia de longe estrebuchando um pouco: uma queda, uma fratura na minha idade não seria nada engraçado. Podia subir depressa, mas jamais fui boa para as descidas.

— Não é bonito?

— Muito bonito.

Sentei-me à sombra de uma rocha. Para me banhar, não. Eu nado mal. E mesmo diante de André, me repugna exhibir-me em roupa de banho. Um corpo de velho, apesar de tudo, é menos feio que um corpo de velha, disse a mim mesma olhando-o patinhar na água. Água verde, céu azul, cheiro de brejo: ficaria melhor aqui que em Paris. Se apenas ele houvesse insistido, teria vindo antes: mas é justamente o que ele não desejou.

Sentou-se ao meu lado sobre o cascalho.

— Você fez mal. Estava formidável!

— Fiquei muito bem aqui.

— Como achou mamãe? Ela é extraordinária, hein?

— Extraordinária. Que é que ela faz o dia inteiro?

— Lê muito, escuta o rádio. Eu lhe propus comprar uma televisão mas ela recusou. Disse: "Eu não deixo entrar qualquer um em minha casa". Faz jardinagem. Vai às reuniões de sua célula. Como ela própria diz, jamais se aborrece.

— Em suma, é o melhor período de sua vida.

— Certamente. É um dos casos em que a velhice é uma idade feliz: quando se levou uma vida dura e mais ou menos devorada pelos outros.

Quando começamos a subir, fazia muito calor. O caminho era muito mais longo, muito mais árduo do que André tinha dito. Ele caminhava em grandes passadas, e eu que subia tão alerta antigamente, me arrastava, longe atrás dele. Era vergonhoso. O sol me verrumava as temperas, a agonia estridente das cigarras amorosas me lancinava os ouvidos. Eu ofegava.

— Você anda muito depressa — disse.

— Não tenha pressa. Eu a espero em cima.

Parei, suando. Tornei a andar. Não era mais dona do meu coração, do meu fôlego. Minhas pernas quase não me obedeciam; a luz me feriu os olhos; o canto de amor e de morte das cigarras, na monotonia obstinada, me fazia fremir os nervos. Cheguei ao carro, o rosto e a cabeça em fogo, parecia que no limite de uma congestão.

— Estou morta.

— Deveria ter subido mais lentamente.

— Eu os conheço, seus pequenos caminhos fáceis.

Voltamos em silêncio. Errava em me irritar por uma bobagem. Sempre fui zangada. Iria tornar-me rabugenta? Precisava prestar atenção. Mas não conseguia vencer meu despeito. E me sentia tão mal que cheguei a temer uma insolação. Comi dois tomates e fui repousar no quarto onde a sombra, a cerâmica, a brancura das cobertas davam uma falsa impressão de frescura. Fechei os olhos, escutei no silêncio o tique-taque de uma pêndula. Dissera a André: "Não vejo o que se perde envelhecendo". Pois bem! Agora, eu via. Recusara sempre encarar a vida à maneira de Fitzgerald como "um processo de degradação". Acreditava que minhas relações com André não se alterariam nunca, que minha obra não pararia de se enriquecer, que Filipe pareceria cada dia mais com o homem que eu quisera fazer dele. Não me inquietava com meu corpo. E acreditava que mesmo

o silêncio produzia seus frutos. Que ilusão! A palavra de Sainte-Beuve é mais verdadeira que a de Valéry: "Endurecemos em placas, apodrecemos em outros lugares, não amadurecemos nunca". Meu corpo me abandonava. Não era mais capaz de escrever. Filipe traíra todas as minhas esperanças e o que me entristecia ainda mais é que entre mim e André as coisas estavam no ponto de se deteriorar. Que engano! este progresso, esta ascensão que me embriagara, pois que chega o momento da derrocada! Caíra no engodo. E agora seria muito rápido e muito lento: nós nos tornaríamos velhos, velhos.

Quando descí, o calor havia arrefecido. Manette lia, junto de uma janela que dava para o jardim. A idade não a tinha diminuído, mas o que se passava no fundo de si própria? Pensaria na morte? Com resignação, com medo? Não ousava perguntar-lhe.

— André foi jogar pelota, ele vai voltar — disse-me ela.

Sentei-me à sua frente. De todo o jeito, se eu atingisse oitenta anos, não me pareceria com ela. Não me imaginava a chamar liberdade à minha solidão e aproveitando, tranqüilamente, de cada instante. A mim, a vida iria tomando, pouco a pouco, tudo o que me havia dado: já começara.

— Então, Filipe deixou o ensino; não é bastante bom para ele; deseja tornar-se importante.

— Infelizmente, sim.

— Essa mocidade não crê em nada. É preciso dizer que, vocês dois tampouco, não acreditam em grande coisa. . .

— André e eu? Mas sim.

— André é contra tudo. Essa é a sua culpa. É por isso que Filipe deu no que deu. É necessário crer em alguma coisa.

Ela não se resignou com o fato de André não se ter inscrito no Partido. Eu não tinha vontade de discutir. Conteí o passeio da manhã e indaguei:

— Onde guardou os retratos?

É do ritual. Todos os anos eu olho o velho álbum. Mas ele não está nunca no mesmo lugar. Colocou-o sobre a mesa e também uma caixa de papelão. Existem poucas fotografias muito antigas. Manette no dia do casamento, dentro de um comprido e austero vestido. Um grupo: ela e seu marido, irmãos e irmãs, toda uma geração da qual é a única sobrevivente. André criança, o ar emburrado e decidido. Renée com vinte anos entre seus dois irmãos. Nós pensamos que não nos consolaríamos nunca com sua morte: vinte e quatro anos e esperava tanto da vida! Que teria obtido? Como suportaria a idade chegando? Como chorei em meu primeiro encontro com a morte! Em seguida chorei cada vez menos: meus

pais, meu cunhado, meu sogro, os amigos. É isso também, envelhecer.. Tantos mortos atrás de si deplorados, esquecidos. Súbito, quando leio o jornal, tomo conhecimento de uma nova morte: um escritor querido, uma colega, um antigo colaborador de André, um de nossos camaradas políticos, um amigo perdido de vista. Quando se fica tal Manette, única testemunha de um mundo abolido, deve-se ter um bizarro sentimento.

— Você olha as fotos?

André se inclinava sobre meu ombro. Ele folheou o álbum e me mostrou um retrato seu aos onze anos, com colegas de classe.

— Mais da metade estão mortos — disse. — Aquele lá, Pedro, eu o revi. O outro também. E Paulo que não está na foto. Fazia bem uns vinte anos que não nos encontrávamos. Quase não os reconheci. Não se pensaria que têm a minha idade: tornaram-se verdadeiros anciãos. Bem menos conservados que Manette. Foi um golpe.

— Pela vida que levaram?

— Sim. Ser camponês por estas bandas gasta um homem.

— Você se sentiu jovem, por comparação?

— Não jovem. Mas sordidamente privilegiado. Cerrou o álbum:

— Levo-a para tomar o aperitivo em Villeneuve.

— De acordo.

No carro, falou-me das partidas de pelota que acabara de ganhar. Tinha feito grandes progressos depois de sua chegada. Seu humor parecia excelente, meus aborrecimentos não o haviam alterado, constatei com um pouco de amargura. Parou o carro junto a um terreno baldio cheio de guarda-sóis azuis e laranja, sob os quais pessoas bebiam coquetéis. Um perfume de anis fluuava no ar. Ele encomendou para nós. Seguiu-se longo silêncio. Disse: — É alegre este lugarejo.

— Muito alegre.

— Diz isto com ar lúgubre. Tem saudades de Paris?

— Oh, não! Pouco me incomodo neste momento, com os lugares.

— Com as pessoas também, tenho a impressão.

— Por que diz isto?

— Você não está nada falante.

— Desculpe-me. Não estou nada boa. Tomei sol demais esta manhã.

— De ordinário, você agüenta bem.

— Envelheço.

Minha voz não era amável. Que esperava de André? Com um golpe de varinha mágica deveria tornar meu livro bom, as críticas favoráveis? Ou perto

dele meu fracasso se tornaria indiferente? Fizera para mim miúdos milagres. Ao tempo em que vivia voltado para o futuro, seu ardor me contagiava. Dava-me segurança e confiança. Perdera esse poder. Mesmo que tivesse conservado a fé em seu próprio destino, isso não seria suficiente para me tranquilizar quanto ao meu. Tirou do bolso uma carta: — Filipe me escreveu.

— Como sabia onde você estava?

— Eu lhe telefonei no dia de minha partida para dizer--lhe até breve. Contou-me que você lhe bateu a porta na cara.

— Sim e não me arrependo. Não posso querer bem quem não prezo.

André me encarou:

— Eu não sei se você está de muito boa-fé.

— Como?

— Você se coloca num plano moral quando antes é no plano afetivo que se sente traída.

— É nos dois.

Traída, abandonada, sim; uma ferida ainda aberta para que eu suporte falar dela. Caímos no silêncio. Iria estabelecer-se definitivamente entre nós? Um casal que continuava porque tinha começado, sem outra razão: era nisso que estávamos no ponto de nos tornar? Passar ainda quinze, vinte anos sem queixas maiores, sem animosidade, mas cada um para seu lado, atirado em seu problema, ruminando seu fracasso pessoal, toda palavra tornada vã? Começávamos a viver despropositadamente. Em Paris eu estava alegre, ele sombrio. Agora, eu lhe queria mal por estar contente enquanto eu aborrecida. Fiz um esforço: — Dentro de três dias estaremos na Itália. Isso lhe agrada?

— Se lhe agradar...

— Agrada-me o que lhe agradar.

— Por que você, na verdade, pouco se importa com os lugares?

— Frequentemente, você não se importa, também.

Não respondeu nada. Alguma coisa soava mal em nosso diálogo: cada um entendia atravessado o outro. Sairíamos disso? Por que amanhã e não hoje, em Roma e não aqui?

— Pois bem! entremos — disse, depois de um momento.

Matamos o tempo de noite jogando cartas com Manette.

No dia seguinte recusei enfrentar o sol, e o rumor das cigarras. Para quê? Sabia que diante do palácio dos papas, da ponte do Gard, ficaria tão indiferente como em Champeaux. Pretextei dor de cabeça para ficar em casa. André tinha trazido uma dúzia de livros novos, e mergulhou num deles. Eu que estou sempre

ao corrente, conhecia-os todos. Examinei a biblioteca de Manette. Uns clássicos Garnier, alguns Plêiades, presentes nossos. Alguns desses textos eu não tivera há muito tempo ocasião de reler, e os tinha esquecido. E contudo, sentia preguiça de voltar a eles. Numa releitura, vai se relembrando à medida que se prossegue, ou pelo menos tem-se a ilusão. A frescura primeira se perde. O que poderiam me trazer, esses escritores que me haviam feito o que eu era e não deixaria mais de ser? Abri e folheei alguns volumes. Tinham todos um gosto quase tão enfadonho como o dos meus próprios livros: um gosto de pó.

Manette levantou os olhos de seu jornal:

— Começo a crer que verei com meus próprios olhos homens na lua.

— Com os seus olhos? Você fará a viagem? — indagou André com voz risonha.

— Você me compreende muito bem. Saberei que eles estão lá. E -serão russos, meu pequeno. Os ianques e seu oxigênio puro foram passados para trás.

— Sim, mamãe, você verá os russos na lua — disse André com ternura.

— E pensar que se começou nas cavernas, tendo somente nossos dez dedos ao nosso serviço — retornou Manette, sonhadoramente. — E chegar onde chegamos!, confesse que é encorajador!

— Verdade é que a história da humanidade é bela — disse André — e é pena que a dos homens seja tão triste.

— Não será sempre. Se os chineses não fizerem saltar a terra, nossos netos conhecerão o socialismo. Viverei muito bem ainda cinqüenta anos para ver isso.

— Que saúde! — comentou André. — Você compreendeu? Ela se hipotecaria por cinqüenta anos.

— Você não, meu filho?

— Não, mamãe, francamente não. A história segue tão estranhos caminhos que eu tenho apenas a impressão que me concerne. Sinto-me no pelourinho. Então, em cinqüenta anos!. ..

— Eu sei. Você não acredita mais em nada — repreendeu, Manette.

— Não é bem verdade.

— No que acredita?

— No sofrimento das criaturas, e que ele é abominável. É necessário fazer tudo para suprimi-lo. Para dizer a verdade, nada mais me parece importante.

— Então — indaguei — porque não a bomba, por que não o Nada? Que tudo expluda e que se acabe.

— Às vezes fica-se tentado a desejá-lo. Mas prefiro sonhar que poderia haver vida sem dor.

— Vida, para se fazer alguma coisa com ela — revelou Manette com ar combativo.

O tom de André me tocou. Ele não era tão despreocupado quanto parecia. "É pena que a dos homens seja tão triste." Com que voz dissera isto! Olhei-o e tive um tal impulso para ele que, súbito, uma certeza me veio. Jamais seríamos dois estranhos. Um dia desses, talvez amanhã, nós nos reencontraremos, pois que o meu coração já o havia encontrado. Depois do jantar fui eu quem propôs sair. Subimos lentamente até o forte Santo André. Indaguei: — Pensa verdadeiramente que nada mais conta senão suprimir o sofrimento?

— Que outra coisa?

— Não é muito alegre.

— Não. Sobretudo por que não se sabe como combatê-lo. Silenciou por instantes, depois: — Mamãe erra-em dizer que nós não cremos em nada. Mas praticamente, nenhuma causa é inteiramente a nossa: não somos pela U.R.S.S. e seus compromissos; também não pela China; na França nem pelo regime nem por nenhum dos partidos da oposição.

— Não é uma situação confortadora — disse.

— Isso explica um pouco a atitude de Filipe: ser contra tudo aos trinta anos não tem nada de exultante.

— Aos sessenta também não. Mas não é motivo para renegar suas idéias.

— Eram verdadeiramente suas idéias?

— O que quer dizer?

— Oh! Certamente, as grandes injustiças, as grandes bandalheiras, isso o revolta. Mas nunca foi de tal modo politizado. Adotou as nossas opiniões porque não podia fazer outra coisa: via o mundo pelos nossos olhos. Mas até que ponto estava convencido?

— E os riscos que correu durante a guerra da Argélia?

— Ela o revoltava sinceramente. E depois as valises, os manifestos eram ação e aventura. Isso não prova que ele tenha sido profundamente de esquerda.

— Estranha maneira de defender Filipe, demolindo-o!

— Não. Eu não estou demolindo. Quanto mais reflito, tanto mais encontro desculpas para ele. Eu calculo o peso que fizemos sobre ele. Tudo terminou com a necessidade de se afirmar contra nós a todo custo. Depois, você fala da Argélia: pois ele ficou profundamente decepcionado. Nenhum dos tipos pelos quais se arriscou lhe deram sinal de vida. E o grande homem lá é de Gaulle.

Nós nos sentamos sobre o capim, perto do forte. Eu escutava a voz de André, calma e convencida. Novamente nos podíamos falar e algo se desatou em mim.

Pela primeira vez pensei em Filipe sem cólera. Sem alegria também, mas tranqüilamente. Talvez porque André estivesse súbito tão próximo que a imagem de Filipe se esfumava.

— Pesamos sobre ele, sim — disse com boa vontade. Indaguei: — Pensa que eu deva revê-lo?

— Ele ficaria muito triste se você continuasse brigada. De que serviria?

— Não quero causar-lhe tristeza. Sinto-me seca, eis tudo.

— Oh! claro, já não será mais igual entre ele e nós.

Olhei André: entre ele e eu, parecia-me que tudo se tornava igual. A lua brilhava assim como uma pequenina estrela que a escoltava fielmente, e uma grande paz desceu em mim: *Etoilette je te vois — Que la lune trait à soi.*⁶

⁶ "Estrelinha eu te vejo — Que a luz da lua cuide de si."

Encontrava na ponta da língua as velhas palavras, tais como haviam sido escritas. Elas me ligavam aos antigos séculos onde os astros brilhavam exatamente como hoje. E este renascimento e esta permanência me davam uma impressão de eternidade. A terra parecia-me fresca tal nas primeiras idades e este instante se bastava. Eu estava ali, olhava a nossos pés os tetos com telhas, banhados de luar, sem motivo, pelo prazer de os ver. Esse desinteresse tinha um encanto pungente.

— Eis o privilégio da literatura — disse. — As figuras se deformam, empalidecem. As palavras, nós as levamos conosco.

— Por que está pensando nisso?

Eu citei os dois versos de *Aucassin et Nicolette*. Acrescentei com pesar:

— Como as noites são belas aqui!

— Sim. Foi pena que você não pudesse ter vindo antes.

Sobressaltei-me:

— Foi pena! Mas você não queria que eu viesse!

— Eu? Essa agora! Foi você quem recusou. Quando lhe disse: "Por que não partir já para Villeneuve?", você me respondeu: "Boa idéia. Vá já".

— Não se passou assim. Você disse, eu me lembro, textualmente: — "O que eu desejava era ir a Villeneuve". Estava cheio de mim, tudo o que desejava era me ver pelas costas.

— Está louca! Eu queria, evidentemente, dizer: tenho vontade de irmos os dois juntos a Villeneuve. E você me respondeu: vá já, com uma voz que me esfriou. Apesar de tudo, insisti.

— Oh! falou por falar. Esperava que eu recusasse.

— Não. Absolutamente!

Tinha o ar tão sincero que a dúvida me tomou. Poderia ter-me enganado? A cena estava extática em minha memória, não a podia mudar. Mas estava certa que ele não mentia.

— Que bobagem! — disse. — Foi um tal choque quando vi que estava decidido a partir sem mim.

— É tolice. Eu me pergunto por que acreditou nisso!

Refleti:

— Eu desconfiava de você.

— Por que eu lhe tinha mentido?

— Há algum tempo que você me parecia mudado.

— No quê?

— Você representava de velho.

— Não é uma representação. Você própria ontem me disse: envelheço.

— Mas você ia à deriva. Sobre muitos planos.

— Por exemplo?

— Tinha tiques: essa mania de esfregar a gengiva.

— Ah! isso...

— O quê?

— Meu maxilar está infeccionado neste lugar, se se tornar sério, minha ponte cederá, teria necessidade de usar dentadura. Compreende bem?

Compreendo perfeitamente. Em pesadelos, às vezes, todos os meus dentes desfazem-se em minha boca e é a decrepitude que, de um golpe, me abate. Uma dentadura.. .

— Por que não me contou?

— Existem aborrecimentos que se esconde.

— Pode ser que sem razão. É assim que se chega aos mal--entendidos.

— Quem sabe. — Levantou: — Venha, nós vamos nos resfriar.

Levantei-me também. Descemos lentamente o declive arborizado.

— Apesar de tudo, você tinha um pouco de razão ao dizer que eu representava. Eu me conformava. Quando vi todos esses tipos tão mais decadentes que eu e tomando as coisas como elas vêm, sem fazer histórias, fiquei mais morigerado e decidi reagir.

— Ah! Então era isto? Pensei que fosse minha ausência que lhe devolvera o bom humor.

— Que idéia! Ao contrário, foi muito por sua causa que eu reagi. Não quero

ser um velho chato. Velho, já basta, chato não.

Tomei-lhe o braço, apertei-o contra o meu. Encontrei André que jamais eu perdera e jamais perderia. Entramos no jardim, sentamo-nos num banco, ao pé de um cipreste. A lua e sua estrela brilhavam acima da casa.

— Apesar de tudo é verdade que isso de velhice existe — confessei — e não é engraçado dizer que se está no fim.

Ele pôs a mão sobre a minha:

— Não me contradiga. Eu creio que sei por que você frustrou seu ensaio. Partiu de uma ambição vazia: inovar, ultrapassar-se. Não teve perdão. Compreender e fazer compreender Rousseau, Montesquieu, isso era um projeto concreto, que a levou longe. Se de novo se apegar, pode fazer ainda um bom trabalho.

— Dando balanço, minha obra ficará no que ela é: eu vi meus limites.

— De um ponto de vista narcisista, você não tem grande coisa e ganhar, é verdade. Mas poderá ainda interessar os leitores, enriquecê-los, fazê-los refletir.

— Esperemos.

— Eu tomei uma decisão. Ainda um ano e paro tudo. Remeto-me ao estudo, recupero meus atrasos, preencho minhas lacunas.

— Pensa que depois prosseguirá melhor o caminho?

— Não. Mas existem coisas que eu ignoro, que desejo saber. Apenas por saber.

— Isso lhe bastará?

— Durante algum tempo, em todo o caso. Não olhemos muito longe.

— Você tem razão.

Sempre olháramos longe. Seria necessário aprender a viver o dia a dia? Estávamos sentados lado a lado sob as estrelas, tocados pelo aroma do cipreste, nossas mãos se encontravam; o tempo havia parado um instante. Iria continuar a escorrer. E então? Sim ou não, poderia ainda trabalhar? Minha raiva contra Filipe se esfumaria? A angústia de envelhecer me retomaria? Não olhar muito longe. Longe seriam os horrores da morte e dos adeuses. Seria a dentadura, a ciática, as enfermidades, a esterilidade mental, a solidão em um mundo estranho que não compreenderíamos mais e que prosseguiria seu curso sem nós. Conseguiria não levantar os olhos para esses horizontes? Quando aprenderia a percebê-los sem pavor? Nós estamos juntos, é a nossa sorte. Nós nos auxiliaremos a viver essa derradeira aventura da qual não retornaremos. Isso não-la tornará tolerável? Não sei. Esperemos. Não temos escolha.

II - A MULHER DESILUDIDA

SEGUNDA-FEIRA 13 DE SETEMBRO. LES SALINES

É um extraordinário cenário, este esboço de cidade abandonada na orla de um vilarejo e à margem dos séculos. Ladeei a metade do hemiciclo, subi a escada do pavilhão central. Longamente, contemplei a sóbria majestade desses edifícios construídos com fins utilitários e que nunca serviram para nada. São sólidos, são verdadeiros: todavia o abandono transforma-os em um fantástico simulacro: pergunta-se de quê. A grama quente sob o sol de outono, o odor das folhas mortas, asseguravam-me que eu não havia deixado este mundo mas que recuara duzentos anos no passado. Fui buscar algumas coisas no carro. Coloquei no chão uma coberta, almofadas, o transistor, e fumei escutando Mozart. Atrás de duas ou três janelas poeirentas, adivinhou presenças. Sem dúvida, trata-se de escritórios. Um caminhão se deteve diante de uma das pesadas portas, homens abriram-na, carregaram de sacos a parte traseira do veículo. Nada mais alterou o silêncio desta tarde. Nem um visitante. O concerto acabado, li. Duplo desterro. Seguiu muito longe, às margens de um rio desconhecido, levantava os olhos e me encontrava em meio destas pedras, longe de minha vida.

Porque o mais surpreendente, é minha presença aqui, e sua alegria. Temia a solidão desta volta a Paris. Até aqui, na falta de Maurice, as pequenas me acompanhavam em todas as minhas viagens. Julgava que os encantamentos de Colette, as exigências de Lucienne iriam me faltar. E eis que me é devolvida uma espécie de alegria olvidada. Minha liberdade me remoça vinte anos. E a tal ponto que, fechado o livro, comecei a escrever para mim mesma, como fazia há vinte anos.

Nunca deixo Maurice de coração leve. O congresso dura apenas uma semana, entretanto, enquanto rodávamos de Mougins ao aeroporto de Nice, tinha a garganta cerrada. Ele também estava comovido. Quando o alto-falante chamou os passageiros para Roma, ele me abraçou com força: — "Não se vá matar no automóvel!" — "Não se vá matar no avião!". Antes de sumir, voltou ainda uma vez a cabeça para mim: havia em seus olhos uma ansiedade que me contagiou. O

levantar vô me pareceu dramático. Os quadrimotores sobem suavemente, é um longo até a volta. E o jato se arranca em seguida, do solo, com a brutalidade de um adeus.

Mas cedo comecei a me rejubilar. Não, a ausência de minhas filhas não me entristecia. Ao contrário. Podia guiar tão depressa ou tão devagar quanto me agradasse, ir onde quisesse, parar quando me desse na bola. Decidi passar a semana a vagabundear. Levanto com o sol. O carro me espera na rua, ou no pátio, como um animal fiel. Está úmido de orvalho. Enxugo-lhe os olhos e corto alegremente o dia a ensolarar-se. Ao meu lado estão a bolsa branca, os mapas Michelin, o Guia Azul, livros, um casaco, cigarros: companheiros discretos. Ninguém se impacienta quando peço à dona do albergue a receita de seu frango servido com lagostins.

A tarde vai declinando, mas ainda está quente. É um desses momentos emocionantes, quando a terra parece ser dos homens e impossível que todos não sejam felizes.

TERÇA-FEIRA 14 DE SETEMBRO

Uma das coisas que encantavam Maurice era a intensidade do que ela chamava "minha atenção para a vida". Ela se reanimou durante este breve encontro comigo mesma. Agora, estando Colette casada, Lucienne na América, teria lazer para cultivá-la. "Você vai se entediar. Deveria pegar um trabalho", me disse Maurice em Mougins. Ele insistiu. Mas, pelo menos por enquanto eu não o desejo. Quero, enfim, viver um pouco para mim mesma. E aproveitar com Maurice, essa solidão a dois, da qual tanto tempo estivemos privados. Tenho uma porção de projetos na cabeça.

SEXTA-FEIRA 17 DE SETEMBRO

Terça-feira telefonei para Colette: estava com gripe. Protestou quando declarei que voltava imediatamente para Paris. Jean-Pierre toma conta dela muito bem. Mas eu estava inquieta e cheguei durante o dia. Encontrei-a deitada, emagrecida. Tem febre toda tarde. Já em agosto quando a acompanhei na serra, sua saúde me causava apreensão. Tenho pressa que Maurice a examine e gostaria que ele consultasse Talbot.

Estou a braços com mais uma protegida. Quando deixei Colette, terça, depois do jantar, o tempo estava tão bom que desci de carro até o Quartier Latin. Sentei-

me no terraço de um bar, fumei um cigarro. À mesa vizinha, estava uma garota que devorava com os olhos meu pacote de Chesterfield. Pediu-me um. Falei-lhe, evitou minhas perguntas, levantou-se para sair. Com quinze anos, nem estudante nem prostituta, ela me intrigava. Propus levá-la para casa no carro. Recusou, hesitou e terminou por dizer que não tinha onde dormir. Pela manhã, tinha fugido do Centro onde a havia colocado a Assistência Pública. Fiquei com ela em casa dois dias. Sua mãe meio débil mental, o padrasto que a detesta, renunciaram aos direitos a ela. O juiz, que se ocupa com o seu caso, prometeu enviá-la a um Lar onde aprenderia um ofício. Enquanto aguarda, vive "provisoriamente", há seis meses, nessa casa de onde não sai nunca — salvo o domingo, para ir à missa, se deseja. E onde não lhe dão nada para fazer. Uma quarentena de adolescentes, materialmente bem cuidadas, mas que definham de aborrecimento, de desgosto, de desespero. À noite, distribui-se para cada uma, um sonífero. Elas dão jeito de o pôr de lado e, um belo dia, engolem de uma vez a reserva. "Uma fuga, uma tentativa de suicídio: é preciso isso para que o juiz se lembre de nós", me disse Marguerite.

As fugas são freqüentes, fáceis, e se não duram muito elas não acarretam sanções. — Jurei-lhe que moveria céus e terra para que a transferissem para um Lar, e a moça se convenceu que deveria voltar para o Centro. Fervia de cólera quando a vi transpor a porta, cabeça baixa, e arrastando os pés. É uma bela jovem, nada boba, muito gentil e que só pede trabalho: massacram-lhe a mocidade e a mais milhares de outras. Telefonarei amanhã ao juiz Barron.

Como Paris está duro! mesmo durante essas suaves tardes de outono, essa dureza me oprime. Sinto-me esta noite, vagamente deprimida. Fiz planos para transformar o quarto das crianças em um living-room mais íntimo que o gabinete de Maurice ou o salão de espera. E entendo que Lucienne não viverá mais aqui. A casa ficará tranqüila mas bem vazia. E sobretudo, me atormento por Colette. Felizmente, Maurice retornará amanhã.

QUARTA-FEIRA 22 DE SETEMBRO

Eis uma das razões — a principal — pela qual não tenho nenhuma vontade de me fechar numa profissão: suportaria mal não ficar totalmente à disposição das pessoas que têm necessidade de mim. Passo quase todos os meus dias à cabeceira de Colette. Sua febre não baixa. "Não é grave" — disse Maurice. Mas Talbot pede análises. Idéias aterradoras me atravessam o cérebro.

O juiz Barron me recebeu esta manhã. Muito cordial. Ele acha o caso de

Marguerite Drin pungente. E existem milhares iguais. O drama é que não há nenhum lugar para abrigar essas crianças, nenhum funcionário que as cuide, convenientemente. O governo nada faz. Então, os esforços dos juizes de menores, dos assistentes sociais, se quebram contra um muro. O Centro, onde se encontra Marguerite não passa de um lugar de trânsito. Após três ou quatro dias, elas deveriam ser enviadas a outra parte. Mas onde? É o nada. As pequenas ficam lá onde nada foi previsto para ocupá-las ou distraí-las. Todavia, ele tentará encontrar um posto, em algum lugar, para Marguerite. E vai recomendar aos assistentes do Centro que me autorizem vê-la. Os pais não assinaram o documento que retiraria, definitivamente, seus direitos mas não resta dúvida: eles não retomarão a pequena; não a querem e, para ela também, seria a pior solução.

Saí do Palácio irritada contra a negligência do sistema. O número de jovens delinqüentes aumenta e não encaram outra medida que não seja o redobrar da severidade.

Como me encontrasse diante da porta da Santa-Capela, entrei, subi a escada em caracol. Havia turistas estrangeiros e um casal que olhava os vitrais, mão na mão. Eu pouco olhei. Pensava em Colette de novo e me inquietava.

E me inquieto. Impossível ler. A única coisa que poderia me aliviar seria conversar com Maurice. Ele não chegará antes de meia-noite. Depois que voltou de Roma passa suas noites no laboratório com Talbot e Couturier. Diz que se aproximam da meta. Posso compreender que sacrifique tudo às suas pesquisas. Mas é a primeira vez em minha vida que tenho uma grande preocupação sem que ele a compartilhe.

SÁBADO 25 DE SETEMBRO

A janela estava apagada. Eu já esperava. Desde, desde quando? — Extraordinariamente, quando saía sem Maurice, na volta, havia sempre um raio de luz filtrando entre as cortinas vermelhas. Subia os dois andares correndo, tocava a campainha, impaciente demais para procurar as chaves. Subi sem correr, pus a chave na fechadura. Como o apartamento estava vazio! Como está vazio! Claro, pois que não tem ninguém dentro. Mas não, de ordinário, quando volto para casa, encontro Maurice mesmo em sua ausência. Esta noite, as portas se abrem sobre peças desertas. Onze horas. Amanhã saberei o resultado das análises e tenho medo. Tenho medo e Maurice não chega. Eu sei. É necessário que suas pesquisas dêem resultado. Apesar de tudo, estou com raiva dele. "Eu

preciso de você e você não está!" — Tenho vontade de escrever essas palavras sobre um papel que deixarei em evidência, no vestíbulo, antes de me deitar. Senão eu me calarei como ontem, como anteontem. Estava sempre perto quando precisava dele...

Reguei as plantas, comecei a arrumar as estantes e parei de súbito. Fiquei espantada com sua indiferença quando lhe falei sobre a instalação do living-room. É necessário que eu veja a verdade. Sempre quis a verdade e se a obtive sempre é que a desejava. Pois bem! Maurice mudou. Deixou-se devorar pela profissão. Não lê mais, não ouve música. (Gostava tanto de nosso silêncio e de seu rosto atento quando ouvíamos Monteverdi ou Charlie Parker.) Não passeamos juntos mais em Paris ou arredores. Não temos mais verdadeiras conversas. Está se tornando parecido com seus colegas que não passam de máquinas de fazer carreira ou ganhar dinheiro. Sou injusta. Ele pouco se incomoda com o dinheiro ou o êxito social. Mas depois que, contra minha opinião, decidiu, há dez anos, especializar-se, pouco a pouco — e é justamente o que eu temia — endureceu. Mesmo em Mougins, este ano, ele me parecia distante, ávido de voltar à clínica e ao laboratório, distraído e taciturno. Vamos! É melhor admitir até o fim, a verdade. Eu tinha o coração apertado no aeroporto de Nice pelas férias malogradas. E se tive nas salinas abandonadas uma felicidade tão intensa, é porque Maurice, a centenas de quilômetros, voltava a estar próximo. (Curiosa coisa é um diário! O que se cala é muito mais importante do que o que se escreve.) Dir-se-ia que sua vida privada não lhe concerne. Como na primavera passada, ele renunciou, facilmente, à nossa viagem a Alsácia! Todavia, minha decepção o afligiu. Disse-lhe, alegremente: "A cura da leucemia merece bem alguns sacrifícios!" A medicina, outrora, para Maurice era gente de carne e osso a aliviar. (Estava tão decepcionada, tão desamparada, durante meu estágio em Cochin, com a fria bonomia dos mestres, com a indiferença dos estudantes: nos belos olhos sombrios desse externo, eu encontrei uma desolação, uma raiva, iguais à minha. Creio que desde esse instante, eu o amei.) Temo que seus doentes, agora, para ele, não passem de casos clínicos. Conhecer lhe interessa mais que curar. E mesmo nas relações com o seu próximo, torna-se abstrato, justamente ele que era tão vivaz, tão alegre, tão jovem aos quarenta e cinco anos como quando o conheci.. . Sim, qualquer coisa mudou, posto que escrevo atrás das costas, sobre ele, sobre mim. Se ele o fizesse, sentir-me-ia traída. Éramos um para o outro de uma absoluta transparência.

Ainda somos. Minha cólera nos separa. Breve, ele me terá desarmado. Vai me

pedir um pouco de paciência. Após os períodos de esgotamentos frenéticos, vem a calma. O ano passado também, trabalhava, com frequência, à noite. Sim, mas eu tinha Lucienne. Sobretudo, nada me atormentava. Ele sabe muito bem que, neste momento, não posso ler, nem ouvir disco, porque tenho medo. Não deixarei nada escrito no vestíbulo, mas falarei com ele. Depois de vinte, vinte e dois anos de casamento, relega-se tudo ao silêncio e é perigoso. Penso que me ocupei demais com as meninas estes últimos anos. Colette era tão apegada e Lucienne tão difícil! Maurice podia desejar que eu estivesse mais disponível. Deveria ter-me feito compreender em lugar de se atirar a um trabalho que o afasta de mim. É preciso que nos expliquemos.

Meia-noite. Tenho tanta pressa de encontrá-lo, de afogar esta cólera que ruge, ainda, em mim que meus olhos permanecem fixos na pendulazinha. Os ponteiros não andam. Eu me enervo. A imagem de Maurice se decompõe. De que serve lutar contra a doença e o sofrimento se se trata a própria mulher com tamanha irreflexão? Trata-se de indiferença. De dureza. Inútil irritar-se. Basta. Se as análises de Colette não forem boas, terei necessidade, amanhã, de todo o meu sangue frio. Então, devo tentar dormir.

DOMINGO 26 DE SETEMBRO

Aconteceu. Aconteceu logo a mim.

SEGUNDA-FEIRA 27 DE SETEMBRO

Pois bem, sim! Isto me aconteceu. É normal. Devo persuadir-me e jogar essa cólera que me sacudiu durante o dia inteiro, ontem. Maurice me mentiu, sim. Isto também é normal. Poderia prosseguir, em vez de me falar. Mesmo tardiamente, devo ser-lhe grata pela franqueza.

Sábado, eu acabei por adormecer. De vez em quando estendia a mão para o leito gêmeo. A coberta estava estendida. (Gosto de adormecer antes dele, enquanto trabalha em seu gabinete. Através dos sonhos escuto escorrer a água, sinto um ligeiro odor de água-de-Colônia, estendo a mão, seu corpo incha as cobertas e mergulho em beatitude.) A porta de entrada bateu violentamente. Eu gritei: "Maurice!" Eram três horas da manhã. Eles não estiveram trabalhando até três horas. Beberam e conversaram. Eu me levantei da cama: — A que horas chegou? De onde vem?

Ele sentou-se numa poltrona. Tinha na mão um copo de uísque.

— São três horas, eu sei.

— Colette está doente, eu morro de apreensão e você chega em casa às três horas. Você não trabalhou até três horas.

— Colette piorou?

— Não está melhor. E pouco se lhe dá! É claro, quem tem a seu cargo a saúde de toda a humanidade não vai pôr na balança uma filha doente.

— Não seja agressiva.

Ele me fitava com certa gravidade um tanto tristonha e eu derreti como derreto sempre que me envolve com essa luz do olhar sombria e quente. Indaguei docemente:

— Diga-me por que voltou tão tarde? Não deu resposta.

— Você bebeu? Jogou pôquer? Vocês saíram? Esqueceram a hora?

Continuava calado, com uma espécie de insistência, fazendo virar o copo entre os dedos. Disse palavras absurdas, ao acaso, para fazê-lo sair de sua concha, e lhe arrancar uma explicação: — O que aconteceu? Há uma mulher em sua vida? Sem deixar de me olhar, disse:

— Sim, Monique. Há uma mulher em minha vida.

(Tudo era azul sobre nossas cabeças e sob nossos pés; percebia-se através do estreito a costa africana. Ele me aperta em seus braços. "Se você me enganasse, eu me mataria. — Se você me enganasse eu não teria necessidade de me matar. Eu morreria de tristeza." Faz isto quinze anos. Já? O que são quinze anos? Dois mais dois são quatro. Eu amo. Só amo você. A verdade é indestrutível, o tempo não a altera.) — Quem é?

— Noellie Guérard.

— Noellie? Por quê?

Ergueu os ombros. Evidentemente. Eu conhecia sua resposta: bonita, brilhante, atraente. O tipo da aventura inconstante e que lisonjeia um homem. Tinha necessidade de lisonjas?

Sorriu-me:

— Estou contente por ter-me interrogado. Detestava ter de mentir.

— Desde quando você me mente? Ele hesitou, apenas:

— Eu lhe menti em Mougins. E depois de minha volta. Fazia cinco semanas.

Pensaria em Mougins?

— Deitou com ela quando ficou sozinho em Paris?

— Sim.

— Você a vê muito?

— Oh! Não! Bem sabe que eu trabalho...

Pedi detalhes. Duas noites e uma tarde depois de sua volta, eu acho que é demais.

— Por que não me contou logo de uma vez? Olhou-me timidamente e disse com pesar na voz:

— Você disse que morreria de desgosto. ..

— Isso a gente diz.. .

Subitamente, tive vontade de chorar: o mais triste é que não morrerei. Através de brumas azuis nós olhávamos a África, ao longe, as palavras que pronunciávamos não passavam de palavras... Atirei-me para trás. O golpe me estarecia. O estupor esvaziava-me a cabeça. "Vamos dormir", eu disse. Precisava de um prazo para compreender o que me acontecia.

Bem cedo a cólera me acordou. Como tinha um ar inocente, com os cabelos emaranhados sobre a fronte rejuvenescida pelo sono! (No mês de agosto, durante minha ausência, ela acordara ao lado dele. Eu não podia acreditar! Por que fui com Colette para a serra? Ela não fazia tanta questão e fui eu que insisti.) Mentiu-me durante cinco semanas! "Esta noite demos um grande passo adiante." E voltava da casa de Noellie. Tenho vontade de sacudi-lo, de insultá-lo, de gritar. Dominei-me. Deixei um bilhete em meu travesseiro: "Até a noite" — certa de que minha ausência o atingiria mais que reprimendas. À ausência não se pode responder. Caminhei ao acaso, nas ruas, obcecada por estas palavras: "Ele me enganou!" Visualizava imagens: o olhar, o sorriso de Maurice para Noellie. Afastava-as. Ele não a olha como a mim. Eu não queria sofrer, eu não sofreria mas o rancor me sufocava: "Ele me enganou!" — Dizia: "Morrerei de tristeza", sim mas era ele que me forçava a dizer. Fora mais ardoroso do que eu na conclusão de nosso pacto: nada de compromisso, nada de licença. Rodávamos pela estrada de Saint-Bertrand-de-Comminges e ele insistia: "Eu lhe bastarei a vida inteira?" Irritou-se porque minha resposta pareceu-lhe não muito inflamada (mas que reconciliação no velho albergue, com o perfume das madressilvas entrando pela janela! Foi há vinte anos: era ontem). Ele me bastou, só vivi para ele. Ele, por um capricho, traiu nosso juramento! Dizia a mim mesma: exigirei que rompa, imediatamente... Estive em casa de Colette, ocupei-me com ela o dia inteiro, mas interiormente, eu fervia. Voltei para o apartamento, esgotada. "Vou exigir que rompa." Mas que significa a palavra "exigência" após uma vida inteira de amor e compreensão? Nunca pedi nada que não desejasse também para ele.

Tomou-me em seus braços com um ar um pouco perdido. Tinha telefonado muitas vezes para Colette e ninguém atendera (para que ela não fosse molestada eu desligara a campainha). Estava louco de inquietação.

— De todo o jeito, você não pensava que eu me matasse?

— Imaginei tudo.

Sua ansiedade me tocou e eu o escutei sem me tornar hostil. — Está certo, errou em mentir, mas é preciso que eu compreenda; a primeira hesitação arrasta para outras mentiras: não se ousa confessar porque isto implica revelar que se escondeu a verdade. O obstáculo ainda é mais intransponível para pessoas que, como nós, prezam tanto a sinceridade. (Eu reconheço: encarniçadamente, eu mentiria para esconder uma mentira.) Nunca a suportei. As primeiras mentiras de Lucienne e Colette me desolaram. Custei a admitir que todas as crianças mentem para suas mães. Não comigo! Não sou nem mãe nem mulher a quem se minta. Orgulho imbecil. Todas as mulheres acreditam-se singulares, todas pensam que determinadas coisas não lhes podem acontecer e todas se enganam.

Refleti bastante, hoje. (É uma sorte que Lucienne esteja na América. Teria que representar para ela e ela não me deixaria em paz.) Fui falar com Isabelle. Ela me ajudou como sempre. Tinha medo que não me compreendesse por que ela e Charles exigem liberdade, e não fidelidade, como eu e Maurice.

Mas isso não impediu, me confessou, de ter crises de cóleras contra o marido, nem de se sentir, às vezes, insegura. Faz cinco anos, acreditou que ele ia deixá-la. Aconselhou-me paciência. Ela estima bastante Maurice. Acha natural que ele tenha querido uma aventura, desculpável que me tenha, anteriormente, escondido. Certamente, ele se cansará bem cedo. O que dá sabor a esse gênero de coisas é a novidade. O tempo trabalha contra Noellie. O prestígio que possa ter aos olhos de Maurice se desvanecerá. Apenas, se quero que nosso amor saia indene dessa prova, é necessário que não represente de vítima nem de megera. "Seja compreensiva e alegre, sobretudo seja amiga" — disse. Foi assim que, finalmente, ela reconquistou Charles. A paciência não é minha virtude principal. Mas devo esforçar-me. E não somente por tática mas por ética. Tive, exatamente, a vida que desejei: devo merecer esse privilégio. Se baqueio no primeiro golpe, tudo o que penso de mim é ilusório. Puxei por papai: sou intransigente. Maurice estima que assim seja, mas contudo, devo adaptar-me e compreender os outros. Isabelle tem razão: é normal que um homem tenha uma aventura após vinte e dois anos de casado. Se não o admitisse, eu é que seria anormal — infantil, em suma.

Deixando Isabelle, não tinha nenhuma vontade de ver Marguerite. Ela me escrevera uma cartinha comovente, não poderia decepcioná-la. Tristeza desse salão de visitas, desses rostos de adolescentes oprimidas! Mostrou-me desenhos nada maus. Gostaria de fazer decorações ou, no mínimo, ser vendedora

ambulante. Trabalhar, em todo o caso. Repeti-lhe as promessas do juiz. Falei-lhe das diligências que havia feito para obter a autorização de sair aos domingos com ela. Tem confiança em mim e me estima bastante, será paciente mas não por tempo indefinido.

Esta noite saio com Maurice. Conselhos de Isabelle e da Correspondência Sentimental: para retomar seu marido, seja alegre, elegante, saiam juntos, sozinhos. Não tenho que retomá-lo: não o perdi. Mas tenho ainda muitas perguntas a lhe fazer e a conversa será mais calma se jantarmos fora. Não quero, sobretudo, que pareça uma prestação de contas.

Um detalhe bobo me aborrece: por que ele tinha um copo de uísque na mão? Eu chamei: Maurice! Estando acordada às três da manhã, adivinhou que eu ia interrogá-lo. De ordinário, não bate com tanto estrondo a porta de entrada.

TERÇA-FEIRA 28 DE SETEMBRO

Bebi demais e Maurice ria, dizendo que eu era encantadora. É engraçado. Foi necessário que me enganasse para que ressuscitássemos as noitadas de nossa juventude. Nada pior que a rotina. Os choques fazem acordar. Depois de 46, Saint-Germain-des-Prés mudou. As pessoas são diferentes. "E é uma outra época", disse Maurice com um pouco de tristeza. Mas fazia quinze anos que eu não punha os pés em uma boite e tudo me encantou. Dançamos. Em um dado momento ele me apertou com força: "Nada mudou entre nós". E nós conversamos sem parar. Eu estava numa doce bebedeira, e esqueci um pouco o que ele me disse. No geral, é bem o que eu supunha: Noellie é uma advogada brilhante e trabalhada pela ambição: é mulher sozinha — divorciada, com uma filha — costumes livres, mundana, muito atirada: o inverso meu. Maurice teve vontade de saber se agradaria a esse gênero de mulher. "Se eu quisesse. . ." — eu me perguntava o mesmo com Quillan: único flerte de minha vida e com quem parei cedo. Em Maurice, como na maioria dos homens, vigila um adolescente não muito seguro de si. Noellie deu-lhe segurança. É também uma questão de pele: ela é apetitosa.

QUARTA-FEIRA 29 DE SETEMBRO

Era a primeira vez que, com meu conhecimento, Maurice passava a noite com Noellie. Fui ver com Isabelle um antigo filme de Bergman e comemos no Hochepot uma "fondue bourguignonne". Eu gosto muito de sair com ela. Ela

preservou o ardor de nossa adolescência, quando cada filme, cada livro, cada tela eram de tão grande importância. Agora que minhas filhas me deixaram, far-lhe-ei companhia com mais frequência em exposições e concerto*. Casando, ela também parou seus estudos mas conservou uma vida intelectual maior que a minha. Deve-se levar em conta que só educou um filho e não duas filhas. Depois, ela também não se embaraça como eu, toda hora com pingentes. Casada com engenheiro tem pouca ocasião de encontrá-los. Disse-lhe que havia adotado, sem custo, a tática do sorriso, uma vez que estou convencida que essa história não tem muita importância para Maurice. "Não há nada mudado entre nós", dissera ele, anteontem.

Com efeito, eu me atormentara muito mais, dez anos passados. Se tinha novas ambições, se seu trabalho na Simca — rotineiro, mal pago, mas que lhe deixava folgas e que ele fazia devotadamente — não lhe bastava, era que se aborrecia em casa e seus sentimentos por mim se atenuaram. (O futuro me provou o contrário. Apenas eu lastimo não participar de sua obra. Ele me falava dos doentes, assinalava os casos interessantes, eu procurava ajudá-los. Agora, estou excluída de suas pesquisas e os clientes da policlínica não necessitam de mim.) Nessa ocasião, Isabelle também me foi útil. Convenceu-me. Eu devia respeitar a liberdade de Maurice. Era renunciar a um velho ideal que encarnava meu pai e continuava vivo em mim. Era mais difícil que fechar os olhos a uma extravagância.

Perguntei a Isabelle se ela era feliz:

— Não me proponho indagações, então, suponho que a resposta é sim.

Em todo o caso, ela sempre acorda feliz. Isso me parece uma boa definição da felicidade! Eu também, cada manhã, quando abro os olhos, sorrio.

Esta manhã também. Antes de deitar havia tomado um pouco de Nembutal, e adormeci logo. Maurice me disse que chegou lá pela 1 hora. Não lhe fiz perguntas.

O que me ajuda é não ter ciúmes fisicamente. Meu corpo não tem mais trinta anos nem o corpo de Maurice. Eles se encontram com prazer — a bem dizer, raramente — mas sem ardor. Ah! Eu não me engano. Noellie possui a atração da novidade: em seu leito, Maurice rejuvenesce. Esse pensamento me deixa indiferente. Sentiria a rivalidade de uma mulher que trouxesse algo a Maurice. Meus encontros com Noellie e o que eu ouvi dizer dela me esclareceram suficientemente. Ela encarna tudo o que nos desagrada: o arrivismo, o esnobismo, o gosto do dinheiro, a paixão de aparecer. Ela não tem nenhuma idéia própria, não possui sensibilidade, curva-se às modas. Há tanto impudor e

exibicionismo em sua afetação que eu me pergunto, mesmo, se ela não é frígida.

QUINTA-FEIRA 30 DE SETEMBRO

Colette estava com 39,9 e esta manhã levantou-se. Maurice diz que é uma doença correndo Paris: febre, emagrecimento e depois vem a cura. Não sei por quê, ao vê-la indo e vindo em seu pequeno apartamento, compreendi um pouco o pesar de Maurice. Ela não era menos inteligente que sua irmã. A química a interessava e seus estudos iam bem, é pena que ela os tenha parado. Que vai fazer dos seus dias? Deveria aprová-la: escolheu o mesmo caminho meu, mas eu tinha Maurice. Ela tem Jean-Pierre, evidentemente. Custa imaginar que um homem que não se ama possa encher uma vida.

Longa carta de Lucienne, apaixonada por seus estudos e pela América.

Procurar mesa para o living-room. Ir ver a velha paralítica de Bagnolet.

Por que prosseguir neste diário pois que não tenho nada a anotar? Comecei-o porque minha solidão era desconcertante. Continuei por mal-estar, porque a atitude de Maurice me desconsojava. Mas agora, vendo claro, o mal-estar se dissipou e penso que vou abandonar este caderno.

SEXTA-FEIRA 1º DE OUTUBRO

Reagi mal, pela primeira vez. Tomando o pequeno almoço, Maurice me disse que, de agora em diante, saindo à noite com Noellie, pernoitaria em casa dela. Pretende ser mais decente para ela e para mim.

— Pois se você aceita essa história, deixe-me vivê-la corretamente.

Dado os números de noites que passa no laboratório, o número de almoços que salta, concederá a Noellie quase tanto tempo quanto a mim. Chatee-me. Ele me abafou com seus cálculos. Se se conta em horas, está certo, ele está mais tempo comigo. Mas existem as horas de trabalho, os momentos em que lê revistas, ou quando saímos para visitar amigos. Quando está junto de Noellie, só se ocupa com ela.

Terminei cedendo. Pois que adotei uma atitude conciliadora, compreensiva, devo cingir-me a ela. Não fazer-lhe frente. Se estrago sua aventura, ele a embelezará a distância, terá saudades. Se eu lhe permito vivê-la, como quer, até o fim, "corretamente", sei que se cansará depressa. É o que Isabelle pensa. Eu me repito: "Paciência".

Apesar de tudo, na idade de Maurice, e é preciso que eu entenda, uma atração

carnal deve ser tomada em grande conta. Em Mougins, evidentemente, ele pensava em Noellie. Compreendo aquela ansiedade em seu olhar, no aeroporto de Nice: indagava-se se eu duvidava de alguma coisa. . . Ou tinha vergonha de me haver mentido? Seria vergonha e não ansiedade? Revejo o seu rosto mas não o decifro bem.

SÁBADO 2 DE OUTUBRO. MANHÃ

Estão de pijamas, bebem café, sorriem um ao outro... Esta visão me faz mal. Quando se bate em uma pedra, sente-se primeiro um choque, a dor vem depois. Com uma semana de atraso, eu começo a sofrer. Antes, eu estava o que se chama baratinada. Raciocinava, afastava essa dor que se abate sobre mim esta manhã: as visões. Dou voltas e voltas no apartamento, cada passo requerendo outro. Abri sua gaveta. Olhei seus pijamas, suas camisas, suas camisetas, suas malhas e me pus a chorar. Não suporto que uma outra possa acariciar sua face na doçura desta seda, na ternura deste pulôver.

Não vigiei como devia. Pensei que Maurice envelhecia, que trabalhava em excesso, e que eu deveria conformar-me com sua frieza. Começou a considerar-me mais ou menos uma irmã. Noellie acordou seus desejos. Tenha ou não temperamento, deve saber bem como comportar-se na cama. Ele tornou a encontrar a alegria orgulhosa de dar prazer a uma mulher. Deitar, não é somente deitar. Existe entre eles essa intimidade que só a mim, pertencia. Ao acordar, será que ele a aninha nos braços chamando-a minha gazela, meu passarinho dos bosques? Ou inventou outros nomes que pronuncia com a mesma voz? Ou se forjou também uma outra voz? Barbeia-se e lhe sorri, os olhos mais escuros e mais brilhantes, a boca mais nua, sob a máscara de espuma branca. Ele surgia no enquadramento da porta com um grande buquê de rosas vermelhas envoltas em celofane. . . Será que lhe leva flores?

Serram-me o coração com uma serra de dentes fininhos.

SÁBADO A NOITE

A chegada de Mme Dormoy me tirou de minhas obsessões. Nós conversamos e dei para sua filha os pertences que Lucienne não levou. Depois de ter tido uma arrumadeira meio cega, uma mitômana que me acabrunhava com o relatório de suas desgraças, uma débil mental que me roubava, aprecio essa mulher honesta e equilibrada. Foi a única empregada que tive por meu interesse e não para prestar-

lhe um serviço.

Fui à feira. De ordinário, flano muito tempo nessa rua cheia de odores, de ruídos e de risos. Tento inventar desejos tão variados como os frutos, os legumes, os queijos, os patês, os peixes dessas bancas. Comprei braçadas de outono no vendedor de flores. Hoje, meus gestos eram mecânicos. Ativamente enchi meu cesto. Sentimento que eu jamais experimentara: a alegria dos outros me pesava.

Durante o almoço, disse a Maurice:

— Nós não falamos, em suma. Não sei nada sobre Noellie.

— Mas sim, eu já disse o essencial.

É verdade que ele me falou dela no Club 46: eu lastimo ter escutado tão mal.

— Não compreendo muito bem o que você encontra de especial nela: existem tantas mulheres igualmente bonitas.

Refletiu:

— Ela tem uma qualidade que lhe deveria agradar: um modo de se dedicar a fundo a tudo o que faz.

— Eu sei que ela é ambiciosa.

— É outra coisa que ambição.

Ele parou, embaraçado sem dúvida por fazer diante de mim o elogio de Noellie. É preciso dizer que eu não devia ter um ar muito encorajador.

TERÇA-FEIRA 5 DE OUTUBRO

Eu passo um pouco de tempo demais em casa de Colette depois que ela sarou. Malgrado sua grande gentileza, sinto que minha solicitude corre o risco de importuná-la. Quando se viveu de tal maneira para os outros, é um pouco difícil de se converter em viver para si. Não cair nas armadilhas da dedicação: eu sei muito bem que as palavras dar e receber são introcáveis e como eu tinha necessidade da necessidade que minhas filhas tinham de mim. Nesse sentido eu nunca blefei. "Você é maravilhosa", me dizia Maurice. — Ele me dizia tão freqüentemente, sob um outro pretexto — "Porque para você dar prazer aos outros, é antes dar prazer a você mesma." Eu ria: "Sim, é uma forma de egoísmo." Aquela ternura em seus olhos: "A mais deliciosa que existe."

QUARTA-FEIRA 6 DE OUTUBRO

Entregaram-me ontem a mesa que eu encontrei domingo na Foire aux puces.

Uma verdadeira mesa de fazenda em madeira rugosa, um pouco reparada, pesada e grande. Este living-room está ainda mais bonito do que o nosso quarto. Eu me rejubilava pelo prazer que ele teria esta manhã, malgrado minha tristeza de ontem. Cinema, Nembutal, creio que é um regime que me cansará depressa. Por certo, ele me felicitou. Mas qual! Há dez anos, eu tinha arranjado esta peça durante a temporada que ele passara junto de sua mãe doente. Eu me lembro de seu rosto, de sua voz: "Como será bom ser feliz aqui!" Acendeu um grande fogo de lenha. Desceu para comprar champanha, e me trouxe também rosas vermelhas. Esta manhã ele olhava, aprovava com um ar — como dizer? — de boa vontade.

Mudou, verdadeiramente? Em um sentido, sua confissão me tranqüilizou: Se ele tem uma história, tudo está explicado. Mas se ele continuasse o mesmo teria tido uma história? Eu o tinha pressentido e esta fora uma das obscuras razões da minha resistência: Ninguém transforma sua vida sem se transformar a si próprio. De dinheiro, de meios brilhantes, ele está cansado. Quando nós andávamos ruins de vida, meu engenho o encantava: "Você é maravilhosa!" Uma simples flor, um belo fruto, um pulo ver que eu lhe tricotasse eram verdadeiros tesouros. Pois bem! Este living-room que eu arranjei com tanto amor não tem nada de extraordinário comparado ao apartamento dos Talbot. E o de Noellie? Como será? Mais luxuoso do que o nosso, certamente.

QUINTA-FEIRA 7 DE OUTUBRO

No fundo, o que foi que eu ganhei por ele ter me dito a verdade? Agora passa -as suas noites com ela e se arranja muito bem. Eu me pergunto. . . Mas era demasiado evidente. Aquela porta batida, o copo de uísque, tudo era premeditado. Ele provocou minhas perguntas. E eu, pobre idiota, acreditei que ele me falava por lealdade. ..

Meu Deus! Como a cólera é dolorosa. Acreditei nunca mais me recuperar. Eu não tenho nenhuma razão de me pôr neste estado, é um fato. Ele não sabia como se comportar, quis ser astuto diante dos problemas. Não é um crime.

Apesar de tudo, gostaria de saber se ele falou no meu interesse ou por sua própria comodidade.

SÁBADO 9 DE OUTUBRO

Estava contente comigo mesma, esta tarde porque tinha passado dois dias

serenos-. Escrevera uma nova carta para a assistente indicada pelo juiz Barron e que não me tinha respondido.

Acendi um belo fogo de lenha, e comecei a tricotar um vestido. Pelas dez horas, o telefone tocou. Talbot perguntava por Maurice. Disse:

— Está no laboratório. Eu pensei que você estivesse também.

— Quer dizer. . . eu deveria estar, mas estou gripado. Pensei que Lacombe já tivesse saído, vou chamá-lo no laboratório, desculpe-me por tê-la incomodado. .

As últimas palavras foram muito rápidas, o tom animado. Mas eu só ouvia o silêncio de antes e depois do "quer dizer. . ." Fiquei imóvel, o olhar fixo no telefone. Repeti dez vezes as duas réplicas, como um velho disco arranhado: — "Que você estivesse também. — Quer dizer. . ." E, implacavelmente, cada vez, aquele silêncio.

10 DE OUTUBRO DOMINGO

Voltou um pouco antes da meia-noite. Eu lhe disse:

— Talbot telefonou. Pensei que estivesse com você no laboratório.

Respondeu, sem me olhar:

— Ele não estava.

Retorqui:

— E você também não.

Houve um breve silêncio.

— Com efeito. Estava em casa de Noellie. Ela me pediu que passasse para vê-la.

— Passasse! Você ficou três horas. Acontece com frequência ir à casa dela, quando me diz que trabalha?

— Como! É a primeira vez! — me declarou em tom indignado, como se nunca me tivesse mentido.

— É demais, uma vez. E o que adianta me dizer a verdade se continua mentindo?

— Tem razão. Mas eu não ousei. . .

Essa frase me fez dar um pulo. Tantas cóleras reprimidas, um tal esforço para guardar as aparências da serenidade!

— Não ousou? Será que eu sou uma megera? Mostre-me outras mulheres tão acomodadas quanto eu!

Sua voz tornou-se desagradável:

— Eu não ousei porque outro dia você começou a fazer contas: tantas horas para Noellie, tantas horas para mim...

— Com efeito! Foi você quem me atordoou com seus cálculos!

Hesitou uns segundos e disse com ar arrependido:

— Bem! Me reconheço culpado. Não mentirei nunca mais.

Perguntei-lhe por que Noellie fizera tanta questão de vê-lo.

— A situação dela não é fácil... — declarou. A cólera me retomou:

— É o cúmulo! Ela sabia da minha existência quando deitou com você!

— O que lhe é penoso é que ela não esquece.

— Eu a incomodo? Ela o quer só para ela?

— Ela me quer...

Noellie Guérard, essa arrivistazinha fria, bancando a amorosa, é um pouco demais!

— Posso sumir, se isto lhes convém! — exclamei. Colocou a mão em meu braço:

— Eu lhe peço, Monique, não tome as coisas assim! Tinha o ar cansado e triste e eu, que me esfalfo por um único suspiro seu, não estava com ânimo de me compadecer. Disse secamente: — E como quer que eu as tome?

— Sem hostilidade. Bem, fiz mal em começar este caso. Mas agora que é fato consumado é preciso que eu tente sair desta sem causar sofrimentos a ninguém.

— Não lhe peço piedade.

— Não se trata de piedade! Causar-lhe mágoa, egoisticamente, me destroça. Mas compreenda que também tenho que levar em conta Noellie.

Levantei-me. Sentia que não me controlaria mais:

— Vamo-nos deitar.

E esta noite, imagino que Maurice pode estar contando nossa conversa a Noellie. Como não tinha ainda pensado? Eles falam deles, portanto também de mim. Entre eles existem conivências como entre Maurice e eu. Noellie não é somente um estorvo em nossa vida: no idílio deles, eu sou um problema, um obstáculo. Para ela não se trata de um passatempo. Pretende manter com Maurice uma ligação séria e é esperta. Meu primeiro impulso fora o certo. Deveria logo ter dado um basta na história, dizer a Maurice: ou ela ou eu. Ele ficaria de mal comigo um certo tempo mas depois sem dúvida, me teria agradecido. Não fui capaz. Meus desejos, meus interesses, jamais se distinguiram dos seus. As raras vezes que me opusera a ele, fora para seu próprio bem. Agora, precisaria agir, firmemente, contra ele. Não tenho forças para iniciar

este combate. Mas não estou segura de que minha paciência não seja uma inabilidade. O mais amargo é que Maurice não me parece agradecido. Creio até que, com., a bela falta de lógica masculina, me reprova pelos remorsos que o faço ter. Seria necessário, então, ser mais compreensiva, mais indiferente, mais sorridente? Ah! eu não sei mais. Nunca hesitei tanto quanto a conduta a tomar. Talvez, a propósito de Lucienne... Mas então, eu pedia conselhos a Maurice. E o mais desconcertante é a minha solidão em face dele.

QUINTA-FEIRA 14 DE OUTUBRO

Estou manobrada. Quem dirige a manobra? Maurice? Noellie? Os dois juntos? Não sei como a derrotarei: se é fingindo ceder ou resistindo. Aonde me arrastam?

Ontem, voltando do cinema, Maurice me disse, com ar precavido, que tinha um pedido a me fazer. Desejava passar o *week-end* com Noellie. Em compensação, daria um jeito para não trabalhar nas próximas noites e teríamos bastante tempo disponível para nós dois. Tive um sobressalto de revolta. Seu rosto endureceu: "— Não falemos mais no caso." Tornou a ser amável mas eu estava transtornada por ter-lhe recusado algo. Ele devia me achar mesquinha e inamistosa. Na próxima semana não hesitaria em mentir: entre nós a separação teria começado... "Trate de viver com ele essa história", me disse Isabelle.

Antes de ir dormir, disse que, pensando bem, eu deplorava minha reação. Deixava-o livre. Não fez ar de contente, ao contrário, pareceu-me ver desencanto em seus olhos:

— Sei muito bem que eu lhe peço demais, eu lhe peço muito. Não creia que não tenha remorsos.

— Oh! os remorsos! Para que servem?

— De nada, claro. Falo por falar. Talvez é mais sadio não tê-los.

Fiquei muito tempo acordada e me parecia que ele também. Em que pensaria? Eu me perguntava se fizera bem em ceder. Onde iria parar de concessão em concessão? Por enquanto não tiro nenhum benefício. Evidentemente, ainda é cedo. É preciso deixar a ligação amadurecer antes de apodrecer, eu me repito. E ora me acho certa, ora me acuso de covardia. Em verdade, estou desarmada porque nunca supus que tivesse direitos. Espero muito das pessoas que amo — demais, decerto. Espero e até peço. Mas eu não sei exigir.

SEXTA-FEIRA 15 DE OUTUBRO

Fazia muito tempo que eu não via Maurice tão alegre, tão terno. Arranjou duas horas esta tarde para me levar à exposição de arte hitita. Sem dúvida, espera conciliar nossa vida e sua aventura. Se não vai durar muito tempo, estou de acordo.

DOMINGO 17 DE OUTUBRO

Ontem, escorregou para fora da cama antes das oito. Senti o perfume de sua água-de-colônia. Fechou devagarzinho a porta do quarto e a do apartamento. Da janela, vi-o limpando o carro com minuciosa alegria. Pareceu-me que cantarolava.

Havia um macio céu de estio por sobre as últimas folhagens do outono. (As folhas de ouro das acácias, na estrada rosa e cinza, voltando de Nancy.) Subiu para o carro, fez funcionar o motor e eu olhava meu lugar a seu lado, meu lugar onde Noellie iria sentar-se. O carro deu partida, e eu senti meu coração doendo. Guiava rapidamente e desapareceu depressa. Para sempre. Não voltará mais. Não será ele quem voltará.

Matei meu tempo da melhor forma: Colette, Isabelle. Vi dois filmes: Bergman duas vezes seguidas, tanto me impressionou. Esta noite, coloquei um disco de *jazz*, acendi o fogo na chaminé, tricotei olhando as chamas. Em geral, a solidão não me faz medo. Em pequenas doses, ela me relaxa, mesmo: as presenças que me são caras sobrecarregam-me o coração. Eu me inquieto com uma ruga, com um bocejo. E para não ser importuna ou ridícula devo calar minhas apreensões, reprimir meus impulsos. Pensar neles, de longe, é trégua repousante. O ano passado, quando Maurice foi a um colóquio em Genebra, os dias pareciam curtos. Este *week-end* não acaba nunca. Abandonei meu tricô porque ele não me protegia. O que eles fazem, o que se dizem, onde estão, como se olham? Acreditei que me poderia preservar dos ciúmes, mas não. Fiz buscas em seus papéis, sem nada encontrar, bem entendido. Seguramente, ela escreveu quando ele esteve em Mougins. Ele ia buscar suas cartas na posta-restante, escondendo-se de mim. Guardou-as em algum lugar, na clínica. Se lhe pedisse para ver, ele me mostraria?

Pedir a quem?... A esse homem que passeia com Noellie, de quem não quero, nem posso, imaginar, o rosto e as palavras? Será o mesmo? Aquele que eu amo e que me ama? Eu não sei mais. Não sei se estarei fazendo um cavalo de batalha. .

. . . Procurei refúgio em nosso passado. Estendi diante da lareira, caixas cheias de fotografias. Encontrei aquela em que Maurice tem a braçadeira. Como estávamos unidos no dia em que junto do cais dos Grands-Augustins, nós cuidávamos dos F.F.I. feridos. Eis, na estrada de Cap Corse, o velho carro asmático que sua mãe nos tinha dado. Lembro-me da noite, perto de Corte, quando tivemos uma avaria. Ficamos imóveis, intimidados pela solidão e o silêncio. Eu disse: "É necessário tentar concertar." "— Beija-me antes —" disse Maurice. Ficamos muito tempo a nos beijar e parecia que nem o frio, nem a fadiga, nada no mundo poderia atingir-nos.

É curioso. Será que isso significa alguma coisa? Todas as lembranças que me vêm à mente têm mais de dez anos: a liberação de Paris, a volta de Nancy, a inauguração de nossa nova casa, essa pane na estrada de Corte. Posso evocar outras: nossos derradeiros verões em Mougins, Veneza, meu aniversário de quarenta anos. Elas não me tocam do mesmo modo. Decerto, as lembranças mais distantes parecem mais belas.

Estou cansada de fazer perguntas, de não ter respostas. Perco pé. Não reconheço mais o -apartamento. Os objetos têm ar de imitação deles próprios. A pesada mesa do *living* é cava. Como se se tivesse projetado a casa e eu própria, numa quarta dimensão. Não ficaria espantada se, saindo, me encontrasse numa floresta pré-histórica ou numa cidade do ano 3 000.

TERÇA-FEIRA 19 DE OUTUBRO

Tensão entre nós. Por minha culpa ou dele? Acolhi-o com naturalidade, contou-me seu *week-end*. Estiveram em Sologne. Parece que Noellie adora Sologne. (Ela terá gosto?) Sobressaltei-me quando me disse que, ontem, eles tinham jantado e dormido na Hospedaria de Forneville.

— Nesse lugar tão esnobe e tão caro?

— É muito bonito — disse Maurice.

— Isabelle me disse que era pitoresco para americanos: cheio de plantas e pássaros e antiguidades falsas.

— Tem plantas, pássaros, e antiguidades falsas ou verdadeiras. Mas é muito bonito.

Não insisti. Senti sua voz endurecer. Em geral, o que agrada a Maurice é descobrir as pequenas tascas sem alardes, onde se come bem, o hotel pouco freqüentado, perdido num belo lugar. Bem, eu admito que vez ou outra, faça

concessões a Noellie, mas não tem necessidade de pretender apreciar as vulgaridades que a encantam. A menos que ela venha ganhando influência sobre ele. No mês de agosto, viu com ela o último Bergman, em projeção particular (Noellie só vai às projeções privadas ou às anteestréias), e não achou bom. Ela deve ter--lhe demonstrado que Bergman está fora de moda, não tem outro critério. Deslumbra-o porque parece estar a par de tudo. Revejo-a naquele jantar em casa de Diana, o ano passado. Fez um curso sobre os *happenings*. Em seguida, falou muito sobre o processo Rampal que acabava de ganhar. Um número verdadeiramente ridículo. Luce Couturier tinha o ar constrangido e Diana me enviou uma piscadela conivente. Mas os homens escutavam boquiabertos e, entre eles, Maurice. Todavia, não é do seu costume cair nesse gênero de blefe.

Não deveria atacar Noellie, mas, às vezes, é mais forte do que eu. Não discuti a respeito de Bergman, mas à noite, ao jantar, briguei estupidamente com Maurice porque ele sustentava que se podia muito bem beber vinho tinto com peixe. Reação típica de Noellie: conhecer tão perfeitamente as boas maneiras que se pode passar de regras e hábitos. Então, eu defendi a lei que associa vinho branco a peixe. Nós nos esquentamos. Que tristeza! De todo o jeito, eu não gosto de peixe.

QUARTA-FEIRA 20 DE OUTUBRO

Na noite em que Maurice me falou, acreditei que eu deveria enfrentar uma situação desagradável mas clara. E ignoro onde paro, contra que devo lutar, se é questão de lutar e por quê. Em casos análogos, as outras mulheres ficam igualmente desamparadas? Isabelle me repete que o tempo trabalha a meu favor. Gostaria de acreditar. Para Diana, desde que seu marido a trate e aos filhos, com gentileza, é indiferente que a engane ou não. Ela seria incapaz de me dar um conselho. Apesar de tudo, eu lhe telefonei, posto que desejava informações sobre Noellie. Ela a conhece mas não gosta dela. (Noellie avançou em Le-mercier que a repeliu. Ele não gosta de quem se atira em seus braços). Pedi-lhe que me dissesse há quanto tempo estava ao corrente do que acontecia a Maurice. Fingiu surpresa pretendendo que Noellie não lhe dissera nada. Em absoluto, elas não são íntimas. Contou-me que, aos vinte anos, Noellie fizera um casamento muito rico. Seu marido divorciou-se (sem dúvida, porque já se saciara de ser enganado) mas a esposa obteve uma ótima pensão. Ela sabe extorquir magníficos presentes, entende-se às mil maravilhas com a segunda mulher dele e faz temporadas

longas em sua vila de La Napoule. Deitou com uma porção de tipos, em geral, úteis à sua carreira — e agora, deve desejar uma união sólida. Mas deixará Maurice de lado se deitar as garras em um homem mais rico e mais famoso que ele. (Eu preferiria que ele tomasse a iniciativa.) Sua filha tem quatorze anos e é educada da maneira mais esnobe possível: equitação, ioga, vestidos de Virginie. Está na Escola alsaciana com a segunda filha de Diana, onde faz basófras incríveis e, ao mesmo tempo, se queixa de que sua mãe não liga para ela. Diana diz que Noellie pede a seus clientes salários exorbitantes, que cuida de modo formidável de sua publicidade e que é capaz de tudo para vencer. Falamos de suas gabolices do ano passado. Estupidamente, esse massacre me aliviava. Aquilo parecia uma feitiçaria mágica: ali, onde se enfia um alfinete, a rival ficará mutilada, desfigurada e o amante verá suas feridas repugnantes. Parecia-me impossível que o retrato que tínhamos de Noellie não se impusesse a Maurice. (Há uma coisa que eu lhe direi: não foi ela quem advogou o caso Rampal.)

QUINTA-FEIRA 21 DE OUTUBRO

Maurice logo ficou na defensiva:

— Vejo daqui Diana: ela detesta Noellie!

— É verdade — disse. — Mas se Noellie sabe, por que mantém relações com ela?

— E por que Diana vê Noellie? — são relações mundanas. Então? — perguntou com um pouquinho de desafio. — O que foi que Diana lhe contou?

— Você me dirá que são maledicências.

— Isso é claro: as mulheres que não fazem nada não suportam as que trabalham.

("As mulheres que não fazem nada": a frase me ficou na garganta. Não parecia de Maurice.)

— E as mulheres casadas não gostam das que se atiram sobre seus maridos — disse.

— Ah! É a versão de Diana? — Maurice comentou com ar divertido.

— Evidentemente, Noellie pretende o inverso: a verdade de cada um.. .

Olhei para Maurice:

— E em seu caso, quem se adiantou?

— Já lhe contei como isso se passou.

Sim, no *Club 46* ele contou, mas não me parecia bem claro. Noellie levou-lhe sua filha que tinha anemia, ele propôs passarem a noite juntos, ela aceitou e

foram para a cama. Oh! isso não me interessa.

— Se quer saber, Diana julga Noellie interesseira, arrivista e esnobe.

— E você acredita logo?

— Em todo o caso, é ponto pacífico: Noellie é mentirosa. Falei-lhe no caso Rampal que ela pretende ter advogado, quando era, apenas, a assistente de Brévant.

— Mas nunca ela disse o contrário. Considera que é seu processo na medida em que muito trabalhou nele. É tudo.

Ou ele mentia ou sofismava suas lembranças. Estou quase certa de que ela falou de sua defesa.

— De todo o jeito, ela se atribui todo o sucesso da causa.

— Escute — exclamou alegremente — se ela tem todos os defeitos que você lhe atribui, como explicar que eu possa passar cinco minutos com ela?

— Eu não me explico.

— Não lhe vou fazer sua apologia, mas lhe asseguro que é uma pessoa estimável.

Maurice verá, em tudo o que eu disser sobre Noellie, o efeito de meu ciúme. Melhor calar-me. Ela me é muito antipática. Lembra-me a minha irmã: mesma segurança, mesmo topete, mesma elegância falsamente negligente. Parece que essa mistura de faceirice e dureza agrada aos homens. Quando eu tinha dezesseis anos e Maryse dezoito, ela me roubava todos os flertes. A um tal ponto, que eu estava crispada de apreensão quando lhe apresentei Maurice. Tive um pesadelo terrível no qual ele caía apaixonado por ela. Ele indignou-se: "Ela é tão elaborada! É tão cheia de truques! Um falso brilhante, uma lantejoula! Você é uma jóia verdadeira". Dizia que eu era autêntica. Em todo o caso, era a mim que amava e eu não mais invejei minha irmã, fiquei contente de ser o que era. Mas então, como pode amar Noellie que é a mesma espécie de Maryse? Ele me escapava inteiramente pois que se comprazia com alguém que me desagradava a tal ponto — e que lhe deveria desagradar se fosse fiel a nosso código. Decididamente, ele mudou. Deixa-se enganar pelos falsos valores que nós desprezávamos. Ou, simplesmente, Noellie o ilude. Gostaria que seus olhos se abrissem de uma vez. Começo a perder a paciência.

"As mulheres que não fazem nada não suportam as que trabalham." A frase me surpreendeu e magoou. Maurice acha bom que a mulher tenha um ofício. Deplorou muito Colette escolher o casamento, a vida do lar, e ficou ressentido por eu não a ter desviado. Mas, enfim, admite que, para as mulheres, existem outras maneiras de realização. Nunca achou que eu não fazia "nada", ao

contrário, espantava-se por me ocupar tão seriamente com os casos que me assinalava e, ao mesmo tempo tomar tão bem conta da casa e não perder de vista nossas filhas. E tudo isso sem parecer tensa ou sobrecarregada. As outras mulheres lhe pareciam sempre muito passivas ou muito agitadas. Eu tinha uma vida equilibrada — ele dizia: "harmoniosa", mesmo. "Em você tudo é harmonioso." É insuportável para mim que fique do lado de Noellie em seu desdém pelas mulheres "que não fazem nada".

DOMINGO 24 DE OUTUBRO

Começo a ver claro no jogo de Noellie: tenta reduzir-me ao papel de mulher caseira, amante e resignada que se deixa no lar. Gosto de ficar com Maurice ao pé do fogo mas acho irritante que seja só ela que ele leve ao concerto, ao teatro. Sexta-feira, eu protestei quando me disse que estivera com ela num *vernissage*.

— Você tem horror dos *vernissages*! — respondeu-me.

— Mas gosto de pintura.

— Se ela fosse boa voltaria para vê-la com você.

Fácil de dizer. Noellie lhe empresta livros. Ela banca a intelectual. Estou de acordo que eu conheço menos do que ela a literatura e a pintura moderna. Mas no geral não sou menos culta que ela nem menos inteligente. Maurice me escreveu certa vez que se fiava em meu julgamento mais que em qualquer outro, por ser ele ao mesmo tempo "esclarecido e ingênuo". Procuro exprimir exatamente o que penso, o que sinto e ele também. Nada nos parece mais precioso que essa sinceridade. Não devo deixar Noellie maravilhar Maurice com suas basófras. Pedi a Isabelle que me ajudasse a ficar por dentro. Escondida de Maurice, evidentemente, se não ele caçoaria de mim.

Ela continua a exortar-me à paciência. Assegura-me que Maurice não desmereceu, que eu devo preservar minha estima e minha amizade. Fez-me bem o que disse dele. À força de me interrogar a seu respeito, de desconfiar, de censurá-lo, acabei por desconhecê-lo. É verdade que, nos primeiros anos, entre seu escritório da Simca e o pequeno apartamento onde as crianças brigavam, sua vida teria sido austera se nós não nos amássemos tanto. Foi por minha causa, que ele renunciou a ser médico interno — disseme Isabelle. Poderia querer-me mal por isso. .. Nisso, não estou de acordo. A guerra atrasara-o, os estudos começaram a exasperá-lo, desejava uma vida adulta. Nós dois fomos responsáveis por minha gravidez e, sob Pétain, era impossível arriscar um

aborto. Não. Querer-me mal, seria injusto. Nosso casamento o fez tão feliz quanto a mim. Entretanto, foi um de seus méritos, mostrar-se tão alegre, tão terno nas situações ingratas e mesmo difíceis. Até que acontecesse esta história, eu não tivera jamais a sombra de uma reprovação a lhe fazer.

Esta conversa me deu coragem: pedi a Maurice para passarmos juntos o próximo *week-end*. Gostaria que ele encontrasse comigo uma alegria, uma intimidade um pouco esquecida, e também que se lembrasse de nosso passado. Propus que voltássemos a Nancy. Teve o ar perplexo e acabrunhado do tipo que sabe que terá cenas do outro lado. (Gostaria bem que ela lhe provasse que a partilha é impossível.) Não disse sim nem não: tudo depende de seus doentes.

QUARTA-FEIRA 27 DE OUTUBRO

Decididamente, ele não poderá deixar Paris este fim de semana. Isto significa oposição de Noellie. Eu me insurji. Pela primeira vez, chorei diante dele. Teve o ar consternado: "Oh! Não chore. Tratarei de encontrar um substituto!" Terminou por me prometer que se arranjará; ele também deseja este *week-end*. É verdade ou não? Mas o que é certo é que minhas lágrimas o transtornaram.

Passei uma hora na sala de recepção com Marguerite. Ela se impacienta. Como os dias devem ser longos. A assistente é gentil, mas não pode deixá-la sair comigo sem uma autorização que não chega. Sem dúvida, por simples negligência porque eu ofereço todas as garantias morais.

QUINTA-FEIRA 28 DE OUTUBRO

Está aí: saímos sábado e domingo. "Eu me arranjei!" — disseme em tom triunfante. Estava visivelmente orgulhoso por ter sido firme com Noellie; demasiado orgulhoso. Isto significa que a luta foi cerrada, por conseguinte que ele conta muito para ele. Achei-o nervoso a noite toda. Bebeu dois copos de uísque em lugar de um e fumou um cigarro atrás do outro. Punha uma excessiva animação em estabelecer nosso itinerário e minha reserva o decepcionou.

— Você não está contente?

— Claro que sim.

Estava contente pela metade. Noellie tomou tanto lugar em sua vida que ele tinha que se bater contra ela para passar comigo um fim de semana? E estou eu própria no ponto de considerá-la como uma rival? Não. Recuso as recriminações, os cálculos, as perfídias, as vitórias, as derrotas. Prevenirei

Maurice: "Não o disputarei a Noellie".

SEGUNDA-FEIRA 1º DE NOVEMBRO

Aquilo se parecia tanto com o passado: chegava quase a crer que o passado iria renascer desta semelhança. Nós rodamos através da cerração e depois sob um belo sol frio. Em Bar-le-Duc, em Saint-Mihiel, revimos com a mesma emoção de outrora as obras de Ligier Richier; fui eu que o apresentei a elas. Depois disto nós viajamos bastante, vimos muito e o "Décharné" nos espantou ainda. Em Nancy diante das grades da praça Stanislas, senti no coração a aguda presença de uma felicidade dolorosa, tanto ela se tinha tornado insólita. Nas velhas ruas provincianas eu apertava seu braço sob o meu ou às vezes ele o passava em torno de meus ombros.

Falamos sobre tudo, sobre nada, e muito sobre nossas filhas. Ele não pode compreender a razão pela qual Colette se casou com Jean-Pierre. Sonhava para ela uma carreira brilhante na Química ou na Biologia, e nós lhe teríamos dado liberdade afetiva e sexual. Ela sabia disto. Por que se enfeitiçara por esse rapaz tão comum ao ponto de lhe sacrificar seu futuro?

— Ela está contente com ele — disse.

— Gostaria que ela o fosse de outro modo.

A partida de Lucienne, sua preferida, o entristece ainda mais. Mesmo aprovando seu desejo de independência, ele teria preferido que ela ficasse em Paris, cursasse a Faculdade de Medicina e se tornasse a sua colaboradora.

— Então ela não seria independente.

— Claro que sim. Teria sua própria vida enquanto trabalhasse comigo.

Os pais nunca têm as filhas de seus sonhos posto que elas não se desenham conforme suas idealizações. As mães aceitam-nas como são. Colette, antes de mais nada, tinha necessidade de segurança e Lucienne de liberdade. Cada uma a seu modo, Colette, tão sensível, tão humana, Lucienne tão enérgica, tão brilhante, acho que as duas se realizaram.

Nós ficamos no mesmo hotel de há vinte anos e talvez, em outro andar, no mesmo quarto. Eu me deitei primeiro e fiquei a olhá-lo, metido em seu pijama azul, indo e vindo, descalço sobre o tapete cocado. Não parecia nem contente nem triste. E a lembrança me cegou: imagem cem vezes evocada mas não gasta, brilhando de frescura: Maurice descalço sobre este tapete, caminhando, vestindo um pijama preto. Levantara a gola e suas pontas enquadravam seu rosto. Falava a torto e a direito com uma excitação infantil. Compreendi que viera na

esperança de encontrar esse homem perdido de paixão. Há anos e anos que não o encontro, mas a sua lembrança se superpõe como um véu diáfano sobre as outras visões que tenho dele. Esta noite, precisamente, porque o quadro era o mesmo, ao contato com o homem de carne e osso que fumava um cigarro, a velha imagem esfarelou-se em poeira. Tive uma revelação fuminante: *o tempo passa*. Comecei a chorar. Sentou-se à beira da cama e me abraçou ternamente: — Minha querida, minha pequena, não chore! Por que está chorando?

E acariciava meus cabelos e aplicava beijinhos em minhas têmporas.

— Não é nada. Acabou-se — disse-lhe. — Estou bem. Eu estava bem, o quarto imerso numa agradável penumbra.

Os lábios, as mãos de Maurice eram ternos, minha boca se pôs sobre a sua, deslizei a mão sob o paletó de seu pijama. E súbito, ele ficou de pé, me repeliu num sobressalto. Murmurei: — Eu lhe desagradei a este ponto?!

— Você está louca minha querida! mas estou morto de fadiga. É o ar livre, a caminhada. Tenho necessidade de dormir.

Eu me afundei dentro das cobertas. Ele deitou-se, apagou a luz. Parecia-me estar no fundo de um túmulo, o sangue gelado nas veias, incapaz de mexer ou de chorar. Não tínhamos feito amor desde Mougins, e ainda se se chama aquilo fazer amor.. . Adormeci às quatro horas da manhã. Quando acordei, ele entrava no quarto todo vestido. Era por volta das nove horas. Perguntei-lhe de onde vinha.

— Fui dar uma volta.

Mas fora chovia e ele não levava o impermeável. Não estava molhado. Fora telefonar a Noellie. Ela exigiu que ele lhe telefonasse, não teve a generosidade de deixá-lo inteiramente a mim durante um infeliz *week-end*. Não disse nada. O dia se arrastou. Cada um se dava conta de que o outro se esforçava por ser amável e alegre. Concordamos em jantar em Paris e terminar a noite em um cinema.

Por que me repeliu? Ainda sou abordada nas ruas, bolinada nos cinemas. Engordei um pouco, não muito. Meus seios se estragaram depois do nascimento de Lucienne, mas há dez anos, Maurice achava-os emocionantes. E há dois anos Quillan morria de vontade de deitar comigo. Não. Se Maurice teve aquele sobressalto é que está gamado por Noellie: não poderia dormir com outra. Se está gamado a esse ponto e se se deixa encantar por ela, as coisas são muito mais graves do que eu imaginava.

QUARTA-FEIRA 3 DE NOVEMBRO

A gentileza de Maurice é quase penosa: lastima o incidente de Nancy. Mas nunca mais me beija na boca. Sinto-me uma perfeita miserável.

SEXTA-FEIRA 5 DE NOVEMBRO

Comportei-me bem, mas com que esforço! Felizmente, Maurice me avisara. (Pode dizer o que quer, mas continuo pensando que ele deveria tê-la impedido de ir.)

Quase fiquei em casa. Ele insistiu: nós não saímos com tanta freqüência, não iria privar-me desse coquetel, ninguém entenderia minha ausência. Ou pensava que entenderiam bem demais? Eu olhava os Couturier, os Talbot, todos os amigos que vieram tantas vezes em casa, e me perguntava em que medida estavam ao corrente, se às vezes, Noellie os recebia com Maurice. Maurice não é íntimo de Talbot, mas evidentemente, este depois da noite de sua gafe ao telefone, compreendeu as coisas que se passavam atrás de minhas costas. Quanto a Couturier, Maurice não esconde nada dele. Escuto sua voz cúmplice: "Supõe-se que eu esteja contigo no laboratório". E os outros têm suspeitas? Ah! Eu fui tão orgulhosa de nosso casamento: um casal modelo. Nós demonstrávamos que um amor pode durar sem diminuir. Quantas vezes me vi campeã da fidelidade integral! Em migalhas o casal exemplar! Sobra um marido que engana sua mulher e uma mulher abandonada a quem se mente... E devo esta humilhação a Noellie. A coisa me parecia apenas concebível. Sim, pode-se considerá-la sedutora, mas sem maldade: que pessoa cheia de não-me-toques! Seu pequeno sorriso de canto, a cabeça um pouco pendida, essa maneira de beber as palavras do interlocutor e súbito, a cabeça atirada para trás, o bonito riso de pérolas. Mulher forte e, não obstante, tão feminina. Com Maurice ela estava exatamente como no ano passado em casa de Diana: distante e íntima, e ele tinha o mesmo ar de admiração estúpida. E como no ano passado, essa idiota de Luce Couturier me olhava constrangida. (O ano passado Maurice já estaria atraído por Noellie? Isso se perceberia? Eu tinha reparado em sua expressão seduzida, mas sem pensar que teria conseqüência.) Disse-lhe com tom divertido: — Acho Noellie Guérard encantadora. Maurice tem bom gosto.

Ela franziu os olhos:

— Ah! Você está ao corrente?

— Claro!

Convidei-a a ir em casa, na próxima semana. Eu gostaria de saber quem

sabe, quem não sabe, e desde quando. Todos têm pena de mim? Dão risada? Decerto sou mesquinha, mas gostaria que morressem todos para que desaparecesse a lamentável imagem que eles têm de mim, agora.

SÁBADO 6 DE NOVEMBRO

Esta conversa com Maurice me deixou desamparada porque ele estava calmo, amigo e parecia de boa-fé. Falando do coquetel de ontem, eu lhe disse, de boa-fé eu também, o que me constrangia em Noellie. Antes de tudo, a profissão de advogado me desagrada: por dinheiro, defende-se uma pessoa contra a outra, mesmo que a outra tenha razão. É imoral. Maurice me disse que Noellie exerce sua profissão de modo muito simpático: não aceita qualquer causa, pede grandes honorários dos ricos, sim, mas dá assistência gratuita a muita gente. É falso dizer que é interesseira. O marido ajudou-a a comprar seu escritório. E por que não, se mantêm excelentes relações? (Mas não as conservou assim para que ele lhe comprasse o escritório?) Ela quer vencer: isto não tem nada de condenável desde que se escolha os meios. Custou-me não perder a calma: — Você diz isto mas nunca tentou esses meios.

— Quando decidi que me especializaria é que estava farto de estagnação.

— Antes de mais nada, você não estava estagnado.

— Intelectualmente, sim. Estava longe de tirar de mim tudo o que podia.

— Seja. Em todo o caso, você não agiu por arrivismo: queria progredir intelectualmente e fazer avançar determinados problemas. Não era questão de fricote e carreirismo.

— Fazer carreira, para um advogado é outra coisa que fricote e reputação. Advoga-se causas cada vez mais interessantes.

Disse que, para Noellie, em todo o caso, o lado mundano contava enormemente.

— Trabalha muito. Ela tem necessidade de repouso — foi sua resposta.

— Mas por que as noites de gala, as antestréias, as *boites* na moda? Isso me parece absurdo.

— Absurdo? Em nome do quê? Todos os divertimentos têm algo de absurdo. Isso me desmontou. Ele detesta tanto quanto eu o mundanismo!

— Enfim, é só ouvi-la falar cinco minutos para ver que Noellie não é uma pessoa autêntica.

— Autêntica. .. O que isto quer dizer? Abusou-se dessa palavra.

— Você foi o primeiro.

Ele não respondeu. Eu insisti:

— Noellie me faz pensar em Maryze.

— Mas não.

— Eu lhe asseguro que elas se parecem. É o gênero de pessoas que não param nunca para ver o pôr de sol.

Ele riu: — Eu lhe direi que isso acontece comigo com frequência.

— Vamos! Tanto quanto eu, você gosta da natureza.

— Admitamos. Mas não vejo por que todo mundo terá que ter nossos gostos. Sua má-fé me revoltou:

— Escuta — disse-lhe — devo preveni-lo de uma coisa: Não o disputarei a Noellie. Se a prefere, o problema é seu, eu não lutarei.

— Quem fala em lutar?

Eu não lutarei. Mas súbito, tenho medo. Será possível que Maurice a prefira a mim? Nunca tinha tido essa idéia. Eu sei que tenho — bom, deixa para lá a palavra autenticidade que é talvez pedante — uma certa *qualidade* que ela não tem. "Você é de boa qualidade", me dizia papai com orgulho. E Maurice também, em outros termos. É essa qualidade que eu prezo antes de mais nada nas pessoas — em Maurice, em Isabelle; e Maurice é como eu. Não. Impossível que prefira a mim alguém tão falsificada como Noellie. Ela é *cheap* como se diz em inglês. Mas eu me inquieto por ele aceitar dela tantas coisas que eu julgo inaceitáveis. Pela primeira vez, eu compreendo que uma certa distância se cavou entre nós.

QUARTA-FEIRA 10 DE NOVEMBRO

Telefonei anteontem a Quillan. Oh! Não me orgulho disto. Tinha necessidade de me assegurar que um homem pode ainda me achar a seu gosto. A prova está feita. E do que me adianta? Com isto, não fiquei gostando mais de mim mesma.

Não estava em nada decidida a deitar com ele: nem a não deitar. Levei tempo com minha *toilette*, sais perfumados em meu banho e esmaltei as unhas do pé. É de chorar! Em dois anos ele não envelheceu mas afinou-se, seu rosto é mais interessante. Eu não lembrava mais que ele era tão bonito. Naturalmente, foi para me agradar que ele pôs tanto empenho no convite. Poderia ter sido em lembrança do passado, e eu temia — eu temia muito — que ele ficasse decepcionado. Mas não.

— Em suma, você é feliz?

— Eu seria se a visse com mais frequência.

Era num restaurante aprazível atrás do Panthéon: velhos discos Nova Orléans, fantasistas muito engraçados, cantores com bom repertório, gênero anarquista. Quillan conhecia quase todo mundo na sala: pintores como ele, escultores, musicistas, jovens no conjunto. Ele próprio cantou, com acompanhamento de violão. Lembrava-se dos discos e dos pratos que me agradavam. Comprou-me uma rosa. Tinha comigo mil cuidados e compreendi quanto Maurice no presente tem poucos. E me fazia também pequenos elogios um pouco tolos que eu não ouço nunca mais: sobre minhas mãos, meu sorriso, minha voz. Pouco a pouco eu me deixei acalentar por essa ternura. Esqueci que nesse momento Maurice sorria a Noellie. Apesar de tudo, eu também tinha minha parte de sorrisos. Sobre um guardanapo ele desenhou um bonito retratinho meu: verdadeiramente, eu não tinha o ar de um velho rebotalho. Bebi um pouco, não demais. E quando ele me pediu para subir em meu apartamento e tomar qualquer coisa, aceitei. (Tinha-lhe dito que Maurice estava no campo.) Servi dois uísques. Ele não fazia um gesto mas seus olhos me esperavam. Pareceu-me absurdo vê-lo sentado no lugar onde Maurice senta-se habitualmente. Minha alegria me deixou. Tive arrepios.

— Você tem frio. Vou acender um bom fogo. 200

Pulou em direção à lareira com tanto ímpeto e mal jeito que derrubou a estatueta de madeira que comprei com Maurice no Egito e da qual gosto tanto. Dei um grito: estava quebrada!

— Eu vou restaurá-la, é muito fácil.

Mas tinha o ar consternado por causa de meu grito; sem dúvida, gritara muito alto. Depois de alguns instantes, eu disse que estava fatigada e que devia ir dormir.

— Quando nos reveremos?

— Eu lhe telefonarei.

— Você não telefonará. Marquemos um encontro já.

Indiquei uma data ao acaso. Eu a cancelarei. Partiu e fiquei estupidamente com um pedaço de minha estátua em cada mão. E me pus a soluçar.

Parece-me que Maurice teve um tique quando lhe disse que tinha revisto Quillan.

SÁBADO 13 DE NOVEMBRO

Cada vez me parece haver tocado o fundo. Em seguida, eu me afundo mais ainda na dúvida e na desgraça. Luce Couturier se deixou apanhar como uma

criança, e a um tal ponto que eu me pergunto se ela não fez de propósito.. . Essa história dura mais de um ano. E Noellie estava com ele em Roma em outubro! Agora compreendo o rosto de Maurice no aeroporto de Nice: o remorso, a vergonha, o medo de ser descoberto. Depois de um golpe, tem-se a tendência de forjar pressentimentos. Mas nesse caso, eu não invento nada. Farejei qualquer coisa pois que a partida do avião despedaçou minha alma. Passa-se em silêncio constrangimentos, mal-estar, incômodos, para os quais não se encontra nome, mas que existem.

Deixando Luce, caminhei muito tempo, sem saber onde ia. Estava aturdida. Agora, é que me dou conta: saber que Maurice deitava com outra mulher não me espantou tanto. Não foi somente por acaso que eu indaguei: existe uma mulher em sua vida? Sem ser jamais formulada, vaga e fugidia, a hipótese se indicava através das distrações de Maurice, suas ausências, sua frieza. Seria exagerado dizer que eu duvidava. Mas enfim, eu não caí das nuvens. Enquanto Luce me falava, eu caía, eu caía e me encontrei completamente arrasada. É preciso que eu reveja este ano inteiro, à luz desta descoberta: Maurice deitava com Noellie. Trata-se de uma longa ligação. A viagem à Alsácia que nós não fizemos. Eu disse: "Sacrifico-me à cura da leucemia." Pobre idiota! Era Noellie que o retinha em Paris. Na ocasião do jantar em casa de Diana eles já eram amantes e Luce o sabia. E Diana? Tentarei fazê-la falar. Quem sabe se este caso não remonta há mais tempo? Noellie estava com Louis Bernard há dois anos mas quem sabe se ela acumulava. Quando penso que estou reduzida à hipótese! Trata-se de Maurice e de mim! Todos os meus amigos estavam ao corrente! Oh! Que importa? Não estou mais no ponto de me incomodar com o que dirão. Estou por demais radicalmente aniquilada. A idéia que podem fazer de mim pouco me importa. Trata-se de sobreviver.

"Nada mudou entre nós!" Como eu me iludi com esta frase. Queria ele dizer que nada estava mudado pois que me enganava já há um ano? Ou não queria dizer nada?

Por que me mentiu? Acreditava que eu seria incapaz de suportar a verdade? Ou tinha vergonha? Então por que me falou? Sem dúvida, porque Noellie estava cansada da clandestinidade? De todo jeito o que me acontece é pavoroso.

DOMINGO 14 DE NOVEMBRO

Ah! Seria melhor que eu ficasse calada. Mas nunca tive nada escondido de Maurice; enfim, nada de sério. Não pude guardar comigo sua mentira e meu

desespero. Deu um murro na mesa: "Todo esse falatório!" Seu rosto me transtornou. Conheço bem esse rosto colérico. Amo-o. Quando se pede a Maurice um compromisso, sua boca se crispa, seu olhar se endurece. Mas desta vez, eu era a pessoa visada, ou quase. Não, Noellie não estava em Roma com ele. Não, ele não deitou com ela antes de agosto. Viam-se de tempo em tempo, podia ter encontrado os dois juntos. Era incoseqüente.

— Ninguém o encontrou, mas você confidenciou a Couturier que contou tudo a Luce.

— Disse que via Noellie, não me deitava com ela. Luce deformou tudo. Telefone a Couturier já, peça-lhe a verdade.

— Você sabe bem que é impossível.

Chorei. Tinha-me prometido não chorar, mas chorei. Disse:

— Fará melhor se me disser tudo. Se eu conhecesse de verdade a situação, poderia tentar enfrentá-la. Mas tudo supor, nada saber, é intolerável. Se você se limitava a ver Noellie, por que escondeu de mim?

— Bem. Vou dizer-lhe a verdade inteira. Mas então, acredite. Deitei três vezes com Noellie o ano passado e isso não importava nada. Não estive em Roma com ela. Você acredita?

— Eu não sei. Você mentiu tanto!

Ele teve um gesto de grande desespero:

— O que quer que eu faça para convencê-la?

— Você não pode fazer nada.

TERÇA-FEIRA 16 DE NOVEMBRO

Quando ele entra, quando me sorri, quando me beija, dizendo: "Bom dia, minha querida", é Maurice, são seus gestos, seu rosto, seu calor, seu odor. E em mim durante um instante uma grande doçura: sua presença. E ficar lá, não procurar saber: quase compreendo Diana. Mas é mais forte do que eu. Eu quero saber o que há. E antes de tudo, quando ele vai verdadeiramente ao laboratório, à noite? quando vai em casa dela? Não posso telefonar, ele ficaria exasperado. Segui-lo? Alugar um carro e segui-lo? Ou simplesmente verificar onde está o seu? É feio, é aviltante. Mas tenho necessidade de ver claro.

Diana pretende não saber nada. Pedi-lhe que fizesse Noellie falar:

— Ela é por demais astuciosa. Não falará nada.

— Você ficou a par de sua ligação por mim. Se lhe falar, ela será bem obrigada a responder qualquer coisa.

Prometeu-me, em todo o caso, que se informaria sobre Noellie: elas têm relações comuns. Se eu descobrisse coisas que a arrasassem aos olhos de Maurice!

Inútil procurar Luce Couturier. Maurice terá feito seu marido passar-lhe um sermão. E ele próprio dirá a Maurice que eu a revi... Não. Seria inabilidade minha.

QUINTA-FEIRA 18 DE NOVEMBRO

A primeira vez que eu fui vigiar Maurice no laboratório, o carro estava no estacionamento. A segunda, não! Mandei seguir até a casa de Noellie. Não tive que procurar muito tempo: que pancada no coração! Eu gostava do nosso carro, era um fiel animal doméstico, uma presença cálida e tranqüilizante. E súbito ele servia para me trair. Detestei-o. Fiquei de pé no pórtico, aturdida. Gostaria de surgir bruscamente diante de Maurice quando ele saísse da casa de Noellie. Isto só serviria para encolerizá-lo, mas estava tão desarvorada que era preciso que eu fizesse qualquer coisa, não importa o quê. Eu me retinha, e me dizia: "Ele mente para me poupar. Se me poupar é que me quer. Em um certo sentido seria muito mais grave se ele pouco se incomodasse". Tinha quase conseguido me convencer quando tive outro golpe: eles saíam juntos. Eu me escondi. Não me viram. Subiram a pé o bulevar até uma grande cervejaria. Caminhavam de braço dado, rapidamente e riam. Poderia cem vezes tê-los imaginado caminhando de braço dado. Verdadeiramente não o imaginei. Do mesmo modo que não os imagino na cama. Não tenho coragem. Ver, é completamente diferente. Comecei a tremer. Sentei-me num banco, apesar do frio. Tremi bastante tempo. Voltando, eu me deitei e quando ele entrou à meia-noite eu fingia dormir.

Mas quando ele me disse ontem: "Vou ao laboratório", perguntei:

— De verdade?

— Claro.

— Sábado, você estava em casa de Noellie.

Olhou-me com uma frieza mais terrificante ainda que a cólera:

— Você me espiona! Tive lágrimas nos olhos:

— Trata-se da minha vida, da minha felicidade. Eu quero a verdade. E você continua me mentindo!

— Tento evitar cenas — disse com ar extenuado.

— Eu não fiz cenas.

— Não?

Ele chama de cenas cada uma de nossas explicações. E súbito, como eu protestasse, minha voz subiu e nós tivemos mesmo uma cena. Tornei a falar de Roma. De novo ele negou. Não esteve ela em Roma? ou ao contrário esteve também em Genebra? A ignorância me rói.

SÁBADO 20 DE NOVEMBRO

Cenas, não. Mas eu sou desastrada. Eu me controlo mal, faço reparos que o aborrecem. Devo reconhecê-lo, basta que ele tenha uma opinião para que eu o contradiga, supondo que foi ela que o insuflou. De fato, eu não tenho nada contra a op-art. Mas a complacência de Maurice em se submeter a esse "sadismo óptico" me irritou: era realmente Noellie quem lhe havia indicado essa exposição. Tolamente sustentei que não se tratava de pintura e como ele discutisse eu o ataquei: acreditava rejuvenescer acompanhando todas as modas?

— Faz mal em se irritar.

— Eu me irrito porque você quer tanto seguir o último figurino que perde todo senso crítico.

Ergueu os ombros sem responder.

Vi Marguerite; passei bastante tempo com Colette. Mas não há nada a dizer.

DOMINGO 21 DE NOVEMBRO

Sobre sua ligação com Maurice, Noellie (pelo menos segundo Diana, de quem eu desconfio um pouco) só disse tolices. A situação é penosa para todo mundo, mas se chegará sem dúvida a um equilíbrio. Eu sou certamente, uma mulher muito correta, mas a diversidade agrada aos homens. Como encara ela o futuro? Respondeu: "Quem viver verá", ou mais ou menos. Parecia prevenida.

Diana me contou uma história, mas demasiado obscura para que eu a utilize. Noellie quase foi processada diante do conselho da ordem dos advogados porque, captando a confiança de um cliente de uma colega, que era uma pessoa muito importante, tirou da outra todos os seus negócios, entregando-os à própria Noellie. São procedimentos que no Palácio da Justiça se consideram inaceitáveis e que lhe são costumeiros. Mas Maurice me responderia: "Maledicências!" Disse-lhe que a filha de Noellie se queixava por ser negligenciada pela mãe.

— Nessa idade todas as meninas se queixam das suas mães. Lembre-se das dificuldades com Lucienne. De fato, Noellie não descuida de sua filha. Ela lhe ensina a se arranjar sozinha, a viver por si própria e tem muita razão nisso.

Isto era uma pedra no meu caminho. Ele caçoou com freqüência do meu jeito de galinha atrás dos pintos. Tivemos, mesmo, algumas disputas nesse sentido.

— Essa pequena não se incomoda que um homem passe as noites na cama de sua mãe?

— O apartamento é grande e Noellie toma muito cuidado. Aliás, ela não lhe escondeu que depois de seu divórcio houve homens em sua vida.

— Esquisitas essas confidencias de mãe a filha. Francamente, não acha isto um pouco chocante?

— Não.

— Não imaginaria nunca ter essa espécie de relações com Lucienne ou Colette.

Ele não respondeu; seu silêncio fazia bem entender que os métodos de educação de Noellie valiam os meus. Sentime ofendida. Estava claro que Noellie se comportava da maneira que melhor lhe convinha, sem pensar no interesse da menina, quando eu fizera sempre o contrário.

— Em suma — eu disse — tudo o que Noellie faz é bem feito.

Teve um gesto de impaciência:

— Ah! Não me fale o tempo todo de Noellie!

— Como posso impedir? Ela está em sua vida e sua vida me concerne.

— Oh! nem sempre.

— Como?

— Minha vida profissional não parece interessá-la. Nunca me fala a respeito.

— Era um contra-ataque desleal. Sabe bem que se especializando avança num terreno onde não posso segui-lo.

— O que poderia dizer-lhe? Suas pesquisas me ultrapassam completamente.

— Você não lê nem os meus artigos de vulgarização.

— Como ciência, a medicina nunca me interessou tanto. Eram as relações vivas com os doentes que me apaixonavam.

— Podia, ao menos, ter um pouco de curiosidade pelo que faço.

Havia raiva em sua voz. Eu lhe sorri ternamente.

— É que eu o amo e estimo acima de tudo o que você possa fazer. Se se tornar um grande sábio célebre, isto não me espantaria, pois que é capaz. Mas confesso que, aos meus olhos, isto não o acrescentará. Você não compreende?

Ele me sorriu:

— Mas claro!

Não é a primeira vez que ele se queixa de minha indiferença no tocante à sua carreira, e até agora, eu não ficava aborrecida por agastá-lo um pouco. Súbito, eu

vejo que essa indiferença é inábil. Noellie lê seus artigos, ela os comenta, a cabeça um pouco inclinada, um sorriso admirativo nos lábios. Mas como modificar minha atitude? Ficarà muito à vista... Foi penosa essa conversa. Estou certa de que Noellie não é boa mãe. Uma pessoa tão seca, tão fria, não pode dar à sua filha o que eu dei às minhas.

SEGUNDA-FEIRA 22 DE NOVEMBRO

Não, não devo tentar seguir Noellie em seu próprio terreno, mas me bater no meu. Maurice era sensível a todos os cuidados com que eu o envolvia, e descuido deles. Passei o dia pondo ordem em nossos armários. Guardei definitivamente as roupas de verão, coloquei naftalinas e arejei as de inverno. Fiz um rol completo. Amanhã, irei comprar as meias, os pulôveres, os pijamas, que necessita. Precisarà, também, de dois bons pares de sapatos: nós os escolheremos juntos, logo que tenha um momento livre. É reconfortante ter as gavetas bem cheias, com cada coisa em seu lugar. Abundância, segurança... As pilhas de lenços finos, de meias, de tricôs me deram a impressão de que o futuro não poderia falir.

TERÇA-FEIRA 23 DE NOVEMBRO

Estou doente de vergonha. Deveria ter pensado nisso. Maurice tinha o rosto dos maus dias quando voltou para almoçar. Logo em seguida, me atirou:

— Está errada em ter confiança em sua amiga Diana. Contaram a Noellie que ela procedia a um verdadeiro inquérito nos meios de advocacia e entre as relações comuns. E diz em toda a parte que foi você que a encarregou.

Enrubesci e me senti mal. Maurice jamais me julgava, ele era a minha segurança, e eis-me diante dele me defendendo e culpada. Que tristeza!

— Disse simplesmente que gostaria de saber quem era Noellie.

— Teria feito melhor me perguntando do que suscitando fala tório de comadres. Acredita que não vejo Noellie como é? Você se engana. Conheço seus defeitos tão bem como suas qualidades. Não sou um colegial enamorado.

— Não penso, em todo o caso, que sua opinião seja muito objetiva.

— E pensa que Diana e suas parceiras são objetivas? São a própria maledicência. Pode estar certa que elas não a poupam também.

— Bem — declarei — vou dizer a Diana que deve prender a língua.

— Eu a aconselho!

Fez um esforço para mudar de conversa. Falamos polidamente. Mas eu queimo de vergonha. Sinto-me desconsiderada a seus olhos.

SEXTA-FEIRA 26 DE NOVEMBRO

Na presença de Maurice, não posso impedir de me sentir diante de um juiz. Pensa de mim, coisas que não me diz: isto me dá vertigens. Eu me via tranqüilamente em seus olhos. Eu só me via mesmo pelos seus olhos: uma imagem demasiado lisonjeira decerto, mas onde, em conjunto, eu me reconhecia. Agora, eu me pergunto: Que vê ele? Acha-me mesquinha, indiscreta, ciumenta, e mesmo desleal pois que faço indagações às suas costas? É injusto. Ele que deixa passar tanta coisa em Noellie, não pode compreender a inquieta curiosidade que tenho dela? Detesto os comentários, suscitei-os, seja, mas tenho boas desculpas. Aliás, ele não fez mais comentários sobre o caso. É gentilíssimo. Mas me dou conta de que não me fala mais de coração aberto. Parece-me, às vezes, ler em seus olhos. . . não exatamente piedade. Diria antes, uma leve ironia? (Essa curiosa olhadela que me deitou quando lhe falei de minha saída com Quillan!) Sim, é como se enxergasse dentro de mim e me achasse tocante e um pouquinho ridícula. Por exemplo, quando me surpreendeu ouvindo Stockhausen, indagou em um tom indefinível: — O quê? Atira-se, agora, à música moderna?

— Isabelle me emprestou discos dos quais ela gosta.

— Gosta de Stockhausen? É novidade.

— É novidade, sim. Acontece que os gostos evoluem.

— E a você, esta música lhe agrada?

— Não. Não compreendo nada.

Ele riu e me beijou como se minha franqueza o tivesse tranqüilizado. De fato, ela era calculada. Eu compreendi que ele compreendera porque eu escutava esta música. E não me teria acreditado se eu pretendesse que me agradava.

Resultado; não ousarei lhe falar de minhas recentes leituras, se bem que, de fato, alguns desses "nouveaux romans" ⁷ me agradaram. Ele pensará logo que não quero ficar atrás de Noellie. Como tudo fica complicado quando se está com o espírito preconcebido!

⁷ *Novo romance* — *Movimento francês, recente.*

Explicações embrulhadas de Diana. Ela jura sobre a cabeça dos filhos que não falou em se informar por minha conta. A própria Noellie deve ter formulado

a hipótese. Reconhece que confidenciou a uma amiga: "Sim, neste momento, eu me interesso por Noellie Guérard". Mas isso não era comprometedor para mim. Ela foi, certamente, inábil. Pedi-lhe que deixasse para lá. Pareceu ficar magoada.

SÁBADO 27 DE NOVEMBRO

Tenho que aprender a me controlar, a me policiar, mas está tão pouco em minha natureza! Eu era espontânea, transparente e serena, enquanto que hoje, tenho o coração cheio de ansiedade e rancor. Quando ele abriu uma revista, logo saindo da mesa, pensei: "Não faz isto em casa de Noellie" e foi mais forte do que eu: disse com violência: — Você não faria isto em casa de Noellie! Um relâmpago passou em seus olhos.

— Eu queria só dar uma olhada num artigo — disse com tom pausado. — Não fique brava por nada.

— Não é minha culpa: tudo me deixa brava.

Houve um silêncio. À mesa, eu lhe havia contado o meu dia e não encontrava mais nada para lhe dizer. Ele fez um esforço:

— Terminou as *Cartas* de Wilde?

— Não. Eu não fui adiante.

— Você disse que era interessante...

— Se soubesse que pouco me importa Wilde, e como tenho pouca vontade de lhe falar dele!

Fui pegar um disco na discoteca:

— Quer ouvir a cantata que você trouxe?

— De acordo.

Não escutei muito tempo. Soluções subiram-me à garganta: a música não passava de um *álibi*. Nós não tínhamos mais nada a nos dizer, obsecados pela mesma história da qual ele não queria falar. Perguntou-me com voz paciente: — Por que você chora?

— Porque você se aborrece em minha companhia. Porque não podemos mais nos falar. Você colocou barreiras entre nós.

— É você quem coloca. Não pára com a matraca.

Eu o exaspero cada dia mais. Não desejaria isto. E, apesar de tudo, uma parte de mim mesma o deseja. Quando parece alegre e descuidado, digo a mim mesma "É muito fácil!" E todo o pretexto é bom para tirar-lhe a tranqüilidade.

SEGUNDA-FEIRA 30 DE NOVEMBRO

Espantava-me por Maurice ainda não ter falado nos esportes de inverno. Voltando do cinema, ontem à noite, eu lhe perguntei onde ele desejaria ir este ano. Respondeu com ar evasivo que ainda não havia refletido a respeito. Farejei coisa suspeita. Eu começo a ter faro e, depois, não é difícil: há sempre coisas suspeitas. Insisti. Ele disse muito depressa, sem me olhar: — Iremos onde você quiser, mas devo preveni-la que conto passar, também, alguns dias em Courchevel com Noellie.

Espero sempre o pior e acontece sempre pior do que esperava.

— Quantos dias?

— Uns dez.

— E quanto tempo ficará comigo?

— Dez dias.

— Isto é demais! Você me toma a metade de minhas férias para dá-las a Noellie!

A cólera tirava-me as palavras. Consegui articular:

— Vocês decidiram isto juntos, sem me consultar?

— Não, eu ainda não falei com ela.

Eu disse:

— Pois bem! Continue! Não lhe fale.

Disseme com voz pausada: "Desejo passar esses dez dias com ela". Havia nessas palavras uma ameaça velada: "se me privar, nossa temporada na montanha será um inferno". Fiquei enojada ante a idéia de que ia ceder a essa chantagem. Basta de concessões! Não adianta nada e me desprezo. É necessário enca

rar os fatos de frente: não se trata de uma aventura. Reparte a vida em duas e eu não fico com a melhor parte. Basta. Daqui a pouco, lhe direi: "Ou ela ou eu".

TERÇA-FEIRA 1.º DE DEZEMBRO

Não me enganava: ele me manobrou. Antes de chegar a uma confissão completa, "fatigou-me" como se fatiga o touro. Confissão suspeita que, é ela própria, manobra. Devo acreditar? Não me ceguei durante oito anos. Disseme, em seguida que era falso. Ou foi naquele momento que mentiu? Onde está a verdade? Existe ela ainda?

Como o encolerizei! Fui assim tão insultuosa? Não nos lembramos bem das coisas quando se está no estado em que eu estava. Quis feri-lo, é certo.

Consegui, bem demais. |

Entretanto, comecei com muita calma: "Não quero uma partilha. É preciso escolher".

Teve o ar acabrunhado do tipo que se diz: "Eis-nos aqui! Isto devia acontecer! Como sair?" Usou sua voz mais cativante:

— Eu lhe imploro. Não me peça para romper com Noellie. Agora, não!

— Agora, sim. Essa história já durou bastante, eu a tolerei demasiado.

Olhei-o com desafio:

— Enfim, a quem quer mais? A ela ou a mim?

— A você, certamente, disse em tom neutro. E acrescentou: — Mas eu quero também a Noellie.

Vi tudo vermelho:

— Confesse então, a verdade! É a ela que você quer mais! Pois bem, vá encontrá-la! Vá embora daqui. Vá já. Pegue suas coisas e vá embora!

Tirei sua valise do armário, joguei de qualquer jeito roupas debaixo, arranquei cabides. Tomou-me pelo braço: "pare!" Prossegui. Queria que ele fosse embora, eu o queria verdadeiramente, era sincera. Sincera porque não acreditava nisso. Era como um terrível psicodrama onde se representa a verdade. É a verdade, mas representada. Gritei: — Vá se encontrar com essa vagabunda, essa intrigante, essa advogadazinha desonesta.

Ele me segurou pelos pulsos:

— Retire o que acaba de dizer.

— Não. É uma mulherzinha suja. Seduziu-o com lisonjas. Você a prefere por vaidade. Você sacrifica nosso amor à sua vaidade.

Ele me repetia: "Cale-se! Cale-se!" Mas eu continuava. Dizia a torto e a direito tudo que pensava de Noellie e dele também. Sim, eu me lembro vagamente. Eu disse que ele se deixara iludir como um tonto, que se tornara esnobe e arrivista, que não era mais o homem que eu amara, que outrora tivera um coração, devotava-se ao próximo. Agora estava seco, egoísta, só sua carreira o interessava.

— Quem é egoísta? — gritou.

E me arrancou a palavra. Era eu a egoísta, eu que não tinha hesitado em fazê-lo deixar o cargo de médico interno, que teria querido mantê-lo a vida inteira na mediocridade, para conservá-lo em casa, que sou invejosa de seu trabalho: uma castradora.. .

Gritei: havia deixado seu cargo de boa vontade. Ele me amava. Sim, mas não desejava casar-se tão depressa, eu sabia e, pela criança, poderíamos ter dado um

jeito.

— Pare! Nós fomos felizes, apaixonadamente felizes: você dizia que só vivia por nosso amor.

— Era verdade. Você não me deixou nenhuma outra coisa. Deveria ter pensado que um dia eu acharia falta. E quando desejei me evadir você fez tudo para impedir.

Não me lembro mais das palavras exatas mas o sentido da cena terrível, era esse. Eu era possessiva, imperiosa, usurpadora com minhas filhas, como com ele.

— Você empurrou Colette para um casamento cretino e foi para lhe escapar que Lucienne partiu.

Isto me pôs fora de mim, de novo gritei, chorei. A um dado momento, eu disse:

— Se você pensa tanto mal de mim, como pode ainda me amar?

Ele me atirou ao rosto:

— Mas eu não a amo. Há dez anos, depois dessas cenas, eu deixei de amá-la!

— Você mente! Mente para me fazer sofrer!

— É você quem mente. Pretende gostar da verdade: deixe-me dizer-lha.

Depois tomaremos as decisões.

Então, há oito anos não mais me ama e deitou com mulheres: com a pequena Pellerin durante dois anos, com uma cliente sul-americana que eu ignoro completamente, com uma enfermeira da clínica, enfim, *há dezoito meses* com Noellie. Urrei. Fiquei à beira de uma crise nervosa. Aí, ele me deu um calmante, sua voz mudou: — Escute, eu não penso tudo o que acabo de dizer, mas você é tão injusta que me torna injusto!

Enganou-me, sim, isto é verdade. Mas não cessou de me querer bem. Pedi-lhe que se fosse. Fiquei prostrada, tentando compreender a cena, separar o verdadeiro do falso. Uma lembrança me veio. Faz três anos, eu tinha chegado em casa sem que ele me visse. Ria ao telefone, aquele riso terno e cúmplice que eu tão bem conheço. Não entendi as palavras, somente a ternura cúmplice em sua voz. O solo desapareceu: estava numa outra vida na qual Maurice me enganaria e eu sofreria terrivelmente. Aproximei-me com ruído: — Para quem está telefonando?

— À minha enfermeira.

— Você lhe fala com demasiada confiança...

— Ah! É uma menina encantadora, eu a adoro — disse com naturalidade.

Reencontrei-me em minha vida, perto do homem que me amava. Aliás, se eu

o tivesse visto num leito com uma mulher, não teria acreditado em meus olhos. (E todavia, a lembrança está lá, intata, dolorosa.) Dormiu com essas mulheres, mas não me amaria mais? E o que há de verdadeiro em suas censuras? Sabe muito bem que quanto à sua carreira, decidimos juntos: antes desta manhã, ele nunca pretendia o contrário. Arquetou essas queixas para se desculpar por me ter enganado: será menos culpado se eu sou faltosa. Apesar de tudo, por que escolheu essas? Por que aquela frase atroz a propósito das meninas? Sou tão orgulhosa por ter cada qual se realizado conforme sua natureza. Colette, como eu, tinha a vocação do lar: em nome do quê eu a teria contrariado? Lucienne queria voar por suas próprias asas; não a impedi. Por que tanta raiva injusta da parte de Maurice? Tenho dor de cabeça e enxergo turvo.

Telefonei a Colette. Ela acaba de me deixar: meia-noite. Ela me fez bem, me fez mal, não sei mais onde está meu bem ou meu mal. Não, eu não fora autoritária, possessiva, intrometida. Assegurou-me, com efusão que eu fora a mãe ideal e que nos entendíamos perfeitamente, eu e seu pai. Para Lucienne como para muitas jovens, a vida de família era um peso, mas a culpa não era minha. (Lucienne tinha relações complicadas comigo porque adorava o pai, um Édipo clássico.) Irritou-se: — Acho revoltante da parte de papei dizer-lhe o que disse.

Tinha ciúmes de Maurice com Lucienne. É agressiva em relação ao pai, muito empenhada em vê-lo em falta. E muito desejosa, também, de me reconfortar. Lucienne com sua dureza aguda teria me informado melhor. Falei horas com Colette e não estou mais avançada.

Encontro-me num impasse. Se Maurice é um sujo, gastei minha vida a amá-lo. Mas talvez ele tivesse razões de não me suportar mais. Então, devo pensar que sou odiosa; desprezível, sem mesmo saber por quê. As duas hipóteses são atroz.

QUARTA-FEIRA 2 DE DEZEMBRO

Isabelle acha — em todo o caso, ela falou — que Maurice não pensa um quarto do que disse. Teve aventuras que não me confessou: isto é banal. Tinha me repetido que uma fidelidade de vinte anos é impossível para um homem. Evidentemente, Maurice teria feito melhor se me falasse, mas se sentiu ligado aos juramentos. Suas queixas contra mim, inventou-as de uma hora para outra: se tivesse casado comigo a contragosto, eu teria percebido e nós não teríamos sido tão felizes. Aconselha-me a passar a esponja. Obstina-se em pensar que

estou no bom caminho. Os homens escolhem sempre o mais fácil; é mais fácil com sua mulher do que se aventurar numa vida nova. Ela me fez marcar hora, por telefone, com uma de suas amigas que é ginecologista, conhece muito bem os problemas do casal, e que poderia me ajudar, pensa ela, a ver claro em minha história. Seja.

Maurice está cheio de agradinhos comigo, desde segunda--feira, como acontece cada vez que vai longe demais.

— Por que me deixou viver oito anos na mentira?

— Não queria causar-lhe pena.

— Deveria ter-me dito que não me amava mais.

— Mas não é verdade: disse isto zangado. Sempre quis muito a você. Quero-a.

— Não me pode querer se pensa a metade do que me disse. Acha, em verdade, que fui mãe possessiva?

Decididamente, de todas as maldades que me atirou em rosto, foi a que mais me revoltou.

— Possessiva, é exagero.

— Mas?

— Sempre lhe disse que acusava demais as filhas. Colette reagiu modelando-se, dócilmente, sobre você própria e Lucienne por um antagonismo que lhe foi, com frequência, penoso.

— Mas que, finalmente, ajudou-a a realizar-se. Está contente com sua sorte e Colette também: o que quer mais?

— Se estão verdadeiramente contentes...

Não insisti. Sua cabeça está cheia de idéias preconcebidas. Mas existem respostas que eu não teria forças de escutar. Não faço as perguntas.

SEXTA-FEIRA 4 DE DEZEMBRO

Lembranças implacáveis. Como conseguira afastá-las, neutralizá-las? Um certo olhar, há dez anos em Mykonos, quando me disse: "Compre um *maillot* de uma peça". Eu sei, eu sabia: um pouco de celulite sobre as coxas, a barriga já não muito chata... Mas eu pensava que ele não ligava. Quando Lucienne caçoava das gordas mães de biquínis, ele protestava: "E daí? quem se incomoda com isso? Envelhecer não é uma razão para privar o corpo de ar e sol". Eu tinha vontade de ar e sol, isto não incomodava ninguém. E apesar de tudo — talvez por causa das belas moças que freqüentavam a praia — ele me disse: "Compre

um *maillot* de uma peça". Aliás eu não o comprei.

Depois, houve aquela briga, no ano passado, na noite em que os Talbot vieram jantar com os Couturier. Talbot bancava o mestre, felicitava Maurice a propósito de um trabalho sobre a origem de certos vírus, e Maurice tinha o ar lisonjeado de um aluno que recebe o prêmio de excelência. Isso me aborreceu porque não gosto de Talbot. Tenho vontade de esbofeteá-lo quando diz de alguém: "É um valor!" Depois que saíram, disse rindo a Maurice: — Logo Talbot vai dizer de você: é um valor! Você tem sorte!

Irritou-se. Repreendeu-me com mais vivacidade que do costume, por não me incomodar com seus trabalhos e desprezar seus sucessos. Disse-me que não o interessava ser estimado em bloco se, jamais, no detalhe, eu sou tocada pelo que faz. Havia tanta acrimônia em sua voz que, súbito, meu sangue gelou: — Que hostilidade!

Pareceu confuso:

— Não diga bobagens!

Em seguida, ele me persuadiu que era uma disputa igual a muitas outras. Mas um frio de morte me tinha tocado.

Zelosa de seu trabalho: devo reconhecer que isto não é falso. Durante dez anos, fiz através de Maurice uma apaixonante experiência: a relação do médico com o doente. Eu participava e o aconselhava. Esse laço entre nós, tão importante para mim, ele resolveu quebrá-lo. Então, confesso que não pus boa vontade em assistir, passivamente, a seus progressos! Eles me deixavam fria, sim. É o ser humano que admiro nele, não o pesquisador. Mas castradora! A palavra é injusta. Somente, recusei fingir entusiasmos que não sentia: ele gostava de minha sinceridade. Não quero crer que ela feriu sua vaidade. Maurice não tem mesquinhas. Ou tem e Noellie sabe explorá-las? Idéia odiosa. Tudo se embrulha em minha cabeça. Acreditava saber quem eu era, quem era ele: e súbito, não reconheço nem a mim nem a ele.

DOMINGO 6 DE DEZEMBRO

Quando isso acontece aos outros, parece um acontecimento limitado, fácil de contornar, de ultrapassar. E fica-se absolutamente só, em uma experiência vertiginosa que a imaginação nem sequer pode vislumbrar.

Nas noites em que Maurice passa com Noellie, tenho medo de dormir e medo de não dormir. Esse leito vazio ao meu lado, essas cobertas lisas e frias... Não adianta tomar soníferos, eu sonho. Frequentemente, nos sonhos, eu desmaio

de tristeza. Fico lá, sob os olhos de Maurice, paralisada, tendo sobre o meu rosto toda a dor do mundo. Espero que ele se precipite para mim. Atira-me um olhar indiferente e se afasta. Acordei. Era ainda noite, eu sentia o peso das trevas, estava num corredor e o adentrava, ele se tornava cada vez mais estreito, eu quase não respirava, breve teria que me arrastar e ali ficaria incrustada até que expirasse. Urrei. E comecei a chamá-lo mais docemente, em lágrimas. Todas as noites eu o chamo: não ele, o outro, aquele que me amava. E me pergunto se não preferiria que estivesse morto. Eu me dizia: a morte é o único mal irreparável. Se ele me deixasse, eu sararia. A morte era horrível por ser possível, a ruptura suportável porque não a imaginava. Mas de fato, eu me digo, se ele estivesse morto, eu saberia ao menos quem perdi e quem eu sou. Não sei mais nada. Minha vida, atrás de mim, está toda destruída, como nesses terremotos em que a terra se devora a si própria: ela se esboroa, às nossas costas, à medida em que fugimos. Não há mais retorno. A casa desapareceu, e a vila e o vale todo. Mesmo que você sobreviva, nada mais resta, nem mesmo o lugar que ocupou sobre a terra.

Estou tão quebrada de manhã que, se a empregada não viesse às dez horas, eu ficaria na cama todos os dias — como faço aos domingos — até meio-dia passado, ou talvez, quando Maurice não vem para o almoço, o dia inteiro. Mme Dormoy sente que qualquer coisa não vai bem. Levando a bandeja do desjejum, ela me diz, repreensiva: — A senhora não comeu nada!

Ela insiste e, às vezes, engulo uma torrada, para ter paz. Mas os pedaços não passam.

Por que não mais me ama? É necessário saber por que me amou. Não se faz a pergunta. Mesmo que não se seja nem orgulhosa, nem narcisista, é tão extraordinário ser a gente, justamente a gente, é tão único, que parece natural ser-se único também, para outrem. Ele me amou, é tudo. E para sempre, pois que seria sempre eu. (E eu me espantei, em se tratando de outras mulheres, dessa cegueira. Curioso que não se possa compreender a própria história, senão se auxiliando com a experiência dos outros — que não é a minha, que não me ajuda.) Fantasmas idiotas. O filme visto quando eu era pequena. A esposa ia encontrar-se com a amante do marido: "Para você ele só é um capricho. Eu o amo!" E a amante, comovida, enviava-a em seu lugar, ao encontro noturno. Na obscuridade, seu marido tomava-a pela outra e de manhã, todo confuso, ele lhe voltava. Era um velho filme mudo, que o Studio apresentava com intenção irônica, mas que me havia tocado. Revejo o longo vestido da mulher, seus bandos.

Falar a Noellie? Mas para ela não é um capricho. É um empreendimento. Ela me dirá que o ama e certamente ela preza tudo o que ele pode dar a uma mulher, hoje. Eu o amei quando tinha vinte e três anos, um futuro incerto, dificuldades. Amei-o sem garantias. Renunciei eu própria a uma carreira. Não me arrependo de nada, aliás.

SEGUNDA-FEIRA 7 DE DEZEMBRO

Colette, Diana, Isabelle... e eu que não gostava de confidencia! E esta tarde, Marie Lambert. Ela tem grande experiência. Gostaria tanto que pudesse me esclarecer.

O que ressalta de nossa conversa demorada é quanto eu própria compreendo mal minha história. Sei tudo de meu passado, de cor e, súbito, não sei mais nada. Ela me pediu um breve resumo escrito. Tentemos.

Pensava não haver mais bela profissão que a do médico, tal como era exercida por meu pai em seu consultório de Bagnolet. Mas durante meu primeiro ano de estudo, fiquei transtornada, repugnada, esgotada pelo horror cotidiano. Desanimei muitas vezes. Maurice era externo e o que li em seu rosto me emocionou. Nós havíamos tido, um e outro, apenas breves aventuras e nos amamos. Foi o amor louco, o amor sábio: o amor. Foi cruelmente injusto quando disse outro dia que eu o havia desviado do posto de interno: até então, ele tinha sempre tomado a inteira responsabilidade de sua decisão. Estava cansado de ser estudante. Desejava uma vida de adulto, um lar. O pacto de fidelidade que nós firmamos impunha-se-lhe mais que a mim, pois que o segundo casamento de sua mãe tinha-lhe deixado o horror doentio das separações e das rupturas. Nós nos casamos no verão de 44 e o começo de nossa felicidade coincidiu com a alegria inebriante da Libertação. Maurice sentia-se atraído pela medicina social. Encontrou uma situação na Simca. Era menos absorvente que ser médico de bairro e ele gostava de sua clientela de operários.

Maurice decepcionou-se com o após-guerra. Seu trabalho na Simca principiou a aborrecê-lo. Couturier que havia sido bem sucedido, persuadiu-o a entrar com ele na policlínica de Talbot, a trabalhar em sua equipe e especializar-se. Sem dúvida — Marie Lambert me fez sentir — lutei violentamente demais contra sua decisão durante dez anos. Sem dúvida, mostrei-lhe demasiadamente que nunca me resignara do fundo do coração. Mas não era razão suficiente para que deixasse de me amar. Que relação existe ao certo entre sua mudança de vida e a mudança de seus sentimentos? Perguntou-me se fazia com freqüência

censuras e críticas. Oh! Nós brigávamos, tínhamos os dois o sangue quente. Mas nunca foi muito grave, para mim, pelo menos.

Nossa vida sexual? Não sei em que momento ela perdeu seu calor. Qual dos dois se cansou primeiro? Aconteceu-me ficar aborrecida com sua indiferença. Daí meu flerte com Quillan. Mas talvez minha frieza o tenha decepcionado? Parece--me que é secundário. Isto explicará que tenha deitado com outras mulheres, mas não que se tenha desprendido de mim, nem que tenha gamado por Noellie. Por que ela? Se ao menos ela fosse realmente bela, realmente jovem ou extraordinariamente inteligente, eu compreenderia. Sofreria mas compreenderia. Ela tem trinta e oito anos, é agradável e nada mais e muito superficial. Então, por quê? Disse a Marie Lambert: — Estou certa de que valho mais do que ela.

Ela sorriu:

— A questão não é essa.

Qual é a questão? Salvo a novidade e um bonito corpo, o que pode Noellie dar a Maurice que eu não lhe dê? Ela disse:

— Não se compreende nunca o amor dos outros.

Mas tenho uma convicção que não sei bem exprimir. Comigo, Maurice tem relação em profundidade, que engaja o que há de essencial nele e é indestrutível. Está ligado a Noellie por sentimentos os mais exteriores: cada um deles poderia amar um outro. Maurice e eu estamos soldados. A falha está em que minha relação com Maurice não é indestrutível pois que ele a destruiu. Ou era? Não experimenta por Noellie uma atração que toma jeito de paixão mas que vai se dissipar? Ah! Estas lascas de esperança que de tempos em tempos me atravessam o coração, mais dolorosas que o próprio desespero!

Existem outras indagações que me verrumam a cabeça e às quais ele, verdadeiramente, não respondeu: Por que falou comigo agora, não antes? Deveria ter-me prevenido. Eu também teria tido algumas histórias. E teria trabalhado. Há oito anos, teria tido coragem de fazer alguma coisa, não haveria este vazio em torno de mim. O que mais chocou Marie Lambert foi o fato de Maurice, por seu silêncio, ter-me recusado a possibilidade de afrontar, armada, uma ruptura. Desde que duvidou de seus sentimentos, deveria ter-me forçado a construir uma vida independente. Ela supõe, e eu também, que Maurice se calou para dar às filhas um lar feliz. Quando, depois de suas primeiras confidencias, eu me felicitava pela ausência de Lucienne, estava enganada: não se tratava de um acaso. Mas então, é monstruoso: escolheu para me abandonar, o momento em que eu não tinha mais minhas filhas.

É impossível admitir que haja empenhado toda minha vida no amor de um

homem tão egoísta. Certamente, sou injusta! Aliás, Marie Lambert me disse: "Seria necessário conhecer o ponto de vista dele. Não se compreende nada dessas histórias de ruptura, contadas pela mulher. É o "mistério masculino" muito mais impenetrável que o "mistério feminino". Sugeri--lhe falar com Maurice, recusou; eu teria menos confiança nela se ela o conhecesse. Ela estava muito amiga, mas apesar de tudo, com reticências, hesitações... Decididamente, a pessoa que me seria mais útil é Lucienne com seu agudo senso crítico. Viveu todos esses anos, numa semi-hostilidade a meu respeito que lhe permitiria me esclarecer. Mas, em cartas, só me diria banalidades.

QUINTA-FEIRA 10 DE DEZEMBRO

Indo à casa de Couturier que mora não muito longe de Noellie, imaginei ter visto o carro. Não. Mas cada vez que olho uma DS verde escura com capota cinza, tendo no interior um estofamento verde e vermelho, parece-me ser aquele que nós chamávamos, nosso carro, que é agora seu carro, posto que nossas vidas não se confundem mais. Angustio-me. Antes, eu sabia exatamente onde ele estava, o que fazia. Agora, pode estar em qualquer lugar: por exemplo ali, onde vejo aquele carro.

Era incongruente ir ver Couturier, e ele pareceu muito embaraçado quando, ao telefone, anunciei minha visita. Mas eu quero compreender.

— Sei que você é antes de mais nada, o amigo de Maurice — disse-lhe, ao chegar. — Não venho pedir informações, mas somente o ponto de vista de um homem sobre a situação.

Distendeu-se. Mas não me disse nada. O homem, mais que a mulher, tem necessidade de mudanças. Uma fidelidade de quatorze anos já é muito rara. É normal mentir. Não se quer causar desgostos. E quando se está com raiva diz-se coisas que não se pensa. Certamente, Maurice me ama, ainda: pode-se amar duas pessoas de maneiras diferentes.. .

Todos eles explicam o que é normal, quer dizer o que acontece aos outros. E eu devo utilizar esta chave universal! Como se Maurice e eu não estivéssemos em jogo e o que há de único em nosso amor.

Como estou por baixo! Tive esperanças lendo em um hebdomadário que no plano amoroso o Sagitário, esta semana, teria um importante sucesso. Em contrapartida, entristeci-me, lendo em casa de Diana um livrinho de astrologia: parece que o Sagitário e o Carneiro não são, em absoluto, feitos um para o outro. Perguntei a Diana se conhecia o signo de Noellie. Não. Ela se aborreceu comigo

depois de nossa desagradável explicação e ficou muito contente em me dizer que Noellie lhe havia falado mais de Maurice. Não renunciará jamais a ele nem ele a ela. Eu sou uma ótima pessoa (ela gosta desta fórmula) mas não aprecio Maurice em seu justo valor. Custei a conter-me quando Diana me repetiu esta frase. Maurice se teria queixado de mim a Noellie? "Você ao menos se interessa por minha carreira." Não. Ele não lhe disse isto, não quero crer. "Seu justo valor.. ." o de Maurice não se reduz a um sucesso social, ele próprio sabe disso. É qualquer coisa que o toca nas pessoas. Ou me engano? Tem um lado mundano e frívolo que desabrocha junto de Noellie? Forcei o riso e depois disse que eu queria compreender o que os homens vêem em Noellie. Diana me deu uma idéia: mandar analisar nossas três caligrafias. Indicou-me um endereço, e confiou-me uma carta — sem importância — de Noellie. Fui buscar uma das mais recentes cartas de Maurice, escrevi ao grafólogo um bilhete onde lhe peço resposta pronta e fui levar tudo, entregando à sua zeladora.

SÁBADO 12

Estou confundida com as análises do grafólogo. A letra mais interessante, segundo ele, é a de Maurice: grande inteligência, cultura extensa, capacidade de trabalho, tenacidade, sensibilidade profunda, mistura de orgulho e insegurança, superficialmente muito aberto mas no fundo bastante secreto (resumo). Em mim, encontra muitas qualidades: equilíbrio, alegria, franqueza, um vivo interesse pelo outro. Notou também, uma espécie de avidez afetiva, fazendo-me correr o risco de pesar muito às pessoas de minha roda. Isto concorda com as reprimendas de Maurice: por eu ser usurpadora, possessiva. Sei bem que existe essa tendência em mim, mas combati-a tão energicamente! Fiz um tal esforço para deixar livres Colette e Lucienne, não acabrunhá-las com perguntas, respeitar seus segredos.

Em relação a Maurice, com tanta freqüência reprimi minha solicitude, contive meus impulsos, evitei entrar em seu escritório malgrado minha vontade ou chocá-lo com os olhos quando lia, ao meu lado! Queria ser para ele, ao mesmo tempo, presente e leve. Falhei? A grafologia revela as tendências mais que as condutas. E Maurice me atacou por cólera. Seu veredicto me deixa incerta. De qualquer modo, mesmo que eu seja um pouco excessiva, muito demonstrativa, demasiado atenta, numa palavra: um pouco embaraçosa, isso não é razão suficiente para que Maurice prefira Noellie.

Quanto a ela, seu retrato, se é mais contrastante que o meu e comporta mais defeitos, me parece, apesar de tudo, mais lisonjeiro. Ela é ambiciosa, gosta de

aparecer mas tem uma sensibilidade nuançada, muita energia, generosidade e uma inteligência muito viva. Eu não pretendo ser alguém extraordinário, mas Noellie é tão superficial que não me pode ser superior nem pela inteligência. Será necessário que eu mande fazer uma contraperitagem. De todo jeito, a grafologia não é uma ciência exata.

Eu me atormento. Como as pessoas me vêem? Em toda objetividade, que sou? Serei menos inteligente do que imagino? É o gênero de pergunta que é inútil fazer. Ninguém ousará dizer que sou uma boba. E como saber? Todo o mundo se acha inteligente, mesmo as pessoas que julgo estúpidas. É por isso que a mulher é sempre mais sensível aos louvores feitos ao seu físico que aos concernentes ao seu espírito. Para o último, ela conta com as evidências íntimas que todos têm e, por conseguinte, não provam nada. Para conhecer suas limitações, seria necessário poder ultrapassá-las: é como saltar por cima de sua sombra. Compreendo sempre o que me dizem e o que leio. Mas talvez eu compreenda demasiado súbito, por falta de saber apreender as riquezas e as dificuldades de um pensamento. São *a?* minhas deficiências que me impedem de ver a superioridade de Noellie?

SÁBADO À TARDE

Será a sorte prometida esta semana ao Sagitário? Ao telefone, Diana forneceu-me uma notícia que poderá ter importância decisiva: Noellie dormiria com o editor Jacques Vallin. Foi Mme Vallin, ela própria, que contou a uma amiga de Diana. Descobriu cartas e odeia Noellie. Como fazer com que Maurice saiba? Ele está tão certo do amor de Noellie que cairia das nuvens. Mas não acreditaria em mim. Preciso ter provas. Não posso, apesar de tudo, ir procurar Mme Vallin que não conheço, e lhe pedir as cartas. Vallin é extremamente rico. Entre ele e Maurice, é ele que Noellie escolheria se consentisse em se divorciar. Que intrigante! Creio que eu sofreria menos se pudesse estimar Noellie. (Eu sei. Uma outra mulher poderá estar dizendo a propósito de sua rival: se ao menos eu pudesse desprezá-la, acho que sofreria menos. Aliás, eu própria pensei: prezo-a muito pouco, para sofrer.. .)

DOMINGO 13

Mostrei a Isabelle a resposta do grafólogo. Ela não se convenceu. Não acredita na grafologia. Mostrei-lhe que, todavia, a afeição indicada na

análise está de acordo com as queixas de Maurice, do outro dia. E sei que, efetivamente, eu espero demasiado das pessoas: talvez lhes peça muito.

— Evidentemente, como você vive para os outros, vive também por eles — disseme. — Mas o amor, a amizade, é isso: uma espécie de simbiose.

— Mas, para alguém que recusaria a simbiose, seria pesada?

— Nós pesamos para as pessoas que não nos querem quando as queremos, é uma questão de situação, não de caráter.

Pedi-lhe para fazer um esforço, dizer como me via, o que pensava de mim. Sorriu:

— Em verdade, eu não a vejo. Você é minha amiga, está aí.

Sustentou que, quando nada está em jogo, ou a gente se agrada ou não se agrada das pessoas, mas não se forma uma idéia sobre elas. Ela se agrada de mim, eis tudo.

— Será que, francamente, com bastante franqueza, você me acha inteligente?

— Claro. Menos quando você me faz esta pergunta. Só nós somos duas pontas, cada uma acha a outra inteligente: o que isto prova?

Repetiu-me que, em toda essa história, minhas qualidades e meus defeitos não entravam em questão: é a novidade que atrai Maurice. Dezoito meses é ainda novidade.

SEGUNDA 14

A pavorosa descida ao fundo da tristeza! Pelo fato de estarmos tristes, não temos nenhum desejo de fazer algo alegre. Ao acordar, não ouço mais discos. Nunca mais ouvi música, não vou ao cinema, não compro para mim alguma coisa agradável. Levantei-me quando ouvi chegar Mme Dormoy. Bebi meu chá, engoli uma torrada, para lhe dar prazer. E encaro esse dia que ainda tenho de viver. E me digo...

Tocaram. Um entregador me pôs nos braços um grande buquê de lilases e rosas, com uma palavrinha: "Feliz aniversário — Maurice". Assim que a porta foi fechada caí no choro. Eu me defendo pela agitação, por negros projetos, pelo ódio: e essas flores, essa lembrança de perdidas doçuras, irremediavelmente perdidas, abatiam todas as minhas defesas.

Lá pela uma hora, a chave virou na fechadura e senti em minha boca esse gosto terrível, o gosto do medo. (Exatamente, o mesmo que sentia quanto ia ver na clínica, meu pai agonizante.) Essa presença familiar tal a minha própria imagem, minha razão de viver, minha alegria, é agora um estrangeiro, um juiz,

um inimigo. Meu coração bate de pavor quando ele empurra a porta. Veio em meu encaço muito rápido, sorriu-me tomando-me em seus braços: — Feliz aniversário, minha querida!

Chorei em seu ombro com doçura. Acariciava meus cabelos:

— Não chore. Eu não quero vê-la triste. Quero-a tanto!

— Você me disse que há oito anos não me ama mais.

— Mas não! Disse depois que não era verdade. Eu gosto de você.

— Mas.. . não é amor de amor?

— Existem tantas espécies de amor.. .

Nós nos sentamos e conversamos. Eu lhe falava como a Isabelle ou Marie Lambert, com confiança, amizade, desprendimento: como se não se tratasse de nossa própria história. Era um problema que discutíamos imparcialmente, gratuitamente, como discutíamos tantos outros. Espantei-me de novo com seu silêncio de oito anos. Ele me repetiu: — Você me dizia que morreria de tristeza...

— Você me obrigava a dizer.. . a idéia de uma infidelidade parecia angustiá-lo tanto...

— Ela me angustiava. Foi por isso que me calei: para que tudo acontecesse como se eu não a enganasse... Era uma espécie de mágica. E também, evidentemente, eu tinha vergonha.. .

Disse que desejaria, sobretudo, saber por que este ano ele me havia contado. Admitiu que foi em parte pelas exigências de suas relações com Noellie, mas também — disse — pensava que eu tinha direito à verdade.

— Mas você não disse a verdade.

— Por vergonha de lhe haver mentido.

Envolvia-me com aquele olhar sombrio e quente que parece abrir para mim as profundezas de seu coração, todo entregue, semelhando inocente e terno como outrora.

— Seu maior erro foi me deixar dormindo, confiante... Eis-me aos quarenta e quatro anos, as mãos vazias, sem profissão, sem outro interesse na vida que você. Se me tivesse prevenido há oito anos, ter-me-ia criado uma existência independente e aceitaria a situação mais facilmente.

— Mas, Monique! — disse com ar estupefato. — Insisti tanto, há sete anos, para que aceitasse aquele cargo no secretariado da *Revue médicale*. Era no seu gênero e poderia chegar a ocupar um posto interessante: você não quis!

Tinha quase esquecido aquela proposta, tanto me parecera inoportuna:

— Não via o interesse de passar o dia longe de casa e das crianças por cem mil francos por mês.

— Foi o que me respondeu. Eu insisti muito.

— Se me tivesse dado as suas razões, dito que eu já não era mais tudo em sua vida e que eu devia também ter outros interesses, eu teria aceito.

— Propus-lhe, de novo, trabalho em Mougins. Você recusou novamente!

— Naquela ocasião, seu amor me bastava.

— É ainda tempo. Eu lhe arranjarei, com facilidade, uma ocupação.

— Acha que isso me consolaria? Há oito anos, teria me parecido menos absurdo: teria mais chance de êxito. Mas agora!

Ficamos repisando muito o assunto. Sinto bem que aliviaria sua consciência se me oferecesse algo a fazer. Não tenho nenhuma vontade de aliviá-lo.

Voltei à nossa conversa de 1.º de dezembro. Julgava-me de verdade, egoísta, envolvente, imperiosa?

— Mesmo com raiva, não inventou tanta coisa, inteiramente?

Ele hesitou, sorriu e explicou: eu tenho os defeitos de minhas qualidades. Estou sempre presente, vigilante, e isto é precioso, mas às vezes, quando se está de mau humor, torna-se cansativo. Sou tão fiel ao passado que o mínimo esquecimento parece um crime, e que as pessoas se sentem culpadas quando mudam de gosto ou de opinião. Seja. Mas tem ele prevenções contra mim? Há dez anos, eu sei bem, tivemos muitas disputas. Mas tudo acabou bem porque fez o que desejava e que ao fim eu lhe dei razão. E no que tange ao nosso casamento, ele acredita que eu forcei a mão? Nada disto: nós decidimos, juntos...

— Você me censurou outro dia por não me interessar pelo seu trabalho?

— Eu o lastimo um pouco, é verdade. Mas acharia mais lastimável ainda se você se interessasse, apenas, para me agradar.

Sua voz era tão encorajadora que ousei fazer a pergunta mais angustiante:

— Por Colette e Lucienne, você me quer mal? Elas o decepcionaram e você me responsabiliza?

— Com que direito eu estaria decepcionado e com que direito eu a responsabilizaria?

— Então, por que me falou com tanta raiva?

— Ah! A situação não é fácil para mim, também, eu me irrito comigo mesmo e isto se volta, injustamente, para seu lado.

— Apesar de tudo, você não me ama como outrora. Quer--me, ainda, mas não é mais o amor de nossos vinte anos.

— Para você também não é mais o amor dos vinte anos. Aos vinte anos, eu amava o amor ao mesmo tempo que a amava. Todo esse lado exaltado que tinha eu o perdi. É isto que mudou.

Era bom falar com ele, amigavelmente, como outrora. As dificuldades diminuía, os problemas se dissipavam em fumaça, os acontecimentos fundiam, o verdadeiro e o falso naufragavam numa cintilação de nuances indistintas. No fundo, nada acontecera. Acabaria por imaginar que Noellie não existia... Ilusão, prestidigitação. De tato, este bate-papo não mudou nada de nada. Demos outros nomes às coisas: elas não mudaram. Não fiquei sabendo nada. O passado prossegue obscuro, o futuro incerto.

TERÇA-FEIRA 15

Ontem à noite eu quis retomar a decepcionante conversa da tarde. Mas Maurice teve trabalho depois do jantar e, quando terminou, quis se deitar.

— Nós falamos bastante esta tarde. Não há nada a acrescentar. Eu me levanto cedo amanhã.

— De fato, nós não dissemos nada. Tomou um ar resignado:

— Que quer que eu lhe diga a mais?

— Pois bem! existe alguma coisa que eu desejava saber: como vê nosso futuro?

Calou-se. Tinha-o encostado à parede.

— Não quero perdê-la. Não quero também renunciar a Noellie. Para o resto, nada sei.

— Ela se acostuma a essa vida dupla?

— É obrigada a isto.

— Sim, como eu. Quando penso que você ousou dizer no *Club 46* que nada havia mudado em nossa vida!

— Não disse isto.

— Nós dançávamos e você disse: nada está mudado! E eu acreditei!

— Foi você, Monique, quem me disse: o essencial é que não há nada mudado entre nós. Eu não disse o contrário. Calei-me. Era impossível, naquele momento, chegar ao fundo das coisas.

— Você disse. Eu me lembro perfeitamente.

— Você tinha bebido muito, sabe. Você reconstruiu...

Deixei pra lá. Que importava? O que importa é que não quer renunciar a Noellie. Eu sei e não consigo acreditar. Bruscamente, anunciei-lhe que decidira não ir aos esportes de inverno. Refleti bastante e estou contente por ter tomado essa decisão. Outrora, gostava tanto da montanha, com ele! Revê-la nas atuais condições seria um suplício. Seria insuportável ir lá com ele a primeira e partir

vencida, tocada pela outra e lhe cedendo lugar. Não me seria menos odioso suceder a Noellie, sabendo que Maurice tinha saudades, que comparava sua silhueta à minha, seus risos à minha tristeza. Acumularia minhas inabilidades e ele teria ainda mais vontade de desembaraçar-se de mim.

— Passe com ela os dez dias que lhe prometeu e volte — disse-lhe.

É a primeira vez nesta história que eu tomo a iniciativa e ele pareceu desconcertado.

— Mas, Monique, tenho vontade de levá-la comigo. Passamos tão belos dias na neve!

— Justamente...

— Não esquiará este inverno?

— Você sabe, os prazeres do esqui não pesam muito nesta hora.

Passou-me pito, insistiu, tinha o ar desolado. Está habituado à minha tristeza cotidiana, mas causava-lhe remorsos que eu me privasse do esqui. (Sou injusta: ele não se habitua. Tem a consciência pesada, toma soníferos para dormir, tem uma cara de desterrado. Não me comovo e mesmo lhe tenho raiva. Se me tortura com conhecimento de causa, torturando-se a si próprio, é que quer Noellie de modo sujo.) Discutimos durante muito tempo. Não cedi. Ao fim, tinha o ar tão esgotado — os traços vincados, olheiras — que o mandei deitar. Caiu no sono como em um porto de paz.

QUARTA 16

Olho as gotas de água deslizarem sobre a vidraça que a chuva fustigava, agora há pouco. Elas não caem verticalmente. Dir-se-ia animaizinhos que, por razões misteriosas obliquavam à direita, à esquerda, se esgueiravam entre as outras gotas imóveis, se detinham, tornavam a partir como se buscassem alguma coisa. Parece-me não ter nada a fazer. Tinha sempre coisas para fazer. Agora, tricotar, cozinhar, ler, ouvir disco, tudo me parece vão. O amor de Maurice dava importância a cada minuto de minha vida. Ela está vazia. Tudo é vazio: os objetos, os instantes e eu.

Perguntei outro dia a Marie Lambert se ela me achava inteligente. Seu olhar claro fixou-se no meu:

— Você é muito inteligente... Eu disse:

— Existe um *mas*. . .

— A inteligência se atrofia quando não a nutrimos. Deveria deixar seu marido procurar-lhe um trabalho.

- O gênero de trabalho de que sou capaz não me traria nada.
- Isto não é absolutamente certo.

A NOITE

Tive esta manhã uma iluminação: tudo é culpa minha. Meu erro mais grave foi não compreender que *o tempo passa*. Ele passava e eu estava estática na atitude de ideal esposa de um marido ideal. Em lugar de reanimar nossa vida sexual, eu me fascinava nas lembranças de nossas antigas noites. Eu imaginava ter guardado meu rosto e meu corpo de trinta anos, em lugar de me cuidar, de fazer ginástica, de freqüentar um instituto de beleza. Deixei minha inteligência atrofiar-se: eu não me cultivava mais, e me dizia: mais tarde, quando as pequenas me tiverem deixado. (Decerto, a morte de meu pai não foi estranha a esse estado de negligência. Qualquer coisa se quebrou. Parei o tempo a partir daquele momento.) Sim, a jovem estudante que Maurice desposou, que se apaixonava pelos acontecimentos, pelas idéias, pelos livros, era bem diferente da mulher de hoje cujo universo fica entre estes quatro muros. É verdade que eu tinha tendência em aqui encerrar Maurice. Acreditava que seu lar lhe bastava, acreditava tê-lo inteiramente para mim. No conjunto, eu tomava tudo como se tudo me fosse concedido. Isto deve tê-lo agastado, ele que muda e que põe as coisas à prova. O agastamento não perdoa. Não deveria também ter-me obstinado em nosso pacto de fidelidade. Se tivesse devolvido a Maurice sua liberdade — e talvez usado da minha — Noellie não teria beneficiado dos prestígios da clandestinidade. Depressa, eu a teria enfrentado. É ainda tempo? Disse a Marie Lambert que iria ter explicações sobre tudo isso com Maurice e tomar medidas. Já comecei a ler um pouco, a ouvir discos. Farei esforços para perder alguns quilos e melhor me vestir, conversar mais livremente com Maurice, recusar o silêncio. Ela me ouviu sem entusiasmo. Queria saber quem, se Maurice ou eu foi responsável pela minha primeira gravidez. Os dois. Enfim, eu, na medida em que confiei muito no calendário, mas não foi minha culpa se ele me traiu. Insisti por conservar a criança? Não. Para não conservá-la? Não. A decisão se impôs por si própria. Ela pareceu cética. Sua idéia é que Maurice nutre a meu respeito uma raiva muito séria. Opus-lhe o argumento de Isabelle: o começo de nosso casamento não teria sido tão feliz se ele não o tivesse desejado tanto. Acho a sua resposta bem sofisticada: para não reconhecer suas tristezas, Maurice jogou no amor, ele quis a felicidade com frenesi; uma vez esta passada, reencontrou a raiva que tinha recalcado. Ela própria sente que sua explicação é

fraca. Suas velhas prevenções não teriam tido bastante virulência para afastá-lo de mim sem que houvesse novidades. Afirmar que não havia nenhuma.

Para dizer a verdade, Marie Lambert me irrita um pouco. Todos me irritam porque tomam o ar de saber coisas que ignoro. Seja que Maurice ou Noellie façam circular suas versões sobre os acontecimentos. Seja que eles tenham experiências desse gênero de histórias e me apliquem seus esquemas. Seja que me vejam de fora, de maneira que eu não consiga me ver e que as coisas se tornem claras. Cuidam delicadamente de mim e sinto reticências quando lhes falo. Marie Lambert me aprovou por haver renunciado aos esportes de inverno: mas na medida em que eu me evite sofrimentos. Não pensa que as disposições de Maurice mudaram.

Disse a Maurice que compreendia meus erros. Fez que eu parasse com um desses gestos de enfado com os quais já começo a me habituar.

— Você não tem nada a se censurar. Não voltemos ao passado a todo instante!

— E que tenho eu a mais? Esse pesado silêncio!

Não tenho mais nada senão meu passado. Mas ele não é mais nem felicidade nem orgulho: é um enigma, uma angústia. Queria arrancar sua verdade. Mas pode-se fiar na própria memória? Eu esqueci muito, e parece que às vezes, mesmo, eu deermo os fatos. (Quem disse: "nada mudou"? Maurice ou eu? Neste diário eu escrevi que era ele. Decerto porque desejava acreditar.. .) Foi um pouco por hostilidade que contradisse Marie Lambert. Mais de uma vez, senti a raiva de Maurice. Ele a negou no dia de meus anos. Mas existem palavras, reflexões que repercutem ainda em mim. Não quis lhes dar importância e, entretanto, ainda me lembro. Quando Colette decidiu fazer esse casamento "idiota", é claro que se irritando contra ela, indiretamente ele me atacava. Responsabilizava-me por seu sentimentalismo, seu desejo de segurança, sua timidez, sua passividade. Mas sobretudo, a partida de Lucienne foi para ele um golpe. "Foi para escapar-lhe que Lucienne partiu." Sei que ele o pensa. Em que medida é verdade? Será que com mãe diferente — menos ansiosa, menos presente — Lucienne teria suportado a vida de família? Parecia-me entretanto que tudo ia melhor entre nós no último ano, que ela estava menos crispada. Por que ia partir? Eu não sei mais. Se falhei na educação de minhas filhas, toda a minha vida não passa de um fracasso. Não posso crer. Mas que vertigem, quando a dúvida me toca!

Será por piedade que Maurice fica comigo? Então, deveria dizer-lhe que fosse embora. Não tenho coração para isso. Se fica, talvez Noellie se

desencoraje, ela ficará com Vallin ou com qualquer outro. Ou ele retomará consciência do que fomos um para o outro.

O que me extenua é a alternância de suas gentilezas e de suas melancolias. Eu não sei nunca quem abre a porta. Como se ele tivesse horror de me ter feito mal, mas medo de me ter dado muita esperança. Deverei atirar-me no desespero? Então ele esquecerá completamente quem eu fui e por que me amou.

QUINTA-FEIRA 17

Marguerite fugiu de novo e não se consegue pôr a mão nela. Ela fugiu com aquela moça que é uma verdadeira vagabunda. Vai prostituir-se, roubar. É doloroso. Mas não estou triste. Nada me atinge mais.

SEXTA-FEIRA 18

De novo eu os vi ontem à noite. Circulavam em redor do *Ano 2 000*, aonde vão com freqüência. Desceram do conversível de Noellie. Ele lhe tomou o braço, riam. Em casa, mesmo nos momentos amáveis, ele tem sempre um rosto severo, seus sorrisos são forçados. "A situação não é fácil.. ." Junto de mim, ele não a esquece um instante. Com ela, sim. Ria distendido, despreocupado. Eu quis fazer mal a ela. Sei que é uma coisa de fêmea e injusta. Ela não me deve nada. Mas é assim.

As pessoas são covardes. Pedi a Diana que me fizesse encontrar a amiga a quem Mme Vallin falou de Noellie. Teve o ar constrangido. A amiga não está mais tão segura do fato. Vallin dorme com uma jovem advogada de muita reputação. Mme Vallin não disse seu nome. Pode-se supor que seja Noellie que advogou muitas vezes para a casa. Mas pode ser uma outra... O outro dia, Diana foi categórica. Ou é a amiga que teme histórias, ou é Diana que tem medo que eu a faça. Jurou-me que não. Ela só quer me ajudar! Sem dúvida. Mas todos têm idéias próprias sobre a melhor maneira de me ajudar.

DOMINGO 20

Cada vez que vejo Colette, eu a encho de perguntas. Ontem ela estava com lágrimas nos olhos.

— Eu nunca achei que você nos mimasse muito. Agradava-me ser mimada...

O que Lucienne pensava de você o ano passado? Nós não éramos muito íntimas, a mim também ela julgava. . . Achava-nos demasiado sentimentais, bancava a pequena durona. Aliás o que importa o que ela pensasse? Não se trata de um oráculo!

Claro, Colette nunca se sentiu constrangida pois que se conformava espontaneamente ao que eu esperava dela. E, evidentemente, não pode pensar que seja lastimável ser tal qual é. Perguntei-lhe se não se aborrecia muito. (Jean-Pierre é um ótimo sujeito, mas meio chato.) Não, ela acha até que não tem mãos a medir. É menos simples do que pensava ser dona de casa. Não tem mais tempo de ler nem de ouvir música. "Trate de arranjar" — disse-lhe — "caso contrário, acaba-se emburrecendo." Declarei que falava com conhecimento de causa. Ela riu: se eu sou burra, ela quer ser também. Ama-me ternamente. Isto ao menos não me podem tirar. Mas eu a esmaguei? Certamente, eu sonhava para ela uma outra existência: mais ativa, mais rica. A minha, na sua idade, ao lado de Maurice, era infinitamente mais. Será que se estiolou ao viver à minha sombra?

Como gostaria de me ver com outros olhos que não os meus! Mostrei as três cartas a uma amiga de Colette que faz um pouco de grafologia. A letra de Maurice, sobretudo, a interessou. Falou bem de mim, menos bem de Noellie. Mas os resultados eram falseados porque, certamente, compreendeu o sentido dessa consulta.

DOMINGO À NOITE

Tive uma feliz surpresa agora há pouco. Maurice me disse: "Bem entendido: passaremos juntos o *réveillon*". Penso que me oferece uma compensação pelos esportes de inverno aos quais renunciei. Pouco importa a razão. Decidi não estragar meu prazer.

27 DE DEZEMBRO — DOMINGO

Foi antes o prazer que me estragou. Espero que Maurice não tenha percebido. Tinha reservado mesa no *Club 46*. Ceia suntuosa, atrações excelentes. Gastava seu dinheiro e gentilezas. Eu tinha um bonito vestido novo, sorria, mas estava num intolerável estado de angústia. Todos esses casais.. . Bem vestidas, ornadas, penteadas, maquiladas, as mulheres riam mostrando dentes cuidados por ótimos dentistas. Os homens acendiam seus cigarros, serviam-lhes champanha, trocavam olhares e palavras ternas. Os outros anos, o liame que unia

cada um a cada uma parecia-me palpável. Acreditava nos casais porque acreditava no casamento. No presente, via indivíduos dispostos uns em face de outros, ao acaso. De tempos em tempos a velha miragem ressuscitava; Maurice me parecia colado à minha pele, era meu marido como Colette minha filha, de maneira irreversível: uma ligação que se pode esquecer, perverter, mas jamais se aniquilar. E depois, dele a mim, nada vinha: dois estranhos. Tinha vontade de gritar: tudo é falso! Trata-se de comédia, de paródia. Beber junto champanha não é comungar. Voltando para casa, Maurice me beijou: — Foi uma boa noite, não acha?

Estava contente e distendido. Disse sim, é claro. O 31 passaremos o *réveillon* em casa de Isabelle.

1º DE JANEIRO

Não deveria rejubilar-me com o bom humor de Maurice: a verdadeira razão é que ele vai passar dez dias com Noellie.

Mas se ao preço de um sacrifício reencontro sua ternura, sua alegria quando antes era rígido e zangado, saio ganhando. Tínhamos de novo nos tornado em um casal, quando chegamos em casa de Isabelle. Mais ou menos cambaios, mais ou menos reconstruídos, mas apesar de tudo unidos, outros casais nos cercavam. Isabelle e Charles, os Couturier, Colette e Jean-Pierre e outros. Havia excelentes discos de *jazz*, eu bebi um pouco e, pela primeira vez desde... quanto tempo? sentime alegre. A alegria: uma transparência do ar, uma fluidez do tempo, uma facilidade em respirar: eu não pedia nada mais. Não sei como fui levada a falar das Salines de Ledoux e a descrevê-las em detalhe. Eles escutaram, fizeram perguntas, mas súbito, eu me perguntei se não tinha o ar de imitar Noellie, de querer brilhar de modo igual a ela e se Maurice, uma vez mais não me julgava irrisoriamente. Ele parecia um pouco crispado. Chamei Isabelle à parte: — Falei demais? Fiz papel ridículo?

— Mas não! — protestou ela — era muito interessante o que você disse!

Parecia aborrecida por me ver inquieta. Por que não tinha razão para estar? ou por que tinha? Mais tarde, perguntei a Maurice por que tinha o ar agastado:

— Eu não estava!

— Diz isto como se estivesse.

— Mas não!

Ê decerto minha pergunta que o aborrece. Não sei mais. Daqui em diante, sempre, por toda parte, por trás de minhas palavras e atos, haverá um lado

esquerdo que me escapa.

2 DE JANEIRO

Ontem à noite nós jantamos em casa de Colette. A coitada teve um trabalho enorme e não teve sucesso. Eu a olhava com os olhos de Maurice. Seu apartamento não tem graça, isto é certo. Mesmo para se vestir ou mobiliar a casa, ela não tem iniciativa. Jean-Pierre é muito gentil, em adoração diante dela. Um bom coração. Mas não se tem o que lhe dizer. Eles não saem e têm poucos amigos. Uma vida bem medíocre, bem tacanha. De novo, eu me perguntei com terror: é minha culpa se a brilhante aluna de liceu de quinze anos tornou-se essa jovem mulher apagada? Metamorfoses freqüentes. Vi muitas, parecidas. Mas talvez, todas as vezes fosse por culpa dos pais. Maurice esteve muito alegre, amigável, durante toda a noite e, saindo não fez comentários. Mas suponho que não deixava de pensar, pelo menos.

Achei bizarro que Maurice passasse todo o dia de ontem em casa, e a noite comigo, em casa de Colette. Tive uma suspeita e, agora há pouco, telefonei para a casa de Noellie: se ela tivesse atendido eu desligaria. Atendeu sua secretária: — Mme Guérard só retornará a Paris amanhã.

Como sou ingênua! Noellie não estando, eu sirvo para passar o tempo. Estou louca de raiva. Tenho vontade de por Maurice na rua, de acabar uma vez por todas.

Eu ataquei com violência. Ele me respondeu que Noellie partira porque havia decidido passar o réveillon comigo.

— Não! Eu me lembro, agora: ela passa sempre as festas com a filha, em casa do marido.

— Contava só ficar quatro dias. Olhava-me com aquele ar sincero que não lhe custa nada.

— Em todo o caso, vocês combinaram isso juntos!

— Evidentemente, eu lhe falei. Ergueu os ombros: — As mulheres só ficam contentes quando o que lhes damos é arrancado a outra por violência. O que conta não é a coisa em si mas a vitória conseguida.

Eles decidiram juntos e é claro que isso estraga todo o prazer que estes dias me deram. Se ela se opusesse, certamente, ele cederia. Então, eu dependo dela, de seus caprichos, de sua grandeza de alma ou de sua mesquinharia, de seus interesses, de fato.

Partem amanhã à noite para Courchevel. Perguntou-me se minha decisão não

foi um erro. Só toma quinze dias de férias em lugar de três semanas (o que é um sacrifício — me observou — tomando-se em conta sua paixão pelo esquí). Fica, portanto, cinco dias a mais do que pensava, com Noellie. E eu perco dez dias de convívio com ele. Ela terá muito tempo para adulá-lo. Na volta, vai me dizer que está tudo terminado entre nós. Acabei por me afogar! Digo isto com uma espécie de inércia. Sinto que de qualquer modo estou liquidada. Ele tem cuidados comigo, decerto tem medo que me suicide — o que está excluído — não quero morrer. Mas seu apego a Noellie não diminui.

15 DE JANEIRO

Deveria abrir uma lata de conserva. Ou me preparar um banho. Mas então continuariam meus pensamentos a bater caixa. Se escrevo, ocupo-me e isto permite-me fugir. Quantas horas sem comer? Quantos dias sem me lavar? Dei férias à empregada, enclausurei-me. Telefonaram com freqüência, tocaram a campainha duas vezes, não respondo nunca, salvo às oito da noite, a Maurice. Ele toca todos os dias, pontualmente, com uma voz ansiosa: — O que você fez hoje?

Respondo que vi Isabelle, Diana ou Colette, que fui ao concerto, ao cinema.

— E esta noite, o que vai fazer?

Digo que vou ver Diana ou Isabelle, que irei ao teatro. Ele insiste:

— Você vai bem? Dorme bem?

Tranqüilizo-o e lhe pergunto como está a neve: — não muito extraordinária e o tempo nada brilhante. Há melancolia em sua voz como se se desincumbisse, em Courchevel, de uma empreitada aborrecida. E eu sei que logo que desliga, chega rindo ao bar onde Noellie o espera e bebem drinques, comentando, com animação, os incidentes do dia.

Não foi o que eu escolhi?

Escolhi encerrar-me em meu túmulo. Não vejo nem o dia nem a noite. Quando a coisa vai mal demais, quando se torna intolerável, engulo álcool, tranqüilizantes ou soníferos. Quando melhora um pouco, tomo excitantes e me atiro a um romance policial. Fiz uma provisão deles. Quando o silêncio me sufoca, ligo o rádio e chega de um planeta longínquo uma voz que apenas compreendo: esse mundo tem seu tempo, suas horas, suas leis, sua linguagem, e cuidados, e divertimentos que me são radicalmente estranhos. A que grau de despreendimento se pode chegar quando se é só, segregado! O quarto tresanda a tabaco, a álcool, existem cinzas em toda parte, estou suja, as cobertas estão sujas,

o céu está sujo atrás das vidraças sujas; esta sujeira é uma concha que me protege, da qual não sairei nunca mais. Seria fácil deslizar um pouco mais longe no nada, até o ponto de não mais voltar. Tenho o que preciso na gaveta. Mas eu não quero, eu não quero! Tenho quarenta e quatro anos, é muito cedo para morrer, é injusto! Não posso mais viver. Não quero morrer. Durante duas semanas não escrevi nada neste caderno porque o reli. E vi que as palavras não diziam nada. As raivas, os pesadelos, o horror escapam à palavra. Deito coisas sobre o papel, quando retomo forças, no desespero ou na esperança. Mas a derrota, a degradação, a decomposição não estão marcadas nestas páginas. Depois, elas mentem tanto, se enganam tanto! Como fui manobrada! Lentamente, lentamente, Maurice me levou até a lhe dizer "Escolha"! a fim de me responder: "Não, eu não vou renunciar a Noellie!..." Oh! Não vou tornar a contar essa história. Não há uma linha neste diário que não peça uma retificação, um desmentido. Por exemplo, se eu comecei a escrevê-lo em Les Salines, não foi por causa de uma mocidade súbito recuperada nem para povoar minha solidão, mas para conjurar uma certa ansiedade que não se confessava. Ela estava escondida no fundo do silêncio e no calor daquela tarde inquietante, ligada às melancolias de Maurice e à sua partida. Sim, ao longo destas páginas eu pensava o que escrevia e pensava o contrário e, relendo-as, sinto-me completamente perdida. Há frases que me fazem corar de vergonha... "Sempre desejei a verdade e se a obtive é que a queria." Podemos nos enganar a esse ponto sobre a vida! Será que todo o mundo é tão cego ou sou uma imbecil entre as imbecis? Não somente uma imbecil. Eu me enganava. Como eu me enganei! Eu me repetia que Noellie não contava, que Maurice me preferia, e eu sabia perfeitamente que era falso. Retomei a caneta, não para voltar atrás mas porque o vazio era tão imenso em mim, em torno de mim, que era necessário este gesto de minha mão para me assegurar que ainda estava viva.

Às vezes eu me ponho nessa janela de onde o vi partir, um sábado de manhã, faz uma eternidade. Eu me dizia: "Ele não voltará". Mas não estava segura. Era a intuição fulgurante do que aconteceria mais tarde, do que aconteceu. Ele não voltou: não ele. E um dia, não haverá nem mesmo seu simulacro ao meu lado. O carro está lá, estacionado junto à calçada. Deixou-o. Ele significava sua presença e sua vista me aquecia. Agora, indica sua ausência. Partiu. Terá partido para sempre. Não viverei sem ele. Mas não quero me matar. Então?

Por quê? Bato com a cabeça nas paredes, neste impasse. Não amei durante vinte anos um sujo! Não sou, sem o saber, uma imbecil ou uma megera! Era real esse amor entre nós, era sólido: tão indestrutível quanto a verdade. Apenas,

havia o tempo que passava e eu não sabia. O rio do tempo, as erosões causadas pela água do rio: eis, aí houve a erosão de seu amor pelas águas do tempo. Mas, então, por que não do meu?!

Tirei da gaveta a caixa onde guardamos nossas velhas cartas. Todas as frases de Maurice que conheço de cor, têm, pelo menos, dez anos de idade. É como as lembranças. Preciso então acreditar que o amor apaixonado entre nós — pelo menos o dele por mim — só durou dez anos mas que sua lembrança repercutiu durante os outros dez anos seguidos, dando às coisas uma repercussão que elas verdadeiramente não tinham. Todavia, ele tinha os mesmos sorrisos, os mesmos olhares durante estes últimos anos. (Oh! — Se ao menos eu tornasse a encontrar esses olhares, esses sorrisos!) As cartas mais recentes são divertidas e ternas, mas destinadas às suas filhas quase tanto quanto a mim. De tempos em tempos, uma frase verdadeiramente calorosa contrasta com o tom ordinário: mas possuem algo constrangido. As lágrimas cegaram-me quando quis ler minhas cartas.

Reli-as. Ficou-me um sentimento de mal-estar. No início, estão de acordo com as de Maurice, ardentes e alegres. Mais tarde elas soam estranhas, vagamente queixosas, quase recriminativas. Afirmo com demasiada exaltação que nós nos amamos como no primeiro dia, exijo que me assegure, faço perguntas que ditam respostas: como puderam satisfazer-me quando sabia que as tinha arrancado? Mas eu não entendia. Esqueci muitas coisas. Que carta é essa que me escreveu e que eu lhe disse que queimei depois de seu telefonema? Lembro-me vagamente. Estava em Mougins com as crianças, ele preparava um exame, eu censurei-o por não me escrever bastante, respondeu-me com dureza. Com muita dureza. Pulei até o telefone, transtornada. Ele se desculpou. Suplicou-me para que queimasse a carta. Existem outros episódios que eu tenha enterrado? Imaginei que sempre fora de boa-fé. É horrível pensar que minha própria história não é mais que trevas, atrás de mim.

DIA SEGUINTE

Pobre Colette! Tivera o cuidado de telefonar-lhe duas vezes, com uma voz alegre, para que ela não se preocupasse. Mas de qualquer forma, espantou-se por não ir vê-la nem lhe pedir que viesse. Tocou a campainha e bateu na porta com tanta violência que a abri. Tomou um ar tão estupefato que me vi em seus olhos. Olhei o apartamento e fiquei estupefata, também. Forçou-me a fazer minha toilette e uma valise e ir instalar-me em sua casa. A empregada deixará tudo em

ordem. Logo que Jean-Pierre sai, eu me agarro a Colette, encho-a de perguntas. Brigávamos muito, seu pai e eu? Durante um certo período sim, e isso assustou-a, justamente porque até aí nós nos dávamos muito bem. Mas em seguida não houve mais cenas, pelo menos diante dela.

— De qualquer jeito, não era mais como antes?

Ela disse que era muito jovem para prestar atenção. Não me ajuda. Se fizesse um esforço poderia dar-me a chave dessa história. Parece-me sentir reticências em sua voz, como se ela também tivesse idéias guardadas. Quais? Teria ficado um caco? Verdadeiramente, um caco? Neste momento, eu estou, sim: descarnada, os cabelos mortos, a pele feia. Mas há oito anos? Isto eu não ousou perguntar-lhe. Ou serei tola? Ou, pelo menos, não suficientemente brilhante para Maurice? Terríveis perguntas quando não se tem o hábito de se interrogar a respeito de si próprio.

19 DE JANEIRO

Devo acreditar? Serei recompensada pelo esforço feito no sentido de deixar Maurice livre, de não me agarrar a ele? Pela primeira vez, depois de semanas, dormi sem pesadelos esta noite e qualquer coisa desapertou em minha garganta. A esperança. Frágil ainda, mas está aqui. Fui ao cabeleireiro, ao instituto de beleza, estava bem arrumada, a casa brilhando. Tinha mesmo comprado flores, quando Maurice chegou. Entretanto, sua primeira frase foi: — Com que cara você está!

É verdade que emagreci quatro quilos. Fiz Colette jurar que não lhe contaria em que estado me encontrou, mas estou quase certa que ela lhe falou. Enfim! talvez não tivesse errado. Ele me tomou em seus braços: — Minha pobre querida!

— Mas tudo vai bem — disse-lhe.

(Tomara Librium. Queria estar distendida.) Para meu estupor, foi em seus olhos que vi lágrimas:

— Comportei-me como um sujo!

— Não é sujeira amar outra mulher. Não é sua culpa. Ele disse, erguendo os ombros:

— Será que a amo?

Nutro-me com esta frase há dois dias. Passaram duas semanas juntos, no ócio e na beleza da montanha, e ele volta dizendo: "Será que a amo?" É uma partida que eu não ousaria jogar com sangue frio, mas meu desespero serviu-me. Essa

longa solidão a dois começou a gastar sua paixão. Repetiu: “Eu não queria isto! Eu não queria fazê-la tão infeliz!” Isso é um clichê que não me emociona. Se ele só tivesse tido um impulso de piedade, não teria retomado esperança. Mas perguntou bem alto, diante de mim: "Será que a amo?" E eu me disse que é talvez a amostra da descristalização que vai afastá-lo de Noellie e mo devolver.

23 DE JANEIRO

Passou todas as noites em casa. Comprou novos discos e nós ficamos ouvindo. Prometeu-me que, em fins de fevereiro, faremos uma pequena viagem no Midi.

As pessoas simpatizam mais com a desgraça do que com a felicidade. Conteí a Marie Lambert que em Courchevel, Noellie se havia desmascarado e que Maurice estava em vias de me ser devolvido, definitivamente. Ela disse, sem dar importância: — Se é definitivamente, tanto melhor.

No final, não me deu nenhum conselho válido. Estou certa de que falam de mim nas minhas costas. Eles têm suas ideiazinhas sobre toda a história e não me dizem. Confidenciei a Isabelle: — Você teve razão de me impedir de criar o irreparável. No fundo, Maurice jamais cessou de me amar.

— Suponho — respondeu em tom de dúvida.

Reagi, vivamente:

— Você supõe? Pensa que ele não me ama? Você me afirmava sempre o contrário. ..

— Não penso nada de preciso. Tenho a impressão de que ele próprio não sabe o que quer.

— O quê? Você soube alguma novidade?

— Absolutamente, não.

Não imagino o que possa ter sabido. Ela tem, simplesmente, espírito de contradição: confortava-me quando eu duvidava, duvida quando a confiança me volta.

24 DE JANEIRO

Deveria ter desligado, dito "Ele não está!" ou mesmo não responder nada. Que topete! E esse rosto transtornado de Maurice! Falar-lhe com firmeza, daqui a pouco, quando voltar. Lia os jornais ao meu lado, quando telefonaram. Noellie! É a primeira vez e é demais. Muito polida: — Desejava falar com Maurice.

Estüpidamente, passei-lhe o receptor. Ele falava pouco, tinha o ar terrivelmente aborrecido. Repetiu muitas vezes "Não, é impossível" e acabou por dizer: "Bem, eu vou". Quando desligou, eu gritei: — Você não irá! Ousar procurá-lo aqui!

— Escute: nós tivemos uma briga violenta. Ela está desesperada porque não lhe dei sinal de vida.

— Eu também, muitas vezes, fiquei desesperada e nunca o chamei em casa de Noellie.

— Eu lhe suplico. Não torne as coisas mais difíceis. Noellie é capaz de matar-se.

— Vamos!

— Você não a conhece!

Caminhava de um lado para outro, deu um pontapé numa poltrona e eu compreendi que, de qualquer jeito, ele iria. Durante tantos dias nós nos entendêramos tão bem que, de novo, fui covarde. Disse: "Vá". Mas logo que volte, eu lhe falarei. Não farei cenas, porém, não quero ser tratada como um traste.

25 DE JANEIRO

Estou desesperada. Ele telefonou para dizer que passava a noite com Noellie, que não a podia deixar no estado em que estava. Eu protestei, ele desligou, liguei a meu turno, o telefone tocou muito tempo e, depois, eles desligaram. Quase pulei num táxi e fui arrebentar a campainha da casa de Noellie. Não ousei afrontar o rosto de Maurice. Saí, caminhei no frio da noite, sem ver nada, sem parar, até o esgotamento. Um táxi me trouxe de volta e me atirei, vestida, no divã do living-room. Maurice me acordou: — Por que não se deitou?

Havia censura em sua voz. Cena terrível. Disse-lhe que só tinha passado aqueles dias comigo por estar brigado com Noellie, mas ao primeiro estalar de seus dedos ele voltava e eu podia arrebentar de tristeza.

— Você é injusta! — disse com indignação. — Se você quer saber, foi por sua causa que nós dois brigamos.

— Por mim?

— Ela queria prolongar nossa estada na montanha.

— Diga antes que ela queria que você acabasse comigo! Chorei, chorei, chorei.. .

— Você sabe bem que acabará por me deixar.

— Não.

30 DE JANEIRO

Que se passa? O que eles sabem? Não são mais os mesmos comigo. Isabelle anteontem... Fui agressiva com ela. Censurei-a por me haver dado maus conselhos. Desde o primeiro dia fiz concessões, engoli tudo: resultado — Maurice e Noellie me tratam como um traste. Ela defendeu-se um pouco. Não sabia, no início, que se tratava de uma ligação já antiga.

— E você não queria admitir que Maurice era um sujo.

Ela protestou:

— Não, Maurice não é um sujo! É um homem enalhado entre duas mulheres: nenhum é brilhante num caso como este.

— Não deveria ter criado essa situação.

— Isto acontece a gente muito boa.

É indulgente com Maurice porque aceitou muitas coisas de Charles. Mas entre eles era uma história muito diferente.

— Não creio mais que Maurice seja um bom sujeito — disse. — Descobri nele mesquinhas. Feri-o em sua vaidade por não me maravilhar com seus sucessos.

— Neste caso, você é injusta — declarou com uma espécie de severidade. — Se um homem gosta de falar de seu trabalho, não é por vaidade. Sempre me surpreendi por você se incomodar tão pouco em relação ao trabalho de Maurice.

— Não tenho nada de interessante a lhe dizer. . .

— Não. Mas ele, certamente, gostaria de pô-la ao corrente de suas dificuldades, de suas descobertas.

Veio-me uma suspeita:

— Você o viu? Ele lhe falou? Fez-lhe o cerco?

— Está sonhando!

— Espanta-me que você tome seu partido. Se ele é correto, então, sou eu que tenho todas as falhas.

— Absolutamente. As pessoas podem não se entender sem que nenhuma seja culpada.

Antes ela me falava de outra maneira. O que têm na ponta da língua e não me dizem?

Voltei desencorajada. Que recaída! Praticamente, ele passa todo o tempo com Noellie. Nos raros momentos que me concede evita ficar sozinho comigo. Leva-

me ao restaurante ou ao teatro. Tem razão. É menos penoso do que nos encontrarmos no que outrora foi nosso lar.

Colette e Jean-Pierre são encantadores. Eles se incomodam muito comigo. Levaram-me a um simpático restaurante de Saint-Germain-des-Prés onde se ouviam excelentes discos. Tocaram um blue que muitas vezes ouvi com Maurice. Ouvindo, compreendi que era todo meu passado, toda minha vida que me haviam roubado, que eu já havia perdido. Desmaiei bruscamente depois de haver dado, ao que parece, um pequeno grito. Recuperei a consciência pouco depois, mas Colette ficou impressionada. Encolerizou-se: — Eu não quero que você se martirize desse jeito! Tomando em conta o procedimento de papai, você deveria mandá-lo passear. Que vá viver com aquela mulherzinha. Você, pelo menos, ficará tranqüila.

Há apenas um mês ela não me teria dado esse conselho.

O fato é que se eu fosse boa jogadora diria a Maurice que se fosse. Mas minha última esperança é que Noellie de seu lado se enerve, faça cenas e se mostre sob seu pior aspecto. E também que minha boa vontade toque Maurice. E depois, mesmo que sua presença seja rara, aqui é a sua casa. Não vivo num deserto. Fraqueza, covardia... Não devo maltratar-me, não há razão. . . tento sobreviver.

Olho minha estatueta egípcia: ela foi bem colada. Nós a compramos juntos. Parecia penetrada de ternura, do azul do céu. Agora, parece nua, desolada. Tomo-a nas mãos e choro. Não posso mais usar o colar que Maurice me deu nos meus quarenta anos. Todos os objetos, todos os móveis em torno de mim foram lavados por um ácido. Só restou uma espécie de esqueleto pungente.

31 DE JANEIRO

Perco pé. Caio mais e mais, sempre mais. Maurice é previdente e gentil. Mas esconde mal a alegria de haver recuperado Noellie. Não diria mais: "Será que a amo?" Ontem eu jantava com Isabelle e me atirei no seu ombro, soluçando. Felizmente, era num bar bastante escuro. Ela diz que eu abuso de excitantes e de tranqüilizantes, que me estrago. (É verdade que estou péssima. Recomecei a perder sangue esta manhã, quinze dias antes da data da menstruação.) Marie Lambert me aconselha a procurar um psiquiatra, não um psicanalista, para um tratamento de apoio. Mas o que esse tratamento poderia fazer por mim?

2 DE FEVEREIRO

Outrora, eu tinha caráter, teria batido a porta na cara de Diana, mas agora, não sou mais que um trapo. Como pude me dar com ela? Divertia-me e, àquele tempo, nada tinha conseqüências.

— Oh! Como você emagreceu! Como tem o ar cansado!

Senti logo que vinha me visitar por curiosidade, por maldade. Não deveria tê-la recebido. Começou a bater com a língua nos dentes; eu não escutava. Bruscamente, atacou:

— Fico demasiado penalizada por vê-la neste estado. Reaja, mude de idéias, faça uma viagem, por exemplo. . . Se não vai ter uma depressão nervosa.

— Vou muito bem.

— Vamos, vamos! Você se consome. Chega um momento em que é preciso saber desligar.

Ela pareceu hesitar:

— Ninguém ousa dizer-lhe a verdade. Eu acho que, freqüentemente, por querer poupar demais as pessoas, só causa—

mos prejuízo. É preciso que você se convença que Maurice ama Noellie. É muito sério.

— Foi Noellie quem lhe disse isto?

— Não só Noellie. Amigos que os viram em Courchevel.

Tinham o ar absolutamente decididos de viverem juntos.

Tentei tomar um ar desenvolto:

— Maurice mente a Noellie tanto quanto a mim.

Diana olhou-me com comiseração.

— Em todo o caso, eu a preveni. Noellie não é o gênero de mulher que come mosca. Se Maurice não lhe dá o que ela quer, deixá-lo-á. E evidentemente, ele sabe. Eu me espantaria se não agisse conseqüentemente, ..

Saiu quase em seguida. Ouço-a daqui: "Essa coitada da Monique! O aspecto que tem! Ainda tem ilusões!" Vagabunda! Claro que ele ama Noellie, não iria me torturar por nada.

3 DE FEVEREIRO

Não deveria fazer perguntas. São armadilhas que lhe armo e ele, depressa, percebeu. Perguntei a Maurice:

— É verdade o que diz Noellie? Que você está decidido a viver com ela?

— Ela não diz certamente isto. Não é verdade.

Hesitou.

— O que eu teria vontade — eu não disse nada para ela porque concerne a você — é viver sozinho durante algum tempo. Existe uma tensão entre nós que desaparecerá se nós cessarmos — oh! provisoriamente — de morar juntos.

— Você quer me deixar?

— Claro que não. Nós nos veremos do mesmo modo.

— Eu não quero!

Gritei. Ele me pegou pelos ombros:

— Pare! Pare! — disse com doçura. — Era uma idéia no ar. Se ela lhe é tão penosa, eu renuncio.

Noellie quer que ele me deixe, ela insiste, faz cenas, estou certa. É ela quem o empurra. Eu não cederei.

6 DE FEVEREIRO, depois sem data

Que coragem inútil para as mais simples coisas, quando se perdeu o gosto de viver! À noite, preparo o bule de chá, a xícara, a caçarola, disponho cada coisa em seu lugar, para que, de manhã, a vida continue com o mínimo esforço possível. E é, apesar de tudo, quase insuportável, sair das cobertas, acordar para o dia. Faço vir a empregada à tarde, para poder ficar na cama tanto quanto quero, de manhã. Acontece-me levantar quando Maurice volta para almoçar. Ou se ele não vem, só quando Mme Dormoy faz virar a chave na fechadura. Maurice franze as sobrancelhas quando o acolho em peignoir e despenteada. Pensa que eu represento a comédia do desespero. Ou, pelo menos, que não faço o esforço necessário para "viver corretamente" a situação. Ele também faz seu sermão: — Deveria consultar um psiquiatra.

Continuo a perder sangue. Se minha vida pudesse escapar de mim sem que eu fizesse o mínimo esforço para isso!

Deve haver uma verdade. Eu precisaria tomar o avião para Nova Iorque e pedir a Lucienne a verdade. Ela não gosta de mim e me dirá. Então, pegarei tudo que é meu, tudo que me é nocivo, e porei as coisas em seu lugar, entre Maurice e eu.

Ontem à noite, quando Maurice voltou, eu estava sentada no living-room, no escuro, em robe de chambre. Era domingo, eu tinha me levantado no meio da tarde, comido presunto e bebido conhaque. E depois, fiquei sentada, seguindo os pensamentos que me turbilhonavam na cabeça. Antes de sua chegada, tomei

tranqüilizantes, e voltei a sentar na poltrona, sem mesmo ter a idéia de acender a luz.

— O que está fazendo? Por que não acendeu a luz?

— Para quê?

Ralhou comigo afetuosamente mas com um fundo de irritação. Por que não vejo meus amigos? Por que não vou ao cinema? Citou-me cinco filmes que deveria ver. É impossível. Houve um tempo em que eu podia ir ao cinema, mesmo ao teatro, sozinha. Era que eu não estava só. Havia sua presença em mim e em torno de mim. Agora, quando estou só, eu me digo "Estou sozinha". E tenho medo.

— Você não pode continuar desse jeito — ele me disse.

— Continuar o quê?

— A não comer, a não vestir, a se enterrar neste apartamento.

— Por que não?

— Você ficará doente. Ou gira. Eu não posso ajudá-la porque estou em causa. Mas lhe suplico: vá a um psiquiatra.

Disse não. Ele insistiu, insistiu, ao fim impacientou-se:

— Como quer sair disso? Não faz nada para ajudar!

— Sair do quê?

— Desse marasmo. Dir-se-ia que você se afunda de propósito.

Fechou-se em seu escritório. Pensa que lhe faço uma espécie de chantagem desgraçada para assustá-lo e evitar que me deixe. Terá razão, pode ser. Será que sei quem sou? Decerto uma espécie de sanguessuga a se nutrir da vida dos outros: a de Maurice, de minhas filhas, de todos esses pobres rebotalhos aos quais pretendia ajudar. Uma egoísta que recusa largar[^] a presa. Eu bebo, eu não me cuido, deixo-me adoecer, com a intenção inconfessada de enternecê-lo. Cheia de truques, apodrecida até os ossos, representando como comediante, explorando sua piedade. Deveria dizer-lhe que fosse viver com Noellie e ser feliz. Mas eu não consigo.

A outra noite, em sonhos, eu tinha um vestido azul e o céu estava azul.

Esses sorrisos, esses olhares, essas palavras não podem ter desaparecido. Flutuam no apartamento. As palavras, com freqüência eu as ouço. Uma voz diz ao meu ouvido, bem distintamente: "Minha pequena, minha querida, minha queridinha. .." Será necessário segurar no vôo os olhares, os sorrisos, e colocá-los de surpresa no rosto de Maurice, e então, tudo será como antes.

Continuo a perder sangue. Tenho medo.

"Quando se está tão por baixo, só se pode é subir", disse Marie Lambert. Que

estupidez! Pode-se sempre descer mais baixo e mais baixo e ainda mais baixo. É sem fundo. Ela diz isso para se desembaraçar de mim. Está farta de mim. Todos estão fartos. As tragédias têm isto: as pessoas se interessam, são curiosas, são boas. E quando se repetem e marcam passo tornam-se fastidiosas. Mesmo para mim, é tão fatigante! Isabelle, Diana, Colette, Marie Lambert, já estão cheias. E Maurice...

Um homem perdeu sua sombra. Não sei mais o que lhe aconteceu mas foi terrível. Eu perdi minha própria imagem. Não a olhava com frequência, mas num pano de fundo, ela estava, tal qual Maurice a havia pintado, para mim. Uma mulher direta, verdadeira, "autêntica", sem mesquinha nem preconceitos mas compreensiva, indulgente, sensível, profunda, atenta às coisas e às pessoas, apaixonadamente dedicada aos seres que ama e, criando para eles, a felicidade. Uma bela vida, serena e cumulada, "harmoniosa". Está escuro, eu não me vejo mais. E que enxergam os outros? Talvez algo hediondo.

Há conciliábulos às minhas costas. Entre Colette e seu pai, Isabelle e Marie Lambert, Isabelle e Maurice.

20 DE FEVEREIRO

Acabei por ceder. Tinha medo do sangue que perdia. Medo do silêncio. Tinha pegado o hábito de telefonar para Isabelle três vezes por dia, e para Colette no meio da noite. Então, agora, eu pago alguém para me ouvir. É impagável! Ele insistiu para que eu retomasse este diário. Compreendo bem seu truque: tenta restituir meu interesse por mim mesma, restituir minha identidade. Mas para mim, só conta Maurice. Eu, o que é isto? Nunca me incomodei comigo. Estava garantida, pois que ele me amava. Se já não me ama ... Só esta passagem me preocupa: por que mereci não ser mais amada? Ou não mereci e ele é um sujo, e decerto deverei castigá-lo e a sua cúmplice junto? O Dr. Marquet toma as coisas por outro lado: meu pai, minha mãe, a morte de meu pai. Quer me fazer falar de mim que só tenho vontade de falar de Maurice e de Noellie. De qualquer modo, perguntei-lhe se me achava inteligente. Sim, certamente. Mas a inteligência não é uma faculdade separada. Quando me entrego às obsessões, minha inteligência não é mais disponível.

Maurice me trata com a mistura de delicadeza e surda irritação que se tem em relação aos doentes. É paciente, paciente até me dar vontade de urrar, coisa que faço, às vezes. Ficar louca, seria uma boa maneira de fugir. Mas Marquet me assegura que isso não é ameaça, estou sòlidamente estruturada. Mesmo com o

álcool e as drogas nunca me perdi bastante tempo. É uma saída que me é vedada.

23 DE FEVEREIRO

A hemorragia parou. E consigo comer um pouco. Mme Dormoy estava radiosa ontem porque eu engolira todo o seu soufflé de queijo. Ela é tocante. Durante esse longo pesadelo do qual começo a emergir ninguém prestou mais socorro do que ela. Cada noite, eu encontrava sob meu travesseiro uma camisola fresca. Então, às vezes, em lugar de deitar toda vestida, eu vestia a camisola que me obrigava, por sua brancura, a fazer minha toilette. Ela me dizia, à tarde — "Eu lhe preparei um banho" e eu o tomava. Inventava pratos apetitosos, sem jamais fazer um comentário, uma pergunta. E eu tinha vergonha, vergonha de meu desmazelo, eu que sou rica, diante dela que é pobre.

"Colabore", pedia o Dr. Marquet. Bem que eu quero. Quero tentar reencontrar-me. Plantei-me diante do espelho: Como estou feia! Como meu corpo é desgracioso! Desde quando? Em minhas fotos de há dois anos, eu me acho agradável. Nas do ano passado não estou tão ruim, mas são fotografias de amador. Será a desgraça destes cinco meses que me mudou? Ou comecei a degradingolar faz muito tempo?

Faz uma semana escrevi para Lucienne. Respondeu-me com uma carta muito afetuosa. Está desolada com o que me acontece, e o que pede de melhor é falar comigo a respeito, se bem que não tenha nada de especial a me dizer. Sugere que vá vê-la em Nova Iorque, poderia arranjar-se para passar duas semanas lá, nós conversaríamos e depois isto me distrairia. Mas não quero partir agora. Quero lutar aqui.

Quando penso que eu dizia: "Eu não lutarei!"

26 DE FEVEREIRO

Obedeci ao psiquiatra, aceitei um trabalho. Vou à sala dos jornais da Nationale despojar velhas revistas médicas por conta de um tipo que escreve sobre a história da medicina. Não sei no que isto pode resolver meus problemas. Quando encho duas ou três fichas não encontro nenhuma satisfação.

3 DE MARÇO

Eis que chegamos a isto! Enviaram-me ao psiquiatra, fizeram-me ganhar

forças antes de me assentarem o golpe definitivo. É como aqueles médicos nazistas que reanimavam as vítimas para que recomeçassem a torturá-las. Gritei-lhe: nazista! Carrasco! Ele tinha o ar acabrunhado. Verdadeiramente, parecia ser a vítima. Chegou, mesmo, a dizer: — Monique! tenha um pouco de pena de mim!

Explicou-me de novo, com mil precauções, que a coabitação não nos era favorável, que não ia instalar-se em casa de Noellie, não, mas que ia tomar para si um pequeno apartamento. Isso não impediria de nos vermos nem mesmo de passarmos juntos pedaços de férias. Disse não, gritei, insultei-o. Desta vez, não disse que abandonava sua idéia.

Que blague, sua ergoterapia! Deixei esse trabalho cretino.

Penso na novela de Poe: os muros de ferro que se aproximam e o pêndulo em forma de faca a oscilar acima de meu coração. Em certos momentos ele pára, mas nunca sobe. Não está mais do que alguns centímetros de minha pele.

5 DE MARÇO

Contei ao psiquiatra nossa última cena. Ele me disse: 'Se tiver coragem, valerá a pena que ao menos por algum tempo se afaste de seu marido'. Será que Maurice pagou-o para dizer isso? Olhei-o bem de frente: — É curioso que não me tenha dito isto antes.

— Desejava que a idéia viesse da senhora.

— Ela não vem de mim mas de meu marido.

— Sim, mas de qualquer jeito, a senhora me falou a respeito.

E depois, começou a me embrulhar com histórias de personalidade perdida e reencontrada, de distâncias a se entre porem, de retorno a si próprio. Bobajadas.

8 DE MARÇO

O psiquiatra acabou por me desmoralizar. Não tenho mais forças, não tento lutar. Maurice está procurando um apartamento mobiliado: tem muita coisa em vista. Desta vez, eu nem protestei. No entanto, nossa conversa foi horrível. Disse, sem cólera, completamente abatida, vazia: — Teria feito melhor se me tivesse avisado desde a volta, ou mesmo em Mougins, que tinha decidido me deixar.

— Antes de tudo, eu não a deixo.

— Não faça jogo com as palavras.

— Em seguida, eu não tinha decidido nada. Uma nuvem passou em meus olhos.

— Você quer dizer que me pôs à prova durante seis meses e que eu perdi minha chance? É abominável.

— Mas não. É de mim que se trata. Esperava me arranjar entre Noellie e você. E fiquei tonto. Não consigo nem trabalhar.

— É Noellie que exige que você saia?

— Ela não suporta a situação como você.

— Se eu a suportasse melhor, você ficaria?

— Mas você não pode. Até a sua gentileza, o seu silêncio, me desolam.

— Você me deixa porque sofre demais com a piedade que lhe inspiro?

— Oh! eu lhe peço: compreenda-me! — disse, implorando.

— Eu compreendo — falei.

Decerto ele não mentia. Decerto, neste verão, não se tinha decidido. A frio, deveria parecer-lhe atroz a idéia de partir meu coração. Mas Noellie pressionou-o. Talvez ameaçasse romper? Então, finalmente, ele me dá o fora.

Repeti:

— Eu compreendo: Noellie o encostou na parede. Ou você me deixa ou ela dá o fora. Pois bem! ela, francamente, é ruim. Poderia muito bem aceitar que você guardasse um cantinho para mim em sua vida.

— Mas eu lhe guardo um, um lugar grande.

Ele hesitava: negar ou reconhecer que cedia a Noellie? Provoquei-o:

— Jamais pude imaginar que você cederia diante de uma chantagem.

— Não há troca nem chantagem. Tenho necessidade de um pouco de solidão e de silêncio, tenho necessidade de um lugar: você verá que tudo irá melhor entre nós.

Tinha escolhido a versão que lhe parecia me fazer menos mal. Seria verdadeira? Não saberei nunca. O que sei em contrapartida é que em um ano ou dois, quando eu me tiver habituado, ele viverá com Noellie. Onde estarei? No túmulo? Num hospício? Não interessa. Nada interessa...

Ele insiste — e também Colette e Isabelle, e mais ou menos eles tramaram isso juntos e quem sabe até sugeriram a Lucienne o convite feito — em que eu vá passar duas semanas em Nova Iorque. Será menos penoso para mim que ele mude durante minha ausência — explicam-me. O fato é que, quando ele esvaziar seus armários não me será possível evitar uma crise de nervos. Bom. Eu cedo ainda uma vez. Lucienne ajudará talvez a que me compreenda, se bem que, no presente isto não tenha mais nenhuma importância.

15 DE MARÇO, NOVA IORQUE

Não posso me impedir de esperar o telegrama ou o telefonema de Maurice me anunciando "Rompi com Noellie" ou simplesmente "Mudei de opinião. Fico em casa". E, naturalmente, ele não chega.

Dizer que eu poderia ficar tão alegre visitando esta cidade e estou cega!

Maurice e Colette me conduziram ao aeroporto. Eu estava empanturrada de tranqüilizantes. Lucienne me receberia à chegada: uma bagagem que se transporta, uma enferma, uma débil mental. Dormi, não pensei em nada e aterrissei dentro da bruma. Como Lucienne ficou elegante! Não mais uma jovem e sim uma mulher muito segura de si. (Ela que detestava os adultos! Quando eu lhe dizia: reconheça que eu tenho razão, ficava furiosa: "Você erra em ter razão!") Conduziu-me de carro até um bonito apartamento que uma amiga lhe emprestou por duas semanas, na rua 50. E enquanto desfazia minhas valises, eu pensava "Vou forçá-la a me explicar tudo. Saberei por que fui condenada. Será menos insuportável que a ignorância". Ela me disse: — Você fica muito bem mais magra.

— Eu estava muito gorda?

— Um pouco. Está bem melhor.

Sua voz pausada me intimidava. Apesar de tudo, à noite, tentei falar-lhe. (Tomávamos drinques num bar barulhento onde fazia muito calor.)

— Você viu nossa vida — disse-lhe — e, até você era muito crítica em relação a mim. Não tenha medo de me ferir. Tente explicar-me por que seu pai cessou de me amar.

Ela sorriu com um pouco de piedade:

— Mas mamãe, depois de quinze anos de casamento, é natural que não se ame a mulher mais. O contrário é que seria espantoso!

— Existem pessoas que se amam a vida inteira.

— Elas fingem.

— Escute. Não me responda com generalizações, como os outros: é normal, é natural. Isto não me satisfaz. Certamente, eu tive erros. Quais?

— Errou acreditando que as histórias de amor duravam. Eu compreendi: quando começo a me agarrar muito com um tipo, arranjo outro.

— Então você não amará nunca!

— Não, é claro. Você vê onde isso nos leva.

— Para que viver se não se ama ninguém? Não posso desejar não ter amado

Maurice nem mesmo hoje não mais amá-lo. Eu queria que ele me amasse.

Nos dias seguintes, insisti:

— Olhe Isabelle, Diana e os Couturier — apesar de tudo, existem casamentos duráveis.

— É uma questão de estatística. Quando você aposta no amor conjugai, você ganha a vantagem de ser abandonada aos quarenta anos, as mãos vazias. Tirou um mau número, mas não é a única.

— Não atravessei o oceano para ouvi-la dizer banalidades.

— É tão pouco banalidade que você não tinha jamais pensado e não quer nem mesmo admitir.

— As estatísticas não explicam o que acontece a mim!

Ela levanta os ombros, desvia a conversa, me leva ao teatro, ao cinema, me faz visitar a cidade. Mas eu me encarniço:

— Você tinha a impressão que eu não compreendia seu pai, que não estava à sua altura?

— Aos quinze anos, por certo, como todas as meninas enamoradas do pai.

— Diga exatamente o que pensava.

— Que você não o admirava bastante. Para mim, era uma espécie de super-homem.

— Claro que errei em não me interessar mais por seus trabalhos. Acredita que ele me quisesse mal?

— Por causa disso só?

— Disso e de outras coisas.

— Não, com o meu conhecimento.

— Brigávamos muito?

— Não. Não diante de mim.

— Parece que em 55... Colette se lembra.

— Porque era seu rabo de saia. É mais velha do que eu.

— Então, por que motivo você julga que seu pai me deixa?

— Com freqüência, os homens nessa idade têm vontade de começar uma vida nova. Imaginam que ela será nova toda a vida.

Verdadeiramente, eu não tiro nada de Lucienne. Pensará tanto mal de mim que julga impossível me dizer?

16 DE MARÇO

— Você não quer falar a meu respeito: pensa tanto mal de mim?

— Que idéia!

— Eu repito muito, é verdade. Mas quero ver meu passado com clareza.

— É o futuro que conta. Arranje um homem, divirta-se com ele.

— Não. Preciso de seu pai.

— Talvez ele lhe volte.

— Você sabe perfeitamente que não.

Nós tivemos dez vezes essa conversa. A ela também eu aborreço. Exaspero-a. Talvez se eu a exasperar mais ela termine por explicar e me falar. Mas é de uma paciência que me desencoraja. Quem sabe se eles lhe escreveram para expor meu caso e exortá-la a me suportar?

Meu Deus, uma vida é tão plana! É clara, escorrega da fonte quando tudo vai bem. E basta um esbarrão. Descobre--se que é opaca, que não se sabe nada sobre as pessoas, sobre si próprio e os outros: o que são, o que pensam, o que fazem, como nos vêem.

Indaguei-lhe como julgava o pai.

— Oh! Eu não julgo ninguém.

— Você não acha que ele se comportou como um sujo?

— Francamente, não. Ele tem, certamente, ilusões quanto a essa mulherzinha. É um ingênuo, não um sujo.

— Acha que ele tem o direito de me sacrificar?

— Evidentemente, é duro para você. Mas por que ele deveria sacrificar-se? Eu sei bem que não farei sacrifícios por ninguém.

Ela disse isto com uma espécie de basófia. Será tão dura quanto quer parecer? Eu me pergunto. Parece muito menos segura do que pensei antes. Ontem interoguei-a:

— Escute, eu queria que você fosse sincera comigo, preciso disso — seu pai me mentiu tanto! Foi por minha causa que você veio para a América?

— Que idéia!

— Seu pai está persuadido. E tem muita raiva de mim por isso. Sei bem que a oprimia. Sempre a oprimi.

— Digamos antes que eu não sou dotada para a vida de família.

— Era a minha presença que você não suportava. Partiu para se libertar de mim.

— Não exageremos. Você não me oprimia. Não. Eu somente quis ver se podia voar por minhas próprias asas.

— Você sabe agora.

— Sim, eu sei que posso.

— Você é feliz?

— Essa é uma de suas palavras. Para mim não tem sentido.

— Então, quer dizer que você não é feliz.

Respondeu em tom agressivo:

— Minha vida me convém perfeitamente.

Trabalhos, saídas, breves encontros: acho essa existência árida. Ela é brusca, tem impaciências — não somente comigo — que me parecem trair uma contrariedade. Isso também é minha culpa, essa recusa de amor. Meu sentimentalismo enojou-a, fez tudo para não se parecer comigo. Há qualquer coisa dura, quase ingrata em suas maneiras. Apresentou-me alguns de seus amigos e fiquei espantada com sua atitude para com eles: sempre de pé atrás, distante, cortante. Seu riso não tem alegria.

20 DE MARÇO

Qualquer coisa está errada com Lucienne. Há nela, hesito em escrever a palavra — ela me causa horror mas é a que convém: maldade. Crítica, sardônica, língua afiada. Sempre foi assim, mas agora é com verdadeira malevolência que põe em pedaços as pessoas que chama de amigos. Agrada-lhe dizer-lhes verdades desagradáveis. São simples relações, de fato. Fez um esforço para me apresentar pessoas mas, no geral, vive muito só. A maldade é uma defesa? Contra quê? Em todo o caso, ela não é, como eu imaginava de Paris, a moça forte, radiosa, equilibrada. Será que lhes faltei, às duas? Não, oh, não!

Perguntei-lhe:

— Você acha, como seu pai, que Colette fez um casamento cretino?

— Ela fez o casamento que devia fazer. Só sonhava com o amor, era fatal que caísse pelo primeiro rapaz que encontrasse.

— Foi por minha causa que ela era assim?

Riu o seu riso sem alegria:

— Você sempre teve um senso muito exagerado de suas responsabilidades.

Insisti. Segundo ela, o que conta na infância é a situação psicanalítica, tal qual existe, à revelia dos pais, quase malgrado eles... A educação no que ela tem de consciente, de deliberado, isto seria muito secundário. Minhas responsabilidades seriam nulas. Magro consolo. Eu não pensava ter de me defender de culpas: minhas filhas eram meu orgulho.

Perguntei-lhe também:

— Como me vê?

Ela me olhou com espanto.

— Quero dizer: como me despreveria?

— Você é muito francesa, muito soft como se diz aqui. Muito idealista também. Falta-lhe defesa. É o seu único defeito.

— Só esse?

— Mas sim. Fora isso você é viva, alegre, encantadora...

Antes de mais nada, sua descrição era sumária. Repeti:

— Viva, alegre, encantadora...

Ela pareceu constrangida:

— Como você própria se vê?

— Como um pântano. Tudo está engolido na lama.

— Você vai se recuperar.

Não, e decerto isso é o pior. Percebo somente agora que estima, no fundo, eu tinha por mim. Mas todas as palavras, com as quais tentaria justificar essa estima, Maurice as assassinou.

Renegou o código através do qual eu julgava os outros e me julgava. Nunca sonhei em contestá-lo, quer dizer, em me contestar. E no presente, eu me pergunto: em nome do que preferir a vida interior à vida mundana, a contemplação às frivolidades, a dedicação à ambição? Não tinha outra ambição a não ser criar a felicidade a minha volta. Não fiz Maurice feliz. E minhas filhas não o são também. Então? Não sei mais nada. Não somente quem sou mas como deveria ser. O negro e o branco se confundem, o mundo é um amálgama e eu não tenho mais contorno. Como viver sem acreditar em nada nem em mim mesma?

Lucienne está escandalizada por Nova Iorque me interessar tão pouco. Antes, eu não saía muito de minha concha mas quando saía me interessava por tudo: pelas paisagens, pelas gentes, pelos museus, pelas ruas. Agora sou uma morta. Morta que tem quantos anos para desfiar? Quando abro os olhos de manhã já me parece impossível chegar ao fim do dia. Ontem, em meu banho, só levantar um braço já era problema: por que levantar um braço, por que pôr um pé em frente do outro? Quando estou só, eu fico imóvel, durante minutos, na beira da calçada, inteiramente paralisada.

23 DE MARÇO

Parto amanhã. À minha volta, a noite é sempre espessa. Telegrafei para pedir que Maurice não viesse em Orly. Não tenho coragem de afrontá-lo. Terá partido. Eu chego e ele terá partido.

24 DE MARÇO

Eis que Colette e Jean-Pierre me esperavam. Jantei em casa deles. Acompanharam-me até aqui. A janela estava escura. Sempre estará escura. Nós subimos a escada, colocaram as valises no living-room. Não quis que Colette ficasse para dormir. É preciso que eu me habitue. Sentei-me diante da mesa. Estou sentada. E olho essas duas portas: o escritório de Maurice, nosso quarto. Fechadas. Uma porta fechada, qualquer coisa que espreita, atrás. Ela não se abrirá se eu não me mexer. Não mexer. Jamais. Parar o tempo e a vida. Mas eu sei que mexerei. A porta se abrirá lentamente e eu verei o que tem detrás. É o futuro. A porta do futuro vai se abrir. Lentamente. Implacavelmente. Estou no limiar. Só existe esta porta e o que espreita atrás dela. Tenho medo. E não posso chamar ninguém por socorro.

Tenho medo.